



CATRACA LIVRE
A CIDADE NA SUA MÃO

conexão cultural

Ações de promoção do acesso e
fomento à democratização cultural
realizadas no interior de Minas Gerais.

conexão cultural

Ações de promoção do acesso e
fomento à democratização cultural
realizadas no interior de Minas Gerais.

Conexão Cultural

PUBLICAÇÃO

Coordenação

Alessandra Trindade e Lia Roitburd

Edição

Lia Roitburd e Julia Dietrich

Reportagem

Julia Dietrich e Raiana Ribeiro

Projeto Gráfico e Diagramação

Glaucia Cavalcante

Ilustrações

Otho Garbers

Revisão

Frank de Oliveira/Trisco Comunicação

PROJETO CONEXÃO CULTURAL

Realização

Catraca Livre

Coordenação

Gilberto Dimenstein

Gestão

Lia Roitburd

Coordenação de Formação: Conexão Cultural

Wagner Rodrigo

Direção Cultural

Alessandra Trindade/AT Cultural

Educadores

Alexandre De Maio

Anderson Meneses

Julia Dietrich

Keila Baraçal

Nayara Coutinho

Tiago Torres Gomes

su- má- rio

- 09 Como funciona
este guia
- 17 Ponto de
partida
- 31 Formação:
estruturando caminhos
coletivos
- 79 Processo, resultados
e propostas
futuras
- 95 O Passo a
passo
- 129 **Posfácio**
- 143 **Apêndice**

Apresentação

Há mais de dez anos, o Instituto Votorantim investe recursos, diretamente ou por meio das empresas do Grupo Votorantim, para contribuir para o desenvolvimento socio-econômico das localidades em que estamos presentes.

Estamos cientes de que cada município tem sua história, sua geografia e sua identidade. E sabemos que é preciso estarmos conectados com essas singularidades para entender de onde vêm os desafios e as demandas dessa comunidade. Queremos entender, em conjunto, como podemos ser parceiros na melhoria da qualidade de vida de todos – que é, afinal, o que estamos buscando.

O projeto Conexão Cultural tem o objetivo de resgatar e celebrar as manifestações culturais locais. A lógica é que o acervo cultural sempre está presente em qualquer município: a beleza cênica, as festas tradicionais, as bandas de fanfarra, as histórias populares, a arte local etc. Aos participantes do Conexão Cultural ficou o desafio de refrescar o olhar – reconhecer o valor que as coisas têm –, de registrar e divulgar esse conteúdo. Queremos que as pessoas tenham orgulho de sua cidade e se responsabilizem por seu futuro. A cidade será sempre bonita e próspera quando seus moradores se organizarem para isso.

No caso da Votorantim Cimentos em Itaú de Minas e da Votorantim Metais em Fortaleza de Minas, sabemos que somos parte integrante dessas comunidades, e que também constituímos a identidade dessas cidades hoje. Ficamos felizes em colaborar na formação de jovens de perfil mobilizador, que acreditam na importância de ampliar o acesso à cultura.

Esperamos que os grupos já constituídos se fortaleçam, se renovem de tempos em tempos e mantenham os olhos aguçados. E esperamos que outras cidades se inspirem nesse projeto piloto, repliquem a metodologia e celebrem também a riqueza de sua cultura local.

**INSTITUTO VOTORANTIM, VOTORANTIM CIMENTOS
E VOTORANTIM METAIS**

Esta publicação
é um importante
passo para o
Catraca Livre

A oportunidade de compartilharmos uma história, um aprendizado, uma realização.

Foram meses de empenho da equipe, dos jovens envolvidos. Dos familiares, dos moradores das cidades envolvidas. Dos representantes do comércio, das organizações locais.

Acreditamos no jovem como protagonista. E vemos a cidade como extensão do processo educativo. Que o texto a seguir seja inspirador, incite novas ideias e facilite a criação de novos sites pelo país.

Que a cultura esteja sempre conectada a processos educativos. E que a comunicação possa ajudar a estreitar os laços necessários.

Parabéns a todos os envolvidos. E boa sorte aos protagonistas que virão!

GILBERTO DIMENSTEIN, CATRACA LIVRE



Foto: Wagner Silva



Como funciona
este guia

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, a palavra cultura está cada vez mais presente no vocabulário da nossa sociedade, seja na agenda das políticas públicas, seja nas iniciativas locais de organizações sociais e de coletivos, seja nas ações de promoção dos direitos humanos. É muito comum, no dia a dia, escutarmos falar sobre a importância que a cultura tem no sentido de garantir o desenvolvimento integral das pessoas e o desenvolvimento das comunidades e cidades como um todo.

Mas, quando se tenta definir essa palavra e entender o que é cultura, especialistas e formadores de opinião têm diferentes visões e perspectivas. Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, a palavra cultura, entre outros significados, corresponde a “cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social”, a “conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo”, a “forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais de um lugar ou período específico” e ainda a “complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins”.¹

Ou seja, quando falamos em cultura, estamos sujeitos a discutir inúmeros assuntos a ela relacionados: das belas-artes às práticas e hábitos de uma determinada população. Ora, nesse rápido percurso pelo dicionário, percebemos que o caminho que essa palavra traça é bastante complexo e difícil de expressar em um sinônimo de fácil compreensão.

E foi justamente nesse cenário de complexidade e

Catraca Livre

Criado em 2008 pelo jornalista Gilberto Dimenstein, o Catraca Livre é um site diferente. Estruturado com base no mote “a cidade na sua mão”, oferece dicas gratuitas ou a preços acessíveis de atividades culturais, de lazer, educação e serviços de saúde e iniciativas cidadãs, que buscam melhorar a qualidade de vida dos leitores (até julho de 2013, com foco nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro). O Catraca enxerga o espaço público e o privado como um grande caldeirão de oportunidades educativas para o cidadão. Com o passar dos anos e o crescente sucesso da plataforma, o Catraca começou a estimular coletivos locais a produzirem informação regionalizada, buscando estender a agenda tradicional da cidade para os lugares mais afastados do olhar da grande mídia. Hoje, o site reúne uma rede de colaboradores nos mais diferentes bairros de São Paulo. Algo semelhante acontece na capital fluminense, por meio da Rede Catraca.

1 HOUAISS, A. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Uol, 2013. Acesso em 2/4/2013.

de múltiplas possibilidades que o Conselho Local de Itaú de Minas, composto por diferentes membros do poder público, comércio, indústria e instituições não governamentais, escolheu o tema cultura para investigar. Com o apoio da Votorantim Cimentos e do Instituto Votorantim, o Conselho de Itaú de Minas chamou o Catraca Livre – experiência jornalística que busca, por meio da divulgação de oportunidades gratuitas e a preço popular, incentivar as cidades a serem mais criativas – para desenvolver um projeto cultural na região.

Diante da oportunidade que se abria e com a expertise do próprio Catraca, foi criado o projeto Conexão Cultural, cujo principal objetivo era formar jovens para a criação e a gestão de um site sobre cultura local para a cidade de Itaú de Minas. A ideia era que a juventude fosse impulsionadora de um novo movimento na região. Esse movimento previa que as possibilidades culturais, antes escondidas, ganhassem destaque e reformassem o próprio tecido social de maneira harmônica com os desejos da cidade – e ainda assim revolucionária, transformando o modo como os moradores viam e consumiam as produções culturais de onde vivem.

Com o intuito de perceber como a proposta funcionaria em outras comunidades, o Catraca Livre e a Votorantim convidaram duas cidades vizinhas a fazer parte da empreitada. O Conexão Cultural passou então a atuar com o apoio do Ministério da Cultura, por meio da Lei Rouanet, não só em Itaú de Minas, mas em Pratápolis e Fortaleza de Minas, cidades que estão a mais ou menos 20 km uma da outra.

Assim, com o objetivo de contar essa experiência, validando a voz dos sujeitos nela envolvidos e ressaltando os aprendizados desse piloto, a Votorantim e o Catraca Livre apresentam esta sistematização. Criada como uma espécie de guia teórico e prático, a publicação tem a seguinte estrutura:

Ponto de **partida**

Nesse capítulo, descrevemos as cidades em que a metodologia foi desenvolvida, indicando quem foram os atores fundamentais para a concretização da proposta. Afinal, para entender o processo de funcionamento do Conexão Cultural, é preciso compreender de onde partimos, identificando as características, semelhanças e diferenças de cada uma dessas localidades. Página 17.

Formação: estruturando caminhos coletivos

Esse capítulo narra como o projeto Conexão Cultural foi construído – expõe a metodologia e o caminho percorrido, descrevendo como se deu a experiência em diálogo constante com quem fez parte dela: os jovens, os parceiros e os educadores envolvidos. Para tanto, o capítulo foi subdividido em três eixos: Cultura, Comunicação e Mobilização, os quais, como veremos no decorrer do texto, traçam um fio condutor que orienta a leitura do projeto. Página 31.

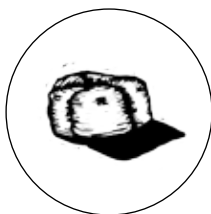
Processo, resultados e **propostas futuras**

Nesse capítulo, tratamos dos resultados que surgiram ao longo do projeto, discutindo como os jovens deram continuidade aos sites depois do processo formativo. Página 79.

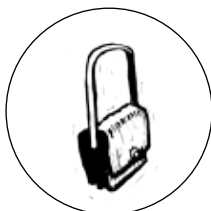
O passo a **passo**

Aqui aparecem as fichas metodológicas com as atividades realizadas durante a formação e no período de acompanhamento. Essas fichas também trazem dicas dos educadores envolvidos e indicações de leituras que complementam a metodologia. Página 95.

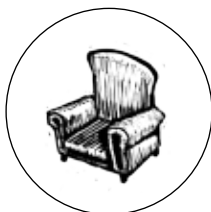
Para facilitar a leitura desses capítulos, há ícones ao longo de toda a publicação. Cada um deles apresenta a fala de alguém que ilustra a construção da metodologia e o percurso do Conexão Cultural. Veja só:



*Toda vez que encontrar este ícone, você será apresentado a um **FALA JOVEM**. Isso significa que lerá um depoimento de algum dos jovens envolvidos na formação e na gestão de um dos sites culturais.*



*Sempre que encontrar este ícone, você será apresentado a um **FALA EDUCADOR**. Ele precede o depoimento de um dos educadores ou parceiros envolvidos no Conexão Cultural.*



*Por fim, quando encontrar este ícone, você será apresentado à **FALA de alguém importante para a produção de conhecimento no nosso país**. Seleccionamos seis pessoas de destaque na cena nacional, que trabalham em diferentes frentes – da cultura ao estudo sobre a juventude atual – e que vêm desenvolvendo mudanças significativas no nosso cenário social. Os entrevistados participam da publicação, apresentando discussões que dialogam com o projeto, embora não falem dele especificamente. A ideia é mostrar, a partir de pessoas referenciais nos campos de juventude, comunicação e cultura, como esses temas têm sido trabalhados em nossa sociedade. Juntos, esses historiadores, sociólogos, comunicadores e educadores apoiam a obra, numa espécie de mosaico paralelo, discutindo a imensa riqueza cultural brasileira e a importância de jovens mobilizadores capazes de transformar a realidade em que vivem. Problematisando, questionando ou reiterando cenários e temas, esses entrevistados refletem os “porquês”, os “comos” e os “para onde” do projeto.*

CONHEÇA OS ESPECIALISTAS

Célio Turino. Paulista, é historiador, escritor e gestor de políticas públicas. Atuou por quatro anos no Ministério da Cultura e foi responsável pela criação dos Pontos de Cultura, programa cujo objetivo é democratizar o acesso à cultura no Brasil. Nesta publicação, o pesquisador discute a importância da descentralização da produção cultural e da garantia pública e governamental de políticas que a sustentem.

Dagmar Garroux (Tia Dag). Paulista, é criadora da Casa do Zezinho, centro educacional que atende cerca de 1.500 crianças e adolescentes moradores do Capão Redondo, bairro na periferia da cidade de São Paulo. Educadora por natureza, Tia Dag apresenta a importância da valorização da juventude e do papel que os jovens têm em sua comunidade.

Pablo Capilé. Cuiabano, é um dos fundadores do coletivo Fora do Eixo, rede de artistas e produtores que trabalha para difundir a produção cultural no Brasil. Capilé discorre sobre a importância de se pensar ações que contestem a hegemonia do eixo Rio-São Paulo em relação à produção cultural.

Paulo Lima. Cearense, vive hoje entre a Itália e São Paulo, é comunicador e diretor executivo da Viração, organização da sociedade civil que há dez anos promove práticas de educomunicação, educação e mobilização entre adolescentes e jovens. Nesta publicação, destaca a importância da participação juvenil por meio da comunicação na sociedade.

Tião Rocha. Mineiro, antropólogo e educador, é fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), ONG de Belo Horizonte que realiza projetos voltados para a educação popular e o desenvolvimento local, tendo a cultura como matéria-prima. Fala da importância da valorização da cultura local e de como a cultura é o carro-chefe da identidade de uma comunidade.

São as falas dos jovens, dos especialistas, dos parceiros e dos educadores, unidas ao longo da publicação e em diálogo com a narrativa, que o farão descobrir o caminho traçado pelo Conexão Cultural. Contudo, esperamos que este guia, mais do que funcionar como um passo a passo, seja um convite para que você, leitor, crie sua própria história e desenvolva atividades, projetos ou até sites de jornalismo local em sua comunidade. Afinal, a importância da atividade social é o seu significado no contexto em que se insere e sua capacidade de inovação. Assim, queremos que você participe dessa empreitada para contar e reconstruir nossa produção cultural.



Foto: Wagner Silva



Ponto de
partida

Toda boa história parte de um bom cenário. E, para o projeto Conexão Cultural, o contexto não podia ser melhor. A partir de um convite da Votorantim Cimentos, empresa do Grupo Votorantim, o projeto começou na cidade de Itaú de Minas, como ideia do Conselho Comunitário, formado por representantes da região preocupados com o coletivo, do qual fazem parte colaboradores da Votorantim Cimentos e que tem por objetivo apresentar soluções para questões locais por meio do engajamento e da colaboração dos membros.

Itaú de Minas está localizada no sudoeste mineiro, quase na fronteira com o nordeste do estado de São Paulo. Sua população, segundo estimativa do Censo 2012, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de pouco mais de 15 mil habitantes. Uma cidade bastante pequena quando comparada às metrópoles brasileiras e mesmo às grandes cidades do interior de Minas Gerais.

Caracteristicamente, essas pequenas cidades, embora tenham muitas vezes intensa produção artística e cultural, ficam à margem das oportunidades de divulgação. Em Itaú de Minas, são raros os shows e eventos, como peças teatrais ou exposições.

A falta de oportunidades, associada a um comércio localizado, com poucas possibilidades de crescimento, acaba levando os jovens a buscar outras cidades – tanto para estudar quanto para trabalhar. Para Vanilda Barbosa, 40, assistente social no Centro de Habilitação para Menores (Chame) e integrante do Conselho Comunitário de Itaú de Minas, a cidade tem poucas iniciativas para a juventude local e carece de espaços em que os jovens possam exercer sua criatividade e experimentar atividades que componham seu repertório formativo.

Em pouco tempo de discussão com o Conselho

Conselhos Comunitários

Segundo o Instituto Votorantim, ramo de responsabilidade social do grupo de mesmo nome, os Conselhos Comunitários são uma importante estratégia da organização para o desenvolvimento das comunidades onde a empresa atua. Em termos gerais, esses conselhos são agrupamentos de pessoas dos mais diversos setores da comunidade, reunindo lideranças locais e formadores de opinião que têm por objetivo desvelar oportunidades e discutir e propor soluções para questões que consideram importantes na região¹.

¹ Saiba mais sobre os Conselhos Comunitários no site: <http://www.institutovotorantim.org.br/pt-br/projetosApoiados/Paginas/conselhosComunitarios.aspx>.

Comunitário, segundo Wagner Rodrigo, coordenador de formação do projeto Conexão Cultural, o Catraca Livre percebeu que a proposta poderia se estender a cidades vizinhas, que compartilhavam o mesmo cenário e características de Itaú de Minas. “A proposta, em diálogo com a Votorantim, era testar a tecnologia trazida pelo Catraca em outros espaços e sistematizar a iniciativa para qualquer cidade – grande ou pequena –, de modo a garantir que a cultura fosse mais acessível e mais valorizada. Queremos que todos tenham a cidade em suas mãos”, explicou, ressaltando o mote do Catraca Livre.

Assim, em parceria com os atores envolvidos, a proposta do Conexão Cultural foi apresentada às cidades de Pratápolis e Fortaleza de Minas. Dadas as características da região – riqueza cultural desvalorizada e muitos jovens sem atividades –, parceiros locais das duas cidades identificaram-se bastante com a proposta e logo “abraçaram” a empreitada, buscando, assim como o Conselho Comunitário de Itaú de Minas, criar experiências que conectassem a juventude às suas comunidades.

A cidade de Pratápolis tem, segundo as estimativas do Censo do IBGE de 2012, cerca de 8.700 habitantes, e seu IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) era, em 2000, de 0,773, considerado médio pela tabela do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). Já Fortaleza de Minas, possui, segundo a estimativa de 2012 do IBGE, aproximadamente 4.150 habitantes.

Nas três cidades, serviços, pequenas indústrias e a agricultura são as principais atividades econômicas. Enquanto em Itaú de Minas predomina a indústria da Votorantim Cimentos, em Pratápolis prevalece o comércio e as pequenas indústrias; já em Fortaleza de Minas, a presença industrial se dá na produção de níquel e ácido sulfúrico, principalmente por meio da Votorantim Metais – também parte da Votorantim.

Localidade	IDH	Índice
Pratápolis	0,773	médio
Fortaleza de Minas	0,765	médio
Itaú de Minas	0,796	médio
Comparativos		
Passos	0,797	médio
Belo Horizonte	0,839	alto
Brasil	0,654	médio

(Só estão disponíveis os dados sobre os municípios relativos ao ano 2000. O IDH do Brasil em 2010 foi de 0,699. Contudo, a metodologia de cálculo do índice foi modificada, impossibilitando estudos comparativos entre 2000 e 2010.)

ORIGENS

Informações sobre as origens das três cidades variam muito de acordo com as fontes consultadas. Lendas e histórias regionais complementam o imaginário, estabelecendo diferentes possibilidades de criação para cada uma das localidades. Contudo, acredita-se que as primeiras formações populacionais da região surgiram como pequenos povoados, em decorrência da queda da exploração das minas de ouro do século XVIII. As famílias de mineradores passaram a se dedicar à agricultura e à pecuária, e acabaram investindo em pequenas plantações e pastos ao redor de Jacuí, cidade considerada “mãe” da região no ciclo de extração do metal dourado.

Acredita-se que um desses fazendeiros se chamava Sebastião Prata, o qual, segundo conta a história, permitia que gados de outros boiadeiros bebessem água do córrego local – em sua homenagem batizado de Córrego da Prata. Com o crescimento do povoado e a construção de uma pequena capela na região, nasceu a comunidade de Espírito Santo da Prata e, em 1919, data da chegada de uma estrada de ferro, a cidadela recebeu o nome de Pratápolis ².

Itaú de Minas, que até 1987 pertencia ao município de Pratápolis, teve sua origem na indústria de cimento e cal com a Companhia de Cimento Portland Itaú (CCPI), hoje Votorantim Cimentos. Sua população formou-se com o crescimento de Pratápolis e com a vocação para o extrativismo das jazidas de calcário e a fabricação de cimento.

Fortaleza de Minas, assim como Pratápolis, também surgiu da expansão populacional da cidade-mãe Jacuí. Novamente, mineradores começaram a povoar as terras

2 Informações disponíveis em <http://www.conhecaparaiso.com.br/pagina/10777/pratapolis.html> e em <http://pratapolis.webnode.com.pt/historia-de-pratapolis-e-outros/>.





Foto: Blog Se Liga na Prata!

vizinhas, investindo no cultivo agrícola e na pecuária. Ainda sobre sua origem, acredita-se que na região teria existido um quilombo onde morreu um escravo ao qual se atribuíam poderes milagrosos. Segundo um blog de turismo sobre a região, “a cruz que marcava o local em que o escravo morreu foi substituída por uma capela”, que deu origem ao povoado de Santa Cruz das Areias. Em 1962, com a emancipação do município das terras de Jacuí, a cidade passou a se chamar Fortaleza de Minas. Seu nome foi uma homenagem à Serra da Fortaleza, conjunto montanhoso da região.

RIQUEZA CULTURAL

Com essa origem bastante próspera, e que se mistura à história das riquezas brasileiras, essas cidades foram – e



Foto: Livia Rocha Portugal / Creado

continuam sendo – palco de inúmeras manifestações culturais que resgatam a tradição e os costumes típicos do sudoeste mineiro. Ainda hoje, as comunidades têm espaço para resgatar a história e a religiosidade locais e, mesmo à margem das atividades das grandes cidades de Minas Gerais e São Paulo, essa valorização encontra eco entre alguns grupos de moradores.

Nos meses de dezembro e janeiro, Pratápolis vira palco de importantes festas e apresentações de congadas. Tradicionais também em Itaú de Minas e Fortaleza de Minas, as congadas reúnem músicos e dançarinos ao redor das igrejas, fazendo promessas e convocando boas novas e alegrias para a população local.

Por terem uma comunidade majoritariamente católica, as cidades também celebram com muito afinho as festas santas, homenageando padroeiras e datas comemorativas bastante importantes na história local. E, como em toda cidade mineira, não faltam cozinheiros e cozinheiras de mão cheia que compartilham receitas muito especiais, regionais e típicas do sudoeste do estado. Da mesma maneira, as três cidades se destacam pela produção de artesanato, que engloba desde bonecas de pano a objetos de madeira e bordados.

Em localização privilegiada, as cidades estão cercadas de importantes – e ainda pouco visitadas – paisagens naturais. São cachoeiras, rios e matas com mirantes e variada fauna e flora. Por não terem grande investimento turístico, elas permanecem com uma vasta gama de possibilidades fracamente exploradas e recebem poucos visitantes, que vêm majoritariamente para estabelecer relações com o comércio ou a indústria locais.

ÊXODO DA JUVENTUDE

Contudo, mesmo com várias tradições culturais e riqueza de bens e pessoas nas cidades, há intenso movimento migratório, em especial da juventude, que as deixa em busca de outras oportunidades, que muitas vezes vão além da vida profissional. Movidos pela vontade de alçar novos voos e descobrir outros rumos, os jovens passam a lutar pela chance de efetivamente desenvolver seu poten-



FALA
JOVEM

*Evandro Rocha
Franklin*



Valorizando nossa cultura

"Itaú de Minas é uma cidade muito peculiar. É muito nova, já que foi emancipada há apenas 20 anos. É uma cidade com uma localização privilegiada, fica na rota entre São Paulo e Belo Horizonte, e recebe todas as influências das duas capitais com muita rapidez.

É uma cidade com muito bons artistas: são cronistas, escritores, poetas, músicos e contadores de histórias que produzem com a mesma qualidade das produções das cidades grandes. Contudo, por ser uma cidade basicamente de caráter industrial, há menor preocupação com a valorização cultural local.

Embora seja muito jovem e pequena, Itaú tem uma indústria muito forte. É formada por pessoas que prezam a cultura do trabalho, que guardam o dinheiro que recebem, que trabalham bastante e que têm pouco espaço para lazer em suas vidas. Itaú é uma cidade bem estável. Por conta dessa cultura industrial, são pessoas que não têm grandes arroubos financeiros: há certa permanência social, em um cenário em que as pessoas nem enriquecem, nem empobrecem.

A juventude que cresce na cidade e nas cidades vizinhas tem como maior realização conseguir um trabalho na indústria e preza a estabilidade. São incentivados por seus familiares, assim como por seus pais e avós, a se dedicarem à formação técnica que garanta emprego nos setores industriais. Ouso ainda dizer que quem trabalha na indústria ganha uma espécie de 'atestado de boa pessoa' na cidade.

Por conta dessa cultura, que certamente faz parte da cidade, o plano artístico e a valorização das expressões culturais ficam muito pouco defendidos. E, segundo amigos meus que nasceram e viveram em gerações anteriores, o cenário vem piorando. Cada vez mais há menor espaço para a valorização cultural. Não há um culpado; há um cenário que está posto e que nós da formação, os membros do Conselho e a Votorantim, identificamos como possível de transformar. Acredito que dá para fazer com que a estabilidade e a presença forte da indústria coexistam com uma cidade que participa ativamente da valorização de sua história, cultura e intensa produção artística."

Evandro Rocha Franklin, 23, estudante de engenharia elétrica e participante do projeto Conexão Cultural em Itaú de Minas. Atua como repórter e editor no site Queijo com Cultura.

cial. No caso das três cidades, é cada vez mais comum os jovens irem até Passos, localidade com mais de 100 mil habitantes (a 370 km de Belo Horizonte e aproximadamente 15 km de Itaú de Minas), para estudo e trabalho.

No cenário de cidades como Pratápolis, Itaú de Minas e Fortaleza de Minas – que, embora estejam em zonas rurais, não subsistem unicamente da produção agrícola –, a discussão se torna ainda mais complexa. Segundo Severina Sarah Lisboa, pesquisadora do tema que conduziu extenso estudo sobre os processos migratórios na Zona da Mata em Minas Gerais, a partir da década de 80, notou-se um novo padrão nos processos migratórios no país. Além do êxodo rural para zonas urbanas, as pessoas passaram a migrar de zonas urbanas para outras zonas urbanas. “Pode-se confirmar que a importância dos fatores econômicos se destaca como os motivos que levam a população a migrar. Quanto à não migração, os fatores de maior importância para fixação populacional são os subjetivos, principalmente culturais”³, cita a estudiosa em seu texto. É o caso que podemos detectar nas cidades onde aconteceu o projeto Conexão Cultural.

Para Vanilda Barbosa, da Chame, organização que atua na proteção e no atendimento a crianças e adolescentes de Itaú de Minas, a região pouco tem a oferecer à juventude, que muitas vezes fica fora dos processos administrativos e decisórios. “Nas três cidades, temos jovens líderes, muito atuantes na comunidade e que, por falta de oportunidades, acabam isolados, distantes das possibilidades de fazer uso desse potencial”, explica.

Outro parceiro do projeto em Itaú de Minas, o designer e um dos sócios fundadores da agência de publicidade Cre-

3 Lisboa, Severina Sarah. Da migração à não migração: O exemplo de pequenas cidades da Zona da Mata mineira. 2008. 134 f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://tinyurl.com/bt4x2gh>.

ato, Fernando Macedo, 28, concorda com a afirmação. Para ele, Itaú de Minas e a região têm características significativas que poderiam acolher melhor não só os jovens, mas a população em geral. "Itaú é uma cidade com muito potencial! A localização é uma grande qualidade. A cidade está em um trecho muito bom, entre Belo Horizonte e a capital paulista, pertinho do interior de São Paulo. Tudo passa por ali de alguma forma. A cidade tem uma grande indústria e uma educação de ótima qualidade. É um contrassenso porque tem muito a oferecer à população e forma muito bem as pessoas, mas estas acabam saindo da cidade e não ficando lá para desenvolverem seu potencial", conta.

Ele, assim como outros tantos jovens da região, ainda tem Itaú de Minas, sua cidade natal, como referência, mas escolheu viver em Passos. "Acredito que é preciso uma mudança cultural grande para que a população valorize a cidade e busque seu fortalecimento. Com tanto potencial, se a cidade tivesse um comércio forte e políticas locais que efetivamente garantissem esse crescimento, estou certo de que os jovens fixariam suas raízes por lá", complementa.

Para Tamara Oliveira Lopes, 21, professora de matemática, aprendiz na Votorantim Metais e participante do projeto Conexão Cultural por Fortaleza de Minas, assim como Pratápolis e Itaú de Minas, sua cidade tem muitos potenciais ainda não descobertos e que poderiam ser valorizados. "Quem sai daqui passa a vida querendo voltar", conta. Segundo a jovem, ela vive em uma comunidade muito bonita, que reúne histórias diversas, as quais compõem uma cultura única. "Aqui tem uma qualidade de vida muito boa e quase nada de violência. Aqui as pessoas se conhecem e, principalmente, se reconhecem na história da cidade", complementa.

A escolha da juventude como público

Segundo Lia Roitburd, gestora do Catraca Livre, a escolha da juventude como público veio do diálogo com o Instituto Votorantim e o Conselho Comunitário de Itaú de Minas, que tinha a ausência de políticas locais para os jovens como uma de suas preocupações. "Para o Catraca, esse desejo fazia muito sentido. Acreditamos que o jovem tem como característica própria uma maior disponibilidade para a carga horária das formações e um forte impulso proativo para a realização de ações do tipo", explica. Contudo, ela ressalta que o projeto, com as devidas adaptações, poderia ser feito com qualquer faixa etária e com grupos mistos, escolas ou coletivos já existentes.



Foto: Taiza Lopes

CONEXÃO CULTURAL COMO RESPOSTA

Foi assim que o Conexão Cultural surgiu como resposta às demandas locais. Para estimular o início de uma transformação que, segundo os moradores e parceiros das cidades, é muito necessária. A partir das formações, jovens das três cidades criaram – e passaram a alimentar – veículos de comunicação locais, cujas pautas valorizam a produção cultural da região.

Para Bruna Inácia Marcelino, 16, estudante do terceiro ano do ensino médio, moradora de Pratápolis e participante da formação do Conexão Cultural, o próprio processo formativo já se mostrou capaz de mudar a relação da juventude com a cidade. “Quando começamos a olhar para a nossa cidade e fomos convidados a escrever sobre ela, automaticamente tivemos que mudar nossa forma de ver e redescobrir o local em que vivemos todos os dias da



**FALA
EDUCADOR**

Wagner Rodrigo



Uma construção permanente

“Para apoiar esse projeto foi preciso que nós todos – educadores envolvidos – formássemos nosso repertório e aprendêssemos com as características e a rotina das cidades. Nossa função é trazer o máximo de possibilidades que inspirem as turmas, que motivem os jovens a querer transformar o espaço onde vivem. A ideia não é que eles sigam à risca o que dizemos, mas que construam seus próprios percursos de aprendizagem e formação, levando em conta aquilo que conhecem e que vivem diariamente em suas comunidades.

Ensiná-los a olhar para a cultura de suas próprias cidades é um processo vivo, permanente e contínuo. Cultura não é um bem pronto, não existe uma receita, um passo a passo. Pessoas não são linhas de produção; são uma imensa reunião de saberes, crenças, repertórios e histórias.

Contudo, não podemos dizer que os blogs sozinhos garantirão a valorização e o investimento na cultura local, e o apoio para que a juventude permaneça nas cidades. É necessário que isso venha amparado por um conjunto de políticas públicas, uma força governamental que forneça as condições necessárias para que isso aconteça. Mas a grande sacada está no fato de que esses blogs podem ser o start para isso. Os blogs podem mostrar o que não está sendo visto nas cidades e tornar essas questões públicas, impulsionando, por meio da comunicação, mudanças das relações entre as pessoas e suas comunidades.”

Wagner Rodrigo, 31, graduado em rádio e TV, pós-graduado em direção de arte e coordenador de formação do projeto Conexão Cultural.

nossa vida. Foi uma loucura perceber quão pouco conhecíamos da nossa própria casa”, explica.

Assim, foi justamente nessa perspectiva que se construiu o projeto. Como veremos nos capítulos seguintes, a formação estruturou-se em três grandes eixos. O primeiro consistiu em apresentar aos grupos uma discussão sobre a cultura local, desmistificando a ideia de que as cidades “não têm nada” ou têm pouco a oferecer. Em seguida, os jovens treinaram, na prática, as linguagens e ferramentas da comunicação, aprendendo a elaborar os blogs, que viraram o produto final e permanente do projeto. E, por fim, os grupos vivenciaram técnicas de mobilização, buscando tanto o avanço permanente dos acessos aos blogs e mídias sociais desenvolvidas quanto formas de gerenciar ações culturais e parcerias com os demais setores das comunidades.

Em pouquíssimo tempo – com menos de seis meses do início de trabalho dos blogs –, muita coisa mudou. “A comunidade nos parabeniza o tempo inteiro por estarmos trabalhando de um jeito próximo e colaborativo com a cidade. Não estamos aqui para criticar e sair: estamos aqui para transformar, com as pessoas, a realidade da nossa comunidade. Com a nossa linguagem jovem, estamos falando de tudo o que conseguimos, e isso tem dado certo”, explica Hiago Bruno, 16, estudante do terceiro ano do ensino médio e auxiliar técnico em uma loja de materiais de construção na cidade de Itaú de Minas.

Para ele, as mudanças já são visíveis e, embora o processo todo ainda seja muito recente, as três cidades já reconhecem a presença e a importância dos respectivos veículos. “Prova disso foi o evento de lançamento oficial do blog. Estávamos online há apenas dois meses e reunimos cerca de mil pessoas na praça central de Itaú”, conta, mostrando seu entusiasmo e alegria por ter vivenciado o processo formativo. “Aprendemos e continuamos aprendendo. É uma vivência que não acabará nunca”, complementa.



Foto: Wagner Silva



Formação:

estruturando caminhos
coletivos



O processo formativo do projeto Conexão Cultural foi elaborado a partir da metodologia de funcionamento do site Catraca Livre, que atua há quatro anos na região metropolitana de São Paulo – e, mais recentemente, na capital fluminense –, divulgando serviços e atividades culturais gratuitas ou a baixo custo.

Como a proposta era trabalhar com a juventude em uma perspectiva de resgate e valorização da cultura local, foram selecionados grupos de jovens das três cidades escolhidas para que desenvolvessem e alimentassem continuamente blogs sobre a cultura e a história de sua região.

Inicialmente, segundo Wagner Rodrigo, foi preciso compreender e sistematizar, a partir da experiência do Catraca Livre, o que esses grupos precisariam para colocar seus respectivos blogs no ar. “Foi como se fizessemos um levantamento daquilo que era preciso para que os grupos fossem efetivos comunicadores de suas cidades”, explica, ressaltando que as propostas iniciais foram adequadas em diálogo com as expectativas e necessidades apresentadas pelos participantes.

“Nós saímos com um plano inicial. Sabíamos que seria necessário trazer educadores que apresentassem as técnicas e ferramentas do jornalismo e das mídias sociais e sabíamos que precisaríamos formar a percepção cultural dos jovens. Contudo, sempre estivemos atentos para o que esses grupos nos apresentavam, pautando com os educadores a melhor forma de lidar com as questões trazidas no contexto das formações e expectativas das cidades”, complementa o coordenador.

Por isso, Wagner Rodrigo defende que, em iniciativas como a do Conexão, os proponentes tenham clareza de aonde querem chegar ao final da formação. No caso, a proposta definida em acordo com as lideranças comunitárias e com a Votorantim era bastante clara: formar jovens para que desvelassem os potenciais culturais locais

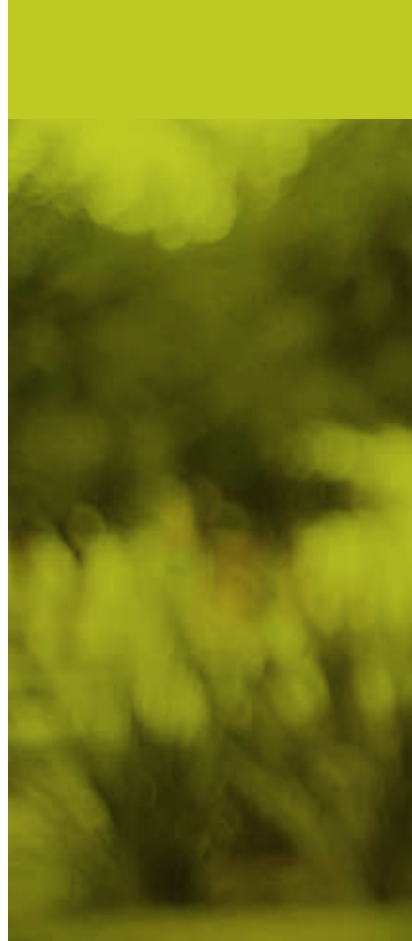




Foto: Wagner Silva

e fossem autores de um espaço virtual de disseminação dessas descobertas.

Para Lia Roitburd, as formações tinham como objetivo mostrar aos jovens que a valorização da cultura local e das cidades é essencial para que as pessoas vivam bem. “O convite para a estruturação do projeto fez com que nos mobilizássemos internamente para pensar em como replicar a essência do Catraca Livre em outras comunidades”, justifica. “Acreditamos nas pessoas, nas cidades como incubadoras de talentos. Na oportunidade de aprender em grupo. Quando informamos sobre possibilidades acessíveis a todos, usamos a comunicação para derrubar muros – mesmo os invisíveis.”

Para garantir um diálogo claro entre o processo, o produto e as expectativas do grupo, Wagner Rodrigo reitera a importância de vivenciar e conhecer de perto a realidade das cidades. “Para estarmos atentos, é preciso compre-

ender de onde esse jovem vem, do que ele fala, o que ele busca. Essa atenção é fundamental para o sucesso da formação e, por isso, os parceiros locais são tão importantes. Eles nos apresentam caminhos e cenários pelos quais podemos traçar o percurso da aprendizagem”, conta.

Mas, da mesma maneira como o projeto estava atento às necessidades dos jovens e à realidade das cidades, foi preciso estruturar um processo de seleção que desse conta não de excluir pessoas, mas de buscar aquelas que verdadeiramente se apresentavam com a vontade de colaborar e de transformar a realidade social.

“Nunca quisemos fazer um curso de jornalismo. A ideia era receber jovens interessados em, por meio da comunicação e da valorização cultural, mudar a cidade em que vivem”, explica Wagner Rodrigo.

Por isso, novamente com o apoio de parceiros locais – ativados pela rede que se formou para sustentar o projeto nas cidades –, jovens com as mais diversas características foram convidados a integrar os grupos. Os únicos requisitos eram ter entre 16 e 29 anos de idade e demonstrar interesse pela cultura local, além da disponibilidade para participar dos 16 dias de formação presencial.

Para Sandro Pacheco, 50, empresário e membro do Conselho Comunitário de Itaú de Minas, a credibilidade do Catraca Livre impulsionou os parceiros locais a divulgar e apoiar a seleção dos jovens que tivessem perfil para o projeto. “Entre as questões, nós queríamos encontrar jovens engajados e que pudessem, futuramente, envolver outros jovens, deixando o site e as formações como legado às gerações futuras”, conta.

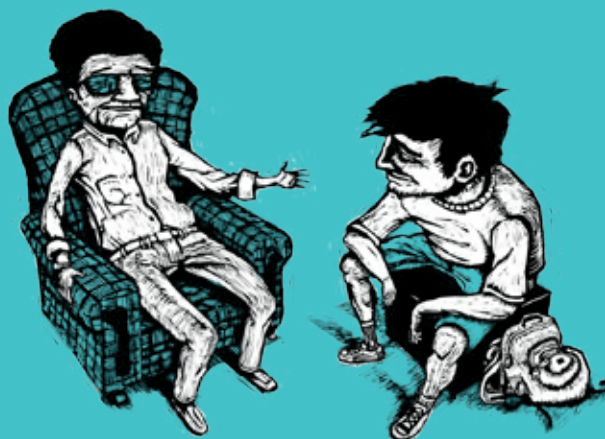
Outra parceira local, Niara Queirós Horsa, 32, assistente administrativa da Associação para o Desenvolvimento de Fortaleza de Minas (Adesfort), conta que encontrar esse jovem não foi tão simples. “Queríamos que o projeto fosse permanente em nossa cidade, e por isso tínhamos de

Dica importante

Em projetos de formação, o processo deve ser elaborado a partir de objetivos e metas. Antes de decidir quais atividades deverão ser realizadas, é preciso compreender o que se espera do aprendizado. É um produto? Uma prática? Uma experiência educativa?



FALA
TIA DAG



Juventude e participação

“O jovem tem potencial para transformar os locais onde vive. Por isso, é muito triste quando, por falta de oportunidades, precisa buscar realizações em outros espaços. Uma saída para evitar esse tipo de acontecimento seria o poder público mapear os equipamentos voltados para a juventude e democratizar a cidade e o acesso à cultura.

Essa é uma fase em que os encontros e a necessidade de diálogo de igual para igual são muito presentes. Não à toa os jovens procuram locais e projetos que trabalham com cultura. Não acho que a cultura está separada da educação, mas, como a escola ainda é um lugar muito fechado, eles vão atrás de outros canais para poder se expressar.

Dessa forma, acredito que envolvê-los em processos de participação seja uma boa estratégia para fortalecer tanto o território quanto a própria juventude. Ao mesmo tempo, é preciso ter clareza de que a fixação dos jovens em seus bairros, em suas cidades, não tem nada a ver com formação de ‘guetos’. Ao contrário, eles querem ficar nos seus locais de origem, mas também têm direito de ampliar suas possibilidades, conhecer outros lugares, vivenciar novas experiências, e isso é totalmente legítimo.”

Dagmar Garroux, conhecida como Tia Dag, é criadora da Casa do Zezinho, centro educacional que atende cerca de 1.500 crianças e adolescentes moradores do Capão Redondo, bairro da capital paulista. Baseada na Pedagogia do Arco-Íris, que valoriza quatro aspectos da formação do indivíduo – ser (espiritualidade), conhecer (ciências), saber (filosofia) e fazer (arte).

Tia Dag é uma entusiasta do potencial da juventude em processos de transformação dos territórios.



Foto: Blog Conexão Uai

procurar jovens que não estivessem lá só para a formação e pronto. Queríamos jovens que se envolvessem de verdade e quisessem disseminar a proposta, estruturando uma verdadeira rede de pessoas engajadas com a cultura local”, explica.

Por isso, o processo de seleção foi bastante cauteloso. Inicialmente, os parceiros locais divulgaram a proposta para os jovens da cidade. Escolas, projetos sociais e iniciativas como o Interact, programa do Rotary Club para a juventude, foram mobilizados para apoiar a apresentação da proposta ao maior número possível de pessoas.

Em seguida, foram abertas inscrições com uma ficha



Foto: Wagner Silva

de perguntas enviada pela equipe do Catraca Livre. “A partir desse questionário, nós conseguíamos levantar, ainda que de forma geral, o interesse do jovem e como ele se envolvia com a cidade”, explica Wagner Rodrigo. Com base nas inscrições e questionários preenchidos, parte dos jovens foi então chamada para uma atividade presencial e uma entrevista com a equipe de coordenação do projeto. Na formação, os jovens vivenciavam como se daria o processo na prática e, nas entrevistas, eram convidados a explicar, entre outros pontos, o que os motivava a participar. “Nossa ideia era justamente que o jovem percebesse, a partir dessa vivência, se aquele processo formativo atenderia às suas expectativas e se ele se engajaria verdadeiramente na proposta”, explica Wagner Rodrigo, ressaltando que alguns jovens, ao término das atividades, decidiram não participar da proposta por perceberem que ela não correspondia ao que desejavam.

Dica importante

Acesse sua rede de parceiros para encontrar osicineiros locais e o espaço para realizar a formação. Aproveite espaços que já tenham fim educativo, como, por exemplo, escolas ou associações (que possuam sala de reuniões, laboratórios de informática ou auditórios). Para atuar comoicineiros, procure professores das escolas e pessoas que, de alguma forma, trabalham com comunicação e cultura ou têm conhecimento dessas áreas: do adolescente que alimenta um blog sobre moda à professora de português, todos podem se tornar grandes formadores e compartilhar conhecimentos para um fim comum.

Para Marisa Sousa, 21, estudante do primeiro ano de administração de empresas e participante do grupo de Pratápolis, a seleção foi completamente diferente do que se esperava. “Ainda que não tivesse sido selecionada, eu já sairia satisfeita. Foi uma prévia do que seria o projeto: aprendemos ao mesmo tempo que víamos se era isso que queríamos para nós naquele momento”, observa. Na seleção, inclusive, os jovens dispuseram de espaço para discutir e opinar sobre vontades que teriam para a formação, compreendendo que eventuais alterações no programa pedagógico eram possíveis no projeto e que a equipe envolvida efetivamente mostrava preocupação em adequar a proposta à realidade local e à demanda dos jovens participantes.

“Fui convidado pela diretora da minha escola, que me deixou até sair mais cedo para fazer a inscrição. Ela sempre soube da minha paixão por comunicação e da minha intensa vontade de mudar as coisas na cidade. No lugar de apenas reclamar, ela sabia que, com a oportunidade, eu certamente correria atrás de fazer acontecer”, conta Lincon Igor Amorim, 17 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio e membro do grupo de Itaú de Minas.

Selecionado o grupo, começaram as formações. A carga horária foi bastante grande e incluiu atividades quinzenais aos sábados e domingos, das 10h às 17h, parando apenas para os intervalos de lanches e almoço. Para integrar a proposta das três cidades e permitir que os grupos aprendessem uns com os outros, todos os jovens participaram das atividades, juntos, na Escola Estadual Jorge Oliva, parceira do projeto em Itaú de Minas.

Foram realizadas oito oficinas de dois dias, com 112 horas de formação. Todas as atividades seguiram um padrão de organização, com abertura, pausas para lanches e almoço, avaliação e acordos em relação aos próximos passos. Estes eram muitas vezes tarefas que deveriam ser feitas ao longo das semanas seguintes, sem a presença dos educadores.

No intervalo entre os encontros quinzenais, os jovens eram convidados a realizar atividades referentes à oficina anterior e, a partir da quarta oficina, na qual os blogs foram estruturados, eles deram início à produção de pautas. “A ideia foi acompanhar as turmas ao passo que produziam. As oficinas eram um espaço formativo e também para apoiarmos, na prática, aquilo que fariam depois das formações”, explica Wagner Rodrigo.

Para ministrar as atividades, além da equipe de coordenação do projeto, foram chamados comunicadores especialistas nas diversas áreas da comunicação e gestão de projetos. Contudo, mais do que pelo fato de serem grandes conhecedores do tema, os educadores foram selecionados por sua habilidade de apresentar o cenário da produção jornalística de forma simples e compreensível. Com a proposta das oficinas, os jovens foram convidados a perceber que também poderiam ser jornalistas, valorizando, mais que o conhecimento técnico específico, a vontade de descobrir e contar histórias sobre suas comunidades.

Para Keila Baraçal, jornalista e responsável por ministrar a oficina de Texto Jornalístico no projeto, é fundamental que o educador, independentemente da sua formação, possa inspirar os participantes a discutir e criar uma proposta coletiva de trabalho que esteja de acordo com o projeto. “No nosso caso, queríamos que os grupos construíssem linhas editoriais claras, garantindo que percebessem a importância da imparcialidade na narrativa dos fatos e a agenda de valorização da cultura local”, explica.

Segundo Wagner Rodrigo, a ideia era que as oficinas não fossem instrucionais, mas sim caldeirões de troca de experiências e aprendizados. Como, na visão do projeto, aprender é uma relação dialógica, os educadores se comprometeram bastante com a proposta e com os jovens envolvidos na formação. “Eram educadores sagazes, que, mesmo não vivendo a realidade cotidiana das

Educomunicação

A educomunicação é um conceito cuja origem remonta às práticas de educação popular (educação para a cidadania preconizada e realizada pelos movimentos sociais) na América Latina da década de 60. De forma geral, especialistas no tema defendem que, mesmo sendo um campo de conhecimento permanentemente vivo e mutável, a educomunicação objetiva criar ecossistemas comunicativos abertos que favoreçam o diálogo e a criatividade. O conceito define que, a partir da produção de comunicação, todos se tornam produtores de cultura e saber e que, ao vivenciarem de forma prática o uso das ferramentas da comunicação, aprendem a se comunicar de forma horizontal e não hierarquizada, transformando

as relações que se dão na construção tradicional do conhecimento. Nessa perspectiva, comunicadores tornam-se educadores, na medida em que aprendem, se comunicam e na medida em que se comunicam, aprendem. Embora existam diferentes práticas que remetem a esse conceito, entende-se que é educomunicação uma atividade que parte do estudo e da vivência das linguagens da comunicação para a construção de processos e produtos que têm como objetivo a integração de indivíduos em uma perspectiva cidadã e que garanta o direito à produção e consumo de informação.

idades, sabiam motivar os jovens a descobrir mais sobre suas realidades. Tínhamos que ser muito rápidos nesse diálogo, buscando estimular os jovens a aprender uns com os outros e com outros representantes e parceiros locais”, explica.

Para Evandro Rocha Franklin, 23, da turma de Itaú de Minas, os participantes criaram relações que foram além da formação com os educadores. “Acredito que nós, principalmente os mais jovens, encontramos um espaço de escuta, em que aprendíamos com os educadores”, explica. Assim, os educadores, para além de sua capacidade técnica, deveriam ter condições de criar estratégias de ensino com base nas necessidades das turmas.

Para Wagner Rodrigo, estabelecer laços de confiança com o jovem é fundamental. “Eu me mostrei como sou. Busquei sempre passar a verdade que tenho: sou caipira, do interior, e me orgulho muito da minha origem. Sendo o educador de onde for, da periferia, da cidade grande, ele tem que acreditar na importância do projeto e na valorização da comunidade em que está atuando. É nesse diálogo honesto e verdadeiro que os jovens percebem o valor de acreditarem no potencial do lugar onde vivem”, explica.

Para Luana Elisa Bernardes de Melo, 22, estudante de psicologia e participante do grupo de Itaú de Minas, as oficinas foram espaços permanentes de descoberta. “Nós aprendíamos com os educadores e aprendíamos tudo na prática. Ao mesmo tempo que tínhamos uma apresentação teórica, logo éramos chamados para vivenciar aquele conhecimento em uma atividade”, explica, ressaltando que boa parte dos produtos das oficinas era aproveitada no blog.

Para incentivar a relação entre os jovens, as atividades – sempre que possível – desconstruíam os grupos das cidades e incentivavam a troca de experiências e saberes



FALA
JOVEM

*Kênia Cristina
Lopes*



Aprendizados para a vida inteira

“Gosto muito de escrever e ler, e já havia ganhado dois prêmios de redação em concursos promovidos pela Votorantim Metais em Fortaleza de Minas. Não fui selecionada na primeira rodada de entrevistas, mas, com a desistência de outra pessoa, acabei entrando e fiquei muito feliz com a possibilidade.

As formações foram aprendizados para a vida inteira. A cada nova atividade, eu descobria um assunto que não fazia ideia que existia. Sempre assisti a jornais, mas não imaginava todo o processo que existe para formular uma pauta e escrever uma reportagem; nem tudo o que é necessário para fazer um vídeo, tirar uma foto que seja de verdade jornalística ou realizar uma reportagem em áudio.

Com as oficinas, acho que aprendi a ouvir as outras pessoas de forma diferente. Quando entrevistamos alguém, precisamos estar abertos a descobrir a outra pessoa, e isso sei que vou usar tanto no blog quanto nas demais experiências e atividades da minha vida. Sempre fui supertímida e tive que resolver isso de alguma forma, aprendendo a me comunicar melhor com os outros e até a pedir apoio a parceiros.

Descobri que as pessoas não nascem fazendo essas coisas – é tudo um processo de aprendizado. Até entrar no projeto, eu nem tinha Facebook e, para divulgar nosso blog, comecei a me aproximar das redes sociais e a me relacionar com mais gente.

Em cada aula, éramos chamados a refletir sobre nossa cidade e isso mudou muito minha percepção sobre Fortaleza. Descobri quanto minha cidade tem para mostrar e, com as formações, descobri técnicas para fazer isso acontecer de verdade.”

Kênia Cristina Lopes, 17, estudante do primeiro ano de direito.

O sucesso está na colaboração

O sucesso dos blogs está diretamente associado ao sucesso da formação individual e coletiva de cada jovem. O objetivo da proposta era reunir os jovens para que, juntos, pudessem cooperar e colaborar para propor meios de valorizar e divulgar a cultura de suas cidades. Assim, os elos fracos e os elos fortes desse conjunto precisaram crescer em sintonia, fazendo com que os erros se tornassem aprendizados para mudanças e futuros acertos.

entre os participantes. De acordo com Natali da Costa Dias, 19, estudante do segundo ano de direito e auxiliar administrativa em um supermercado, ao se aproximar dos outros jovens, ela aprendeu muito sobre sua cidade. “É curioso como, quando comparamos nossa cidade a outras no diálogo com os colegas, descobrimos pontos que nem sabíamos que conhecíamos. Eu defendo Pratápolis com toda força e aprendi muito sobre minha cidade para, inclusive, contar ao pessoal das outras cidades”, explica.

Ela relata ainda que, mesmo morando a cerca de 20 km de Fortaleza de Minas, jura que não sabia como o sotaque da população local era diferente do de Pratápolis. “Foi muito legal descobrir essas curiosidades sobre outras cidades e foi muito bom poder trocar com gente que tem a mesma vontade que você: a de promover sua cultura e sua região”, complementa.

CULTURA

Para dar início a esse intenso processo formativo, os jovens, uma vez selecionados, foram convidados a discutir o que entendiam coletivamente por cultura e como esta se apresentava em suas cidades. Para Wagner Rodrigo, o primeiro passo foi desmistificar a ideia de que cultura e arte são a mesma coisa. “É claro que a produção artística faz parte da cultura, mas aquilo em que nós do Catraca Livre acreditamos é que cultura é o produto de toda e qualquer relação social. Estamos falando de gastronomia, dos costumes de uma comunidade, do vestuário das pessoas, das formas e sotaques de suas falas, enfim, de tudo aquilo que remete ao comportamento de um povo”, explica.

Por isso, a proposta da formação foi elaborar com os jovens aquilo que entendiam por cultura, de forma que estes, uns com os outros, rediscutissem suas concepções

do assunto e, coletiva e colaborativamente, apresentassem uma nova visão sobre o tema. Nessa perspectiva, cada jovem se tornou educador de seu colega; ao mesmo tempo que aprendia, ensinava.

Para Tamara Oliveira Lopes, a beleza da proposta foi justamente essa reunião dos grupos, que proporcionou momentos de troca e descobertas coletivas. “Nós conhecemos muito uns dos outros. Todos têm conhecimentos diferentes e podem agregar aos grupos. Compartilhamos o melhor do outro e acertamos a partir das dificuldades que tivemos e das dificuldades dos nossos colegas. Juntos, aprendemos com os nossos erros”, conta.

Para Wagner Rodrigo, o maior desafio foi mudar a ideia dos jovens de que suas cidades, por não possuírem grandes espaços de divulgação, não tinham cultura. “Para que eles rediscutissem essa premissa, apresentamos vídeos e contamos casos de São Paulo sobre pautas não tradicionais. No lugar de grandes shows e peças de teatro, escolhemos personagens comunitários, atividades alternativas e ideias simples que acabaram transformando o desenho social”, explica, ressaltando que essa abordagem foi contínua e que a valorização da cultura local constituiu uma atividade permanente em toda a formação.

O coordenador de formação explica ainda que a cultura é mutável, não é algo pronto, e não existe receita para formar jovens nessa discussão. “É processual e, no projeto, nós percebemos muito isso. Pessoas não são linhas de produção; elas são seus repertórios, crenças e saberes. Nunca esses blogs estarão perfeitos: eles sempre deverão correr atrás desse bem imaterial que, ao mesmo tempo que está presente, está escondido na nossa sociedade”, afirma.

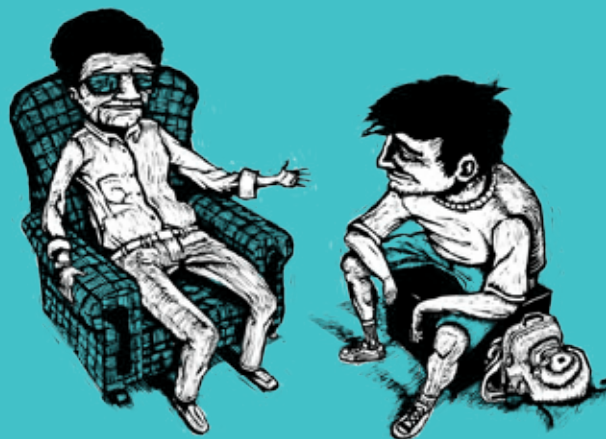
Para Natali da Costa Dias, a questão cultural é bastante complexa nas cidades. “Em conversa com a antiga secretá-

Educação pelos pares

Como o próprio nome indica, a educação pelos pares ou educação entre pares (do inglês *peer education*) é um processo de ensino-aprendizagem em que jovens são simultaneamente educandos e educadores. De acordo com várias pesquisas e autores sobre o tema, em grupos, pessoas com características semelhantes (idade, sexo, profissão) tendem a ter mais facilidade para a construção de conceitos comuns. A ideia é que, juntos, educandos de um processo possam construir colaborativamente o conhecimento. Nessa perspectiva, o educador – mais do que um especialista em determinado assunto – é o responsável por mediar a interação entre os educandos, estimulando-os a trocar conhecimentos e a ser educadores em seus processos formativos.



FALA
TIÃO ROCHA



Cultura é alicerce

"Se considerarmos que cultura é tudo aquilo que uma comunidade sabe, quer e faz, entenderemos que ela é o alicerce de qualquer projeto que queira desenvolver o território. Olhar para o lado 'luminoso' de uma comunidade, para o que ela tem de potência, de recurso e capital cultural é fundamental para desenvolvê-la.

Para isso, é preciso reaprender a olhar o território, porque estamos acostumados a ver somente o lado vazio do copo, aquele que mede carências, que mede o IDH. Mas isso não é transformador, serve apenas para traçar um diagnóstico, uma leitura inicial. Se a intenção é investir em transformação, então é preciso olhar o lado cheio do copo, medir o que chamo de IPDH (Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano), que é a capacidade que existe em qualquer território de:

- 1) acolhimento;
- 2) convivência;
- 3) aprendizagem;
- e
- 4) oportunidade.

É perceber como determinado grupo social cria espaços, acolhe a diversidade e convive com ela, como ele desenvolve aprendizagem, conhecimento, qual a sua capacidade de gerar oportunidades. Se juntarmos as iniciais dessas quatro palavras, chegaremos à AÇÃO, elemento que eu considero crucial. Construir soluções para um território baseado apenas em suas carências resulta sempre em um movimento de fora para dentro e que acaba não funcionando. Por outro lado, partir do que as pessoas já sabem e de suas potências faz com que qualquer ação externa (investimento, recursos) venha complementar o desejo de transformação que é, antes de mais nada, interno daquela comunidade."

Tião Rocha é mineiro, formado em antropologia e trabalha como educador. É também fundador do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), ONG de Belo Horizonte que desenvolve projetos voltados para a educação popular e o desenvolvimento local, tendo a cultura como matéria-prima.



FALA
JOVEM

Tainara Faria



Correndo atrás

“É importante que todos possam conhecer a cultura da cidade, e, à medida que divulgamos, sinto que as pessoas passam a valorizar mais o que têm pertinho de suas casas. Nossa cultura é muito rica, temos muito para mostrar!

Eu, por exemplo, pratico futsal, caratê e handebol, que são oferecidos gratuitamente pela prefeitura e, acredite, sobram vagas. As pessoas não ficam sabendo daquilo que existe na cidade. E temos muitas opções de lazer, de esporte e de cultura tradicional que ficam esquecidas pelos moradores.

Nossa congada, por exemplo, é muito tradicional aqui na região. É um grupo que canta e dança na nossa festa de outubro, celebrando as pessoas que já morreram e deixando uma bênção para nós que estamos vivos.

Eu sempre fiquei sabendo das coisas por boca a boca, pelo rádio e pela igreja. Hoje, não vejo nenhum jornal ou site daqui da cidade que fale diretamente com os jovens e que divulgue essas opções culturais. Por isso, quando começamos com as formações, tivemos que correr muito atrás do que a nossa cidade tinha para oferecer – e hoje já sabemos como encontrar essas oportunidades para as outras pessoas. Sinto que estou fazendo um bem de verdade para minha comunidade. Estou contando para todo mundo aquilo que acho que todos nós já deveríamos saber e valorizar.”

Tainara Faria, 17, estudante do terceiro ano do ensino médio, participante da formação pela cidade de Fortaleza de Minas e repórter e fotógrafa no blog Conexão Uai.



Foto: Wagner Silva

ria de Cultura, ficamos sabendo que a prefeitura promovia cursos de teatro, mas ninguém participava deles. A nossa sociedade tem que começar a perceber onde vive e nosso papel é apoiar esse processo, garantindo divulgação e valorização daquilo que é nosso”, explica.

Nessa perspectiva, todas as atividades práticas das formações dialogavam com a proposta de investigar a cultura local das cidades. Os jovens, pouco a pouco, foram convidados a descobrir os bens imateriais de suas comunidades e identificar personagens locais até então desconhecidos do grupo.

Para tanto, foram realizadas duas oficinas – uma teórica e uma prática – sobre mapeamento de potenciais culturais. Utilizando metodologia proposta pela Associação Cidade Escola Aprendiz, organização social que há 15 anos atua com a promoção da educação integral, parceira do Catraca Livre, os jovens foram convidados a identificar possíveis pontos de interesse, personagens, pautas e até parceiros para o blog, traçando mapas de suas comunidades e aplicando questionários.

Mapeamento de potenciais

A utilidade de mapear potenciais da comunidade (sejam eles ativos de comunicação, cultura, educação, lazer etc.) é identificar de forma clara tudo o que existe na região que seja ou possa vir a ser de interesse do grupo.

Para tanto, o grupo foi convidado a traçar um mapa da região a ser explorada e propor ícones e elementos gráficos que facilitassem a visualização. Por exemplo, utilizar a figura de uma casinha para identificar residências ou uma cruz grega (em que todas as pontas têm o mesmo tamanho) para designar serviços de saúde.

Usando o mapa como referência, foram aplicados questionários que identificavam o nome da pessoa responsável pelo lugar, suas informações de contato e questões que apoiavam o levantamento a ser feito. Foi nessa hora que os grupos detectaram como determinado serviço apoiava a comunidade ou como ele, no caso do projeto, podia apoiar o blog. Em uma das turmas, no mapeamento, a jornalista da cidade foi entrevistada e automaticamente tornou-se parceira. No dia, além de cobrir o próprio mapeamento como reportagem para o jornal da cidade, ela estabeleceu uma rotina de troca de publicações. Ao passo que as matérias fossem produzidas, o jornal reproduziria as reportagens que tivessem a ver com a sua linha editorial e vice-versa. Essa prática, bastante comum nos veículos de comunicação, foi uma conquista e um importante reconhecimento para o blog.

Para incentivar a relação entre as três cidades, a atividade prática de mapeamento foi realizada em Pratápolis, aproveitando um dia de muito movimento na comunidade. Todos os jovens organizaram um questionário-base e, juntos, entrevistaram mais de 50 moradores. Segundo Tiago Torres Gomes, educador da oficina sobre pesquisa e articulação de parcerias, os

Dica importante

Os mapas facilitam a compreensão do todo, pois apresentam de forma didática aquilo que se deseja descobrir. Com um bom mapeamento em mãos, é possível traçar percursos de reportagens a serem feitas, conexões entre diferentes pessoas ou lugares e muito mais. Mas, para garantir a efetividade de um mapeamento, é preciso refazê-lo periodicamente, pois uma comunidade está em permanente reinvenção. Pessoas mudam de lugar, novos comércios e serviços surgem ou deixam de existir e alguns que antes negaram possíveis parcerias podem mudar de opinião.



Foto: Wagner Silva

mapeamentos são fundamentais para que os jovens possam diagnosticar e compreender o cenário em que vão atuar. “Nós decidimos combinar a representação simbólica dos mapas com questionários capazes de apresentar aos grupos uma espécie de perfil das pessoas das cidades em que vivem”, explica.

Portanto, para o educador, a atividade é imprescindível em qualquer projeto que tenha como proposta a realização de um produto a ser apresentado à comunidade. “No caso do Conexão Cultural, nós precisávamos estabelecer que as pessoas das cidades se reconhecessem nas reportagens e matérias apresentadas, e que

não ficasse apenas um veículo de jovens para jovens. E, para isso, precisávamos que os grupos efetivamente compreendessem a população com a qual se comunicariam”, conta.

Dessa forma, na oficina, os jovens aprenderam a criar questionários, identificando a melhor maneira de elaborar as perguntas para os entrevistados e também foram convidados a testá-las com o público, observando como as pessoas reagem à proposta dos blogs e como poderiam colaborar com o projeto.

“Nós acreditamos muito na construção de laços fortes com parceiros locais. Os parceiros abrem as portas para que os grupos possam se estruturar nas comunidades, agregam oportunidades e conhecimento ao processo e, sem dúvida, também colaboram com o processo formativo. Uma vez que um parceiro decide fazer parte da empreitada, ele se torna um importante crítico do grupo e apoia a construção de novos caminhos para garantir a melhor qualidade possível ao produto”, explica Lia Roitburd.

COMUNICAÇÃO

Com o primeiro passo dado, identificando os percursos de cultura na cidade, os jovens se sentiam ansiosos para começar a divulgação e disseminação daquilo que estavam aprendendo. Mas para garantir um diálogo mais eficaz com a comunidade, foram organizadas várias oficinas destinadas a investigar as linguagens e o processo da comunicação.

A palavra comunicação vem do latim *communicatio*, que quer dizer a ação de partilhar, dividir, tornar comum. Para compartilhar algo, é preciso convidar o outro a compreender o que você apresenta. Parece simples,



FALA
PAULO LIMA



A educomunicação como caminho

"A educomunicação pode contribuir – e muito – para termos comunidades e territórios livres, democráticos, com qualidade de vida e com direitos garantidos para seus moradores. Como campo do saber, ela teoriza e realiza práticas que promovem a plena cidadania por meio da participação social. Além disso, apresenta entre suas principais linhas de ação o engajamento de cidadãos em temas relevantes para o desenvolvimento integral de seus territórios ou comunidades.

Não se trata apenas de aprender a lidar técnica ou criticamente com os meios de comunicação ou com tecnologias de informação e comunicação, mas também de utilizá-las de forma correta para a conquista de direitos.

Na maioria dos casos, a prática social da educomunicação supõe uma ação que privilegia o conceito de comunicação dialógica; uma ética de responsabilidade social por parte de seus produtores culturais; a promoção de uma recepção ativa e criativa por parte das audiências; a implementação de uma política de uso dos recursos da informação; e, finalmente, uma política de educação e formação dos membros da sociedade, em especial os professores, gestores públicos e estudantes, para o exercício de seus direitos de produção de mensagens.

Ao trabalhar a educomunicação como metodologia de formação em quaisquer espaços educativos, fortalece-se na comunidade o direito à comunicação, aqui entendido como o direito que também dá acesso a todos os outros direitos – da moradia à educação, do transporte à saúde e ao esporte e lazer. Vai além da já reconhecida liberdade de expressão e do direito à informação: é também o direito de todas as pessoas de ter acesso aos meios de produção e difusão da informação, de ter condições técnicas e materiais para produzir e veicular essas produções e de ter o conhecimento necessário para que sua relação com esses meios ocorra de maneira autônoma."

Vicente de Paulo Pereira Lima é comunicador e diretor-executivo da Viração, organização da sociedade civil que há dez anos promove práticas de educomunicação, educação e mobilização entre adolescentes e jovens.



Foto: Wagner Silva

mas, quando se trata de compartilhar algo como cultura – esse bem tido como imaterial –, é preciso estruturar formas e processos para garantir o sucesso da transmissão da informação.

O jornalismo costuma se apresentar como um conjunto dessas ferramentas, tornando mais fácil a compreensão de conceitos, histórias e serviços pela maioria da população. Portanto, as turmas do Conexão Cultural foram convidadas a experimentar e exercitar essas ferramentas, procurando, com o uso delas, identificar e compreender a melhor forma de apresentar todas as descobertas à comunidade.

De acordo com Wagner Rodrigo, as linguagens da comunicação foram escolhidas em diálogo com a proposta do projeto. “Decidimos primeiramente trabalhar com um blog porque hoje tudo converge para a internet e, querendo ou não, ela é uma ferramenta quase sem custos. É possível manter um blog com grande alcance totalmente de graça”, justifica.

Assim, para compor a formação, foram realizadas oficinas de vídeo, fotografia, redes e mídias sociais, texto jornalístico e, claro, de construção do blog. Não havia a pretensão de que os jovens saíssem das oficinas dominando todas as técnicas. A proposta era sensibilizar o grupo para compreender como o discurso jornalístico pode apoiar a divulgação e a disseminação de experiências.

Além da presença dos oficinairos especialistas nos temas, os grupos foram muito incentivados a buscar parceiros locais que pudessem apoiá-los na investigação e prática dessas linguagens. Outra estratégia utilizada foi incentivar as turmas a pesquisar formações gratuitas na Internet. Para Alexandre De Maio, quadrista, jornalista e designer, educador responsável pelas oficinas de blog, fotografia e audiovisual, a oferta de recursos online é imensa.

“Nós tentamos desmistificar o medo da internet e incentivar os jovens a aprender sozinhos por meio de tutoriais e aulas web”, explica. Para o educador, o segredo está em aprender a pesquisar na internet, justificando que todos os programas e recursos hoje utilizados são muito bem explicados em vídeos, manuais e aulas produzidas por outros usuários que tiveram dificuldades semelhantes. “Queríamos que essa ideia de rede estivesse presente em todas as etapas do projeto”, complementa.

Segundo Lia Roitburd, esse passo foi fundamental para garantir a autonomia dos jovens e para que eles pudessem continuar o trabalho dos blogs sem depen-

der permanentemente dos educadores, valorizando os conhecimentos da comunidade e o imenso caldeirão de oportunidades presente no universo virtual.

Direito à comunicação: virando jornalistas

Ao mesmo tempo que vivenciavam as atividades de comunicação, os jovens foram convidados a perceber a relevância e o direito que têm de se comunicar, garantido na Constituição. “Foi muito importante perceber que todos nós podemos ser jornalistas e contar o que acontece na nossa região”, exemplifica Tamara Oliveira Lopes, ressaltando a presença pequena de veículos de comunicação em Fortaleza de Minas.

A cada oficina, os jovens percebiam como, com poucos instrumentos, era possível contar de forma clara aquilo que descobriam na comunidade. Mas, em coro quase unânime, eles ressaltam a importância de investigar como fazer uma entrevista. “Aprendemos a ouvir as pessoas, a conhecer as pessoas. A entrevista é fundamental para descobrirmos o que a nossa cidade oferece”, conta Luana Elisa Bernardes de Melo, reiterando o quanto já compreendeu sobre sua cidade com o processo.

“Descobri um montão de gente envolvida com arte que eu não conhecia, descobri escritores, pintores, grandes cozinheiros, contadores de histórias. Sem dúvida, nossa identidade são as pessoas que aqui moram. E esse é o nosso maior desafio e o ponto mais importante: descobrir essas pessoas e dar visibilidade ao que fazem e àquilo em que acreditam”, complementa.

O mesmo gosto pela investigação motivou Bruna Marcelino, 16, estudante do terceiro ano do ensino médio. “Descobri pessoas que sabiam desenhar, cantar, dançar, eram envolvidas com a congada e com a cultura típica. E, um dia, em uma das entrevistas, até descobri que um dos

Comunicação como direito

A Constituição Federal brasileira de 1988 garante em vários dos seus artigos o direito à expressão e à produção e recepção de informação. Observe:

“Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

V – o pluralismo político

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, liberdade, igualdade, segurança e a propriedade, nos termos seguintes:

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença

religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença

Art. 220º A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 2º – É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.”

Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Contém as emendas constitucionais posteriores. Brasília, DF: Senado, 1988.

bairros da minha cidade, o Bairro do Paraguai, na verdade tem outro nome. Mas, como ele era muito perigoso, na época em que foi fundado, ficou conhecido por Guerra do Paraguai. Eu jamais saberia disso sem fazer as entrevistas com as pessoas da cidade”, explica.

Criando o blog

Para dar vazão a todos os materiais que eram produzidos, o grupo acompanhou uma oficina de como montar o blog da cidade. Utilizando a plataforma gratuita e livre Wordpress, os jovens aprenderam a estruturar o leiaute e a colocar imagens que efetivamente representassem os grupos; e também a inserir os posts, garantindo a organização deles em seções temáticas (editorias). Para Alexandre De Maio, o objetivo da oficina de blog era o de apresentar as funções gerais da plataforma, garantindo que os jovens construíssem no espaço da própria oficina seu instrumento de trabalho.

Para o educador, além da elaboração do blog e da aprendizagem sobre como postar os textos, a oficina foi fundamental para ensinar como disseminar as postagens. “Um dos pontos principais a atentarmos é a forma como divulgamos aquilo que apresentamos no blog. Hoje, eles têm que trabalhar de maneira muito integrada às redes sociais e a outros instrumentos web, como o canal de vídeos YouTube ou locais de armazenamento de fotos, como o Instagram e o Flickr”, explica.

Cada grupo teve autonomia para propor editorias, cuidando sempre para que elas fossem compreensíveis para o maior número de pessoas. Nessa oficina, os jovens também deram nome aos seus blogs e a criatividade foi imensa.

“Nós queríamos valorizar a nossa cidade e, por isso, brincamos com a expressão mais mineira que existe e batizamos nosso blog de ‘Conexão Uai’”, explica Taíza Lopes, 27, bióloga de formação que hoje trabalha na prefeitura e



FALA
JOVEM

*Lincon Igor
Amorim*



Virando jornalista

“Desde meus 11 anos de idade, eu queria ser jornalista. Queria porque queria denunciar tudo o que estava errado na minha comunidade, queria expor o outro, mostrar que o outro não estava certo. Mas, com o tempo, passei a pensar que eu também tinha uma responsabilidade naquilo que estava errado e que também era parte do que deveria ser denunciado.

Hoje, eu quero ser jornalista para conhecer as pessoas, sentar na casa delas, no sofá, e conversar sobre o que está acontecendo. Quero poder com elas descobrir soluções e propor mudanças. Não quero só denunciar, quero identificar oportunidades de transformação.

E, com o projeto, essa vontade cresceu ainda mais. Pude perceber, com o apoio dos educadores, que para contar uma história é preciso criar uma relação com o entrevistado, descobrir tudo o que ele pode lhe contar e depois encontrar formas de escrever ou falar o que ele contou da melhor maneira possível, sendo justo e correto com a informação.

Eu não fazia ideia de que existe todo um processo para escrever um texto, que existe um primeiro parágrafo para resumir todas as informações da matéria (lead), que existe uma estrutura para gravar um vídeo e para tirar uma foto. O projeto, além de fazer com que eu me aproximasse mais da minha cidade, fortaleceu enormemente minha vontade de ser jornalista.”

*Lincon Igor Amorim, 17, estudante do terceiro ano do ensino médio, gar-
çom, participante da formação em Itaú de Minas e repórter e fotógrafo do
blog Queijo com Cultura.*

Plataformas livres

Um software livre é qualquer programa cuja estrutura (código-fonte) é aberta para utilização e recriação de usuários. Não comercializáveis, esses softwares não têm propriedade intelectual e podem ser utilizados gratuitamente. As plataformas – como a de blogs Wordpress – têm a mesma proposta e podem ser usadas e reformuladas por qualquer usuário.

é participante do grupo de Fortaleza de Minas.

A turma de Pratápolis escolheu uma linguagem mais jovem e adotou como título do blog a chamada “Se Liga na Prata”, valorizando o apelido da cidade. Itaú de Minas, por sua vez, escolheu brincar com aquilo que mais se consome na região e nomeou o blog de “Queijo com Cultura”, assumindo que cultura também alimenta.

As editorias ficaram igualmente divertidas e procuraram valorizar o que as cidades têm de melhor. Entre os exemplos, o Conexão Uai exibe uma editoria chamada Caipira Antenado, em que dicas de tecnologia e internet são compartilhadas com os moradores de Fortaleza de Minas e a seção Vagão da Saudade, que apresenta histórias de moradores e locais importantes da cidade.

No Queijo com Cultura, todas as editorias remetem ao laticínio e ganham complementos de acordo com a especificidade do assunto. As notícias mais novas de atividades que acontecerão na cidade vão para a seção Queijo Quente, enquanto matérias sobre a cultura e personalidades do local, por exemplo, vão para a Queijo Canastra (queijo produzido há mais de 200 anos na região serrana de Minas Gerais).

Já em Pratápolis, o grupo decidiu esperar e ir criando as editorias à medida que o blog ganhasse alcance. “Nossa grande preocupação é fazer com que o blog tenha a cara da cidade, e acho que as editorias têm que ser muito representativas. Ainda não chegamos lá, precisamos entender melhor o nosso público”, reconhece Natali da Costa Dias.

Em seguida, a partir da criação dos blogs, os jovens aprenderam a fotografar e a fazer uso da linguagem audiovisual, tanto com o emprego de podcasts quanto pela elaboração e edição de videorreportagens. Para Alexandre De Maio, hoje não se pode pensar em internet sem a utilização de vídeos e principalmente de fotografias.

Lançando mão de instrumentos presentes no cotidiano dos jovens – como câmeras eletrônicas simples e telefones celulares –, os grupos treinaram a melhor forma de compreender essas linguagens, tanto na ilustração dos textos quanto como elementos independentes para a comunicação com o público.

Dessa forma, novamente partindo de uma proposta educ comunicativa, os jovens aprenderam ao passo que testavam as linguagens. Assim, quando tiravam as fotos ou gravavam os vídeos, o educador indicava como corrigir eventuais falhas e aplicar técnicas como controle de luz e enquadramento. “Muito mais do que conhecimentos técnicos, é preciso trabalhar o olhar. É esse olhar que garante uma boa foto e um bom enquadramento no vídeo”, explica Alexandre De Maio.

Para a formação em videoreportagens, os grupos foram convidados a escolher uma pauta que tinham interesse em realizar e depois a gravar as imagens e as entrevistas necessárias. Em seguida, a partir do material gravado, os jovens aprenderam as funções básicas de um programa de edição de vídeos. Segundo Alexandre De Maio, existem programas online e outros gratuitos para download que são suficientes. “É claro que, para garantir maior qualidade, é interessante usar programas pagos, que ainda são os melhores. Mas, para o contexto dos blogs, com cuidados básicos, já é possível garantir uma reportagem de qualidade para o público”, explica.

O mesmo, segundo o educador, se dá com as fotos. Mais importante que o uso de programas de edição de imagem, é o cuidado com a fotografia. Mais uma vez, os jovens aprenderam técnicas básicas para retratar um cenário ou ilustrar uma pauta usando a imagem como ponto central. “Nossa proposta era que eles percebessem a função da fotografia como um todo e como, com uma boa foto, é possível trazer atenção para um determinado

Autonomia com responsabilidade

Desde o início, foi apresentado aos participantes o conceito de que todos no coletivo deveriam ser autônomos e que todas as ideias eram bem-vindas e poderiam ser agregadas ao projeto. Contudo, entrou-se em acordo sobre a importância de cada um atuar com responsabilidade, priorizando uma postura ética e de cuidado com o leitor.



Foto: Wagner Silva

assunto ou para o blog”, explica o educador. Contudo, tanto no trabalho com vídeo quanto naquele com a fotografia, o educador destacou a importância de que os jovens fossem responsáveis pelo conteúdo publicado, indicando como uma imagem fora de contexto poderia prejudicar ou comprometer a imparcialidade da informação.

As oficinas de vídeo e foto foram as prediletas dos jovens, que se identificam muito com a linguagem, assu-



FALA
EDUCADOR

*Alexandre De
Maio*



Trabalho colaborativo

“Em todas as oficinas de que participei como educador – e no projeto Conexão Cultural como um todo –, há uma preocupação constante de que os conteúdos, conhecimentos e práticas trabalhados possam ser replicados. Para mim, a chave desse processo, da possibilidade de disseminação da proposta, está em valorizar o trabalho em grupo, colaborativo, a partir do que já existe e do que as pessoas e as comunidades trazem.

Muito do que apresentei na oficina está disponível na internet como conteúdo criado por outros usuários – por pessoas que tiveram as mesmas dúvidas, encontraram soluções e as disponibilizaram para o coletivo.

E, para além da internet, sempre existem pessoas na comunidade que podem apoiar o desenvolvimento do projeto e, mesmo quando necessário, as formações. Um exemplo é a fotografia. Toda cidade tem alguém conhecido por suas fotos ou alguém que faz fotos como profissão.

Hoje, como as linguagens e mídias audiovisuais estão cada vez mais acessíveis, também é possível pensar em pessoas que, embora não atuem profissionalmente com isso, sabem editar vídeos, tirar fotos e alimentar blogs e redes sociais. O sucesso do trabalho está nessa cultura de troca de saberes e na possibilidade de uma pessoa criar em parceria com outra.”

Alexandre De Maio é quadrinista, jornalista e designer. Atualmente, é gerente de tecnologia do site Catraca Livre e foi responsável pelas oficinas de blog, fotografia e linguagem audiovisual.

mind, assim como boa parte do público da internet, as imagens como o carro-chefe da narrativa virtual, especialmente quando bem associadas à intensa movimentação das redes sociais.

Mídias e redes sociais – divulgando em rede

Em sequência às formações de texto e vídeo, os jovens participaram de uma oficina sobre o uso de mídias e redes sociais, tendo em vista que hoje tudo aquilo que é publicado na internet ganha alcance por meio de ferramentas web como o Facebook e o Twitter.

Mais do que utilizarem as redes, os educadores propuseram que os jovens compreendessem o conceito delas e as possibilidades que proporcionam para a disseminação da informação.

O desafio foi muito bem aceito pelos jovens, que se mostraram, além de bastante interessados, positivamente surpresos com as possibilidades de transformação e ação social por meio da internet. Para Hiago Bruno, 16, estudante do terceiro ano do ensino médio, auxiliar administrativo em loja de materiais de construção e participante das formações em Itaú de Minas, a tarefa veio ao encontro dos seus interesses pessoais. “Eu meio que virei o especialista do grupo em mídias sociais. Sempre gostei de internet, mas ter um educador ensinando os caminhos e os pontos importantes para olharmos foi fundamental”, explica, ressaltando que, entre as lições da oficina, aprendeu as variadas possibilidades de trazer recursos financeiros para o blog por meio das redes e mídias sociais.

“É tudo uma questão de visibilidade, e aprendemos que, para conquistar uma audiência, precisamos ter cuidado nas redes; postar em horários determinados, entender quais os melhores momentos do dia para colocar nossos posts e divulgar nossas produções”, complementa.

Com a vivência sobre o uso de mídias sociais, os jovens

aprenderam a integrar vários dos recursos disponíveis na internet aos blogs por eles produzidos. Assim, além dos blogs, os grupos montaram canais no Youtube, contas no microblog Twitter e fanpages no Facebook – estas últimas constituem páginas criadas quando os usuários não são pessoas e sim uma marca ou empresa. A ideia é que qualquer usuário possa fazer uma página para promover uma ideia ou informação sobre determinado assunto. Assim, as fanpages, em lugar de amigos, ganham seguidores, que recebem automaticamente a atualização daquilo que curtiram no Facebook.

Em pouquíssimo tempo desde que foram lançadas, as fanpages dos blogs já reúnem muitos seguidores, que diariamente interagem com o assunto postado, seja no compartilhamento da informação, seja em comentários. Apenas seis meses depois do lançamento, uma das fanpages já tinha atingido mais de 600 seguidores, alcance porcentual bastante alto considerando o tamanho das cidades.

MOBILIZAÇÃO

Com todas as engrenagens funcionando para os blogs alçarem voos cada vez mais altos, faltavam apenas formações voltadas para ações de sustentabilidade e de promoção dos veículos nas cidades. “Nós queríamos oferecer aos grupos a possibilidade de ir além da produção de reportagens e da divulgação da agenda cultural local e, com outros parceiros, queríamos também que eles pudessem executar ações presenciais, desenvolvendo atividades culturais para as cidades. Mais do que uma obrigatoriedade, queríamos que eles recebessem o conhecimento e o instrumental necessários caso surgissem oportunidades”, explica Wagner Rodrigo.



FALA
EDUCADOR

Anderson Meneses



O complexo mundo web

“Um dos principais desafios, tanto para apresentar os conteúdos, quanto para ministrar a oficina, era mostrar todo um universo que existe na web para um pessoal que não era tão conectado. Muitos estavam nas redes sociais, mas faziam pouco uso daquilo que está disponível e que está sendo criado pelos usuários da Internet.

Por isso, mais importante que apresentar as ferramentas foi discutir o conceito. Fui muito além do digital, procurando fazer com que os jovens compreendessem como, já nos tempos das cavernas, as pessoas se reuniam ao redor do fogo para compartilhar informações, sobre como gravavam com símbolos suas descobertas. Passei pela formação das cidades e comentei como a troca de informação foi vital para a formação da sociedade atual, expondo o que dizem os teóricos da comunicação e o que dizem filósofos e ativistas da área.

Eu queria mostrar quanto estamos conectados e como isso é fundamental para compreendermos os mecanismos de redes sociais na Internet. As ferramentas, claro, vieram em seguida. Mas, sem uma explanação clara do conceito, elas perdem seu uso e potencial. Uma vez que se entende o porquê, abrem-se possibilidades de, inclusive, recriar o que já existe e é conhecido.

Nas oficinas, foram trabalhadas também formas de mensurar o alcance das redes e a qualidade do fluxo de informações, discutindo estratégias para cativar e qualificar o público e validar a disseminação dos conhecimentos produzidos pelo blog.”

Anderson Meneses, 22, gerente de Redes Sociais do Catraca Livre e oficinairo de Mídias Sociais no projeto Conexão Cultural.



Foto: Wagner Silva

Com base em experiências do Catraca Livre e de veículos de comunicação parceiros como, por exemplo, o site de Cultura VilaMundo (que promove a cultura da Vila Madalena, bairro da zona oeste de São Paulo), foram apresentadas iniciativas de atividades e mobilizações no território. Entre os exemplos, foi mostrado um Sebo Livre criado pelo VilaMundo, no qual qualquer pessoa da região poderia pegar um livro de graça e doar outro em seu lugar. Para incentivar a leitura, o site fazia promoções com lojas e restaurantes no bairro por meio das quais quem doasse um livro ao sebo ganharia alguma espécie de desconto ou brinde nos estabelecimentos parceiros.

Outro exemplo apresentado foi uma ação do Catraca Livre que oferece promoções para os leitores, como sorteio de ingressos para peças de teatro e shows, exemplares de livros, obras de arte autografadas, entre muitas outras. Para além da conquista de público, o Catraca busca promover oportunidades locais, incentivando a participação das pessoas em atividades que, muitas vezes, são inacessíveis para uma grande parcela da população.

Como o próprio nome indica, a palavra mobilização vem de movimento – ação em direção a alguma coisa. E, com essa perspectiva em mente, foram apresentadas aos jovens estratégias para que também pudessem se mover, atuar em direção a uma atividade de valorização da cultura local.

Por isso, uma das oficinas foi inteiramente dedicada à escrita de projetos, de modo que, com base em um passo a passo simples, todos os grupos pudessem realizar eventos para o lançamento oficial dos blogs nas respectivas cidades. A proposta era que, por meio de projetos escritos, eles conseguissem agregar parceiros financeiros e apoiadores locais e apresentar atividades ou artistas descobertos no mapeamento que haviam realizado ao longo da formação.

“A oficina de projetos foi fundamental para que o evento de lançamento desse certo. Com o projeto escrito, conseguimos trazer parceiros importantes”, conta Luana Elisa Bernardes de Melo, celebrando o evento de lançamento do Queijo com Cultura em Itaú de Minas.

Novamente, cada grupo teve autonomia na escolha do tipo de evento e no que seria apresentado no lançamento. Contudo, independentemente do tema, todos escreveram projetos, que foram encaminhados e negociados com parceiros locais.

No evento de Itaú de Minas, a escolha foi a de valorizar a música, a pintura, o artesanato e a escrita locais. O

grupo conseguiu – com o apoio da prefeitura da cidade – montar uma imensa tenda e um palco na praça principal, viabilizando o local para apresentação de duas bandas de rock clássico, ritmo que, normalmente, dispõe de pouco espaço na região. “Foi sensacional ver que tínhamos famílias, crianças, adolescentes, jovens, idosos, todos reunidos ouvindo o mesmo som, curtindo a praça e o evento”, comemora Lincon Igor Amorim.

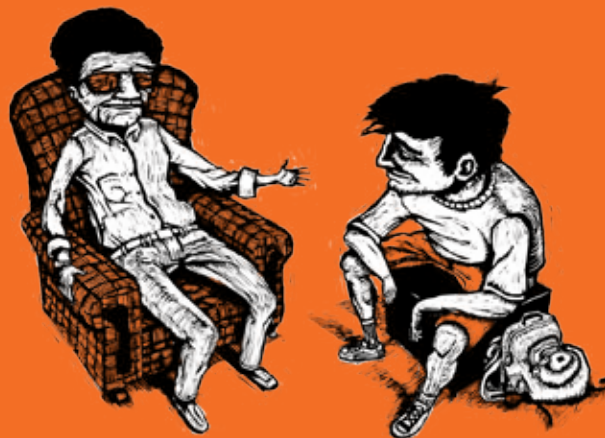
O grupo também conseguiu que o Telecentro da praça funcionasse como uma espécie de museu, no qual foram apresentados quadros de uma das pintoras encontradas pelos jovens no mapeamento, que foi igualmente tema de reportagem publicada por eles no blog. O espaço reuniu também um varal de poesia, no qual interessados podiam “pendurar” seus versos e “colher” versos alheios, estimulando o sentimento de pertencimento das pessoas à cidade.

Para garantir a organização do dia, os jovens convidaram donos de barraquinhas, que ofereciam as mais diversas guloseimas, mas proibiram a venda de bebidas alcoólicas. “Isso foi um grande diferencial, porque em Itaú são muito raros os eventos sem bebida. E o mais legal foi ver as pessoas aqui, independentemente de ter ou não bebidas alcoólicas”, destaca Lincon Igor Amorim.

Já em Fortaleza de Minas, a escolha foi valorizar a produção tradicional da cidade, com um show de música caipira, um cantor de música popular brasileira e uma dupla de dançarinos que se apresenta em variados eventos locais. Durante esses shows de lançamento, que aconteceram no Clube Municipal de Fortaleza, a equipe do Conexão Uai presenteou os participantes com os famosos doces de café, produzidos pela Associação das Mulheres de Areias, bairro rural da cidade. Para complementar as apresentações, o grupo expôs variadas peças de artesanato da Associação dos Artesãos e Produtores Caseiros de



FALA
PABLO CAPILÉ



Conectando pessoas

O Brasil é um país com uma diversidade cultural muito grande, mas que durante um bom tempo teve sua circulação restrita ao eixo Rio-São Paulo. O Fora do Eixo, coletivo do qual faço parte, nasceu do entendimento de que era preciso criar ambientes que valorizassem a difusão da cultura local em diferentes cidades, agregando novos atores à rota da cultura.

Uma das estratégias adotadas foi conectar as melhores cabeças, pessoas que também acreditavam que isso era possível. A partir daí, começamos a criar soluções para os diferentes problemas que encontrávamos: locais para produção, melhor distribuição dos produtos, espaços de formação desses agentes, modelos sustentáveis etc.

A consolidação dessas iniciativas foi tornando nosso trabalho uma referência na produção e circulação de cultura, o que fortaleceu outros movimentos, fazendo surgir o que considero um movimento social que se articula em torno da cultura, mas que discute as grandes questões da sociedade.

Nós somos jovens, mas sabemos que juventude não tem relação apenas com a idade, por isso todos aqueles que tiverem capacidade de trazer soluções inventivas e que deem conta dos anseios de uma geração são bem-vindos.

Do ponto de vista das políticas públicas, esse movimento ampliou o interesse de participação em instâncias decisórias. É claro que gestores e governantes precisam se abrir para o diálogo, um diálogo de igual para igual, mas a preocupação central do Fora do Eixo é como a sociedade civil deve apresentar sua pauta, criando oportunidades de se trabalhar em parceria com o poder público.

Pablo Capilé é cuiabano e ajudou a fundar o Fora do Eixo, uma rede de artistas e produtores que trabalha para difundir a produção cultural no Brasil. Por meio de plataformas colaborativas e compartilhadas, o coletivo propõe uma nova rota de circulação de bens culturais e tecnologias de produção em território nacional.

Fortaleza de Minas (Associart).

“Nosso único custo foi o de comprar alguns produtos para que a Associação das Mulheres de Areia fizesse os docinhos. Todo o resto foi por meio de parcerias que estabelecemos apresentando o nosso projeto para o evento e a importância do blog para a nossa comunidade”, explica Tamara Oliveira Lopes.

Em Pratápolis, o lançamento do Se Liga na Prata aconteceu na Associação Comercial Industrial Agropecuária e de Serviços e reuniu público bastante diverso para apreciar uma dupla sertaneja adolescente, um cantor de pop e rock e exposições de pintura, de artesanato e de quadrinhos e caricaturas produzidos por moradores da cidade. Paralelamente à exposição, o autor dos quadrinhos, Toni Vasconcelos, 23, estudante de engenharia civil, fazia desenhos ao vivo, presenteando os participantes. “A proposta do blog me fez aceitar de imediato o convite. Afinal, a cultura de um povo representa sua identidade”, justifica. Para ele, a reunião das pessoas no lançamento foi fundamental. “Confesso que não sabia que alguns dos participantes do evento possuíam algum tipo de veia artística.” Toni Vasconcelos pretende ser um colaborador permanente. “Espero que o blog continue em atividade para que as pessoas possam conhecer a cultura local e levar essa cultura para novos horizontes, para que sempre possamos descobrir algo novo”, explica, ressaltando que também tem interesse em escrever para o Se Liga na Prata e atuar diretamente no site.

Cada qual com uma característica, todos os eventos nas cidades buscaram a valorização da região, de modo a contemplar a diversidade de linguagens e estilos artísticos. Os eventos tiveram bastante sucesso e um deles chegou a reunir mais de mil pessoas. “Para organizar eventos como fizemos, foi preciso seguir toda uma estrutura de captação de parceiros na cidade e recursos financeiros e humanos”,

Dica importante

O mapeamento é uma excelente ferramenta para levantar possíveis parceiros, e, uma vez que estes estejam identificados, vale escrever projetos e cartas para requisitar formalmente o recurso a ser disponibilizado. E, nessa perspectiva, é importante lembrar que a parceria nem sempre é financeira: o tempo de alguém para apoiar a ação é por si só uma conquista extremamente valiosa. Uma dica é registrar os acordos e combinados para que todos os envolvidos tenham segurança no processo ou no produto elaborado coletivamente.



Carta aos moradores e trabalhadores de Pratápolis

16 de agosto de 2012

Olá morador(a) de Pratápolis, estamos através deste documento a informá-lo que fazemos parte de um projeto que se chama projeto Conexão Cultural, que surgiu de uma iniciativa do conselho comunitário de Itaú de Minas, juntamente com o apoio da Votorantim Cimentos e também da Associação Comercial de Pratápolis com a ideia de trabalhar a temática de cultura nas cidades participantes, e surgiu a proposta de trazer coordenadores profissionais do site Catraca Livre de SP. E estamos especialmente interessados em fortalecer a cultura de Pratápolis e contamos com sua ajuda para isso!

Esta carta tem a intenção de fazer contato, apresentar nosso grupo e criar um elo com você. Somos um grupo formado por 7 adolescentes aqui de Pratápolis que trabalha com comunicação. Temos muito a aprender com nossa comunidade, e muito para ensinar. Agarramos com unhas e dentes essa grande oportunidade de construir algo juntos, um coletivo, um ideal, uma causa.

Atualmente, estamos desenvolvendo o **mapeamento**, que nada mais é que um levantamento de lugares, pessoas e iniciativas interessantes e importantes de Pratápolis. **Cada canto, lugar e pessoa nos interessa.** Com o correr do tempo faremos o site (diário eletrônico) de nossas atividades, história, cultura e projetos que serão realizados aqui na cidade. Também será um meio de os moradores expressarem suas ideias e opiniões, meios de exercermos cidadania.

O “mapeamento” acontecerá no dia 17/08 (sexta), das 13:00h às 19:00h.

Temos competência, carinho e disponibilidade com a comunidade, para que ela nos conheça e nos ajude a continuar esse aprendizado novo. Queremos melhorias para nossa cidade e região. Somos um grupo sério, homens e mulheres, de pele, cabelos, olhos, de cores diferentes, não temos preconceito. Assim é o grupo **@SeliganaPrata** e aqui nos apresentamos. Prazer em conhecer!

Atenciosamente, jovens jornalistas!

Vale destacar que os jovens utilizaram uma imagem de creative commons (licença de uso livre) para ilustrar a carta.

explica Tamara Oliveira Lopes, do Conexão Uai, destacando que foram utilizados diversos instrumentos para encontrar os parceiros necessários.

Na oficina de escrita de projetos, os jovens também aprenderam a escrever cartas de apresentação e solicitações formais de parceria, para que os participantes percebessem a responsabilidade que tinham em relação aos parceiros no traçado e gerenciamento das atividades. Para Lia Roitburd, todo o projeto foi pensado no sentido de incentivar a colaboração entre os jovens e as cidades. “Sem parceiros, estamos seguros de que não daria certo. Os eventos, os blogs e os próprios grupos precisam desse diálogo e da troca direta com a comunidade. São bons orientadores para os grupos e definitivamente aqueles que sempre estarão atentos à evolução e à qualidade dos produtos”, justifica.

Inspiração e autogestão como continuidade

Em sequência ao processo formativo, com o objetivo de ter contato com outros cenários culturais, todos os participantes passaram uma semana visitando diferentes pontos e experiências de cultura na capital paulista. “Mais do que conhecer a cidade de São Paulo, queríamos que os jovens experimentassem outro cenário cultural, diferente da sua cidade de origem”, explica Wagner Rodrigo um dos responsáveis por estruturar o processo formativo e a estadia em São Paulo.

Entre os passeios realizados, os jovens visitaram a comunidade de Heliópolis – que venceu muitas das barreiras de vulnerabilidade social com ações comunitárias que integravam cultura e educação. “Foi uma grande motivação conhecer um cenário tão diferente da nossa cidade e ver que é possível transformar a comunidade com a força das pessoas”, conta Tamara Oliveira Lopes, participante das formações.



FALA
JOVEM
Taíza Lopes



O blog é da cidade

"O evento foi bastante trabalhoso! Nunca imaginei que para programar um evento tantos detalhes eram necessários. Nós voltamos ao mapeamento que havíamos feito, entramos em contato com parceiros e, claro, escrevemos e apresentamos o projeto.

Foram várias versões do projeto até chegarmos a um desenho que representava bem o que queríamos. Corremos para levantar o que era necessário, trabalhando em equipe e conciliando trabalho e escola. Nossos parceiros locais e educadores nos apoiaram para fazermos um evento que, de verdade, representasse a cultura da nossa cidade.

Infelizmente, percebemos que ainda falta muito. As pessoas cobram eventos, mas, quando têm a oportunidade, não participam. Mesmo cansados, nossa força de vontade nos motivou porque sabemos que o blog vem para formar esse público, trazer conhecimento às pessoas e mostrar que o que estamos fazendo não é uma brincadeira.

Queremos que as pessoas vejam que o blog não é nosso, ele é da cidade. Queremos que as pessoas abracem ele de verdade, de coração, e o entendam como um serviço de utilidade pública que é gratuito. É um jeito de mostrar nosso bem coletivo, nossa cultura. E isso tem que ser preservado. O evento foi o início de um processo que sabemos ser muito longo e permanente, mas continuamos aqui, acreditando de verdade no seu sucesso."

Taíza Lopes, 27, bióloga de formação e funcionária da prefeitura de Fortaleza de Minas. A jovem é participante do blog Conexão Uai.

Para Lia Roitburd, tanto no Conexão Cultural quanto no Catraca Livre a interseção entre educação e cultura é fundamental. Ela conta que o próprio Catraca Livre surgiu como demanda de escolas e instituições de ensino que desejavam usar a cidade como espaço de aprendizado e não conheciam as possibilidades para tal realização. Assim, como filosofia-chave do processo, a formação dos jovens no Conexão Cultural objetivou que tanto eles como os parceiros pudessem compreender a cidade e sua cultura como espaços de aprendizagem contínua, em que todos são educadores nas suas ações cotidianas.

Portanto, no Conexão Cultural, a ida a São Paulo foi um momento de inspiração, uma proposta para que os jovens descobrissem outras culturas e, a partir desse novo repertório, repensassem como a cultura se comporta em suas cidades, tomando atividades e projetos como base para outras criações.

“Nosso maior papel como educadores é justamente fazer essa ponte entre as possibilidades e as vontades dos jovens em diálogo com o projeto e com o contexto em que ele se insere. Podemos inspirar as pessoas de diferentes maneiras, seja em passeios, em visitas, em leituras, seja contando histórias”, explica Wagner Rodrigo, ressaltando a importância de que o repertório apresentado possa ser ressignificado e reconstruído pelos participantes.

Segundo Kênia Cristina Lopes, do grupo de Fortaleza de Minas, a experiência dos saraus que ela conheceu durante a viagem poderia ser replicada nas três cidades do projeto. “Acredito que todas as comunidades têm grandes poetas, compositores e escritores que compartilhariam suas obras em um espaço simples como um sarau”, explica.

Com o fim das oficinas e com a visita inspiradora à cidade de São Paulo, o Conexão Cultural entrou na fase da autogestão, tão importante quanto o período formativo. Nessa sequência de seis meses, os jovens foram acompa-

Conheça outros lugares

Cada localidade tem uma geografia, uma história e muitas características que a fazem peculiar. Identificar e desvendar essas particularidades é fundamental para compreender a riqueza cultural de um local. Portanto, uma dica para treinar o olhar para essas descobertas. Aprender a reconhecer o diferente faz com que se revise o ponto de partida, a cidade de origem, desenvolvendo um olhar de turista em sua própria comunidade.

nhados à distância pelos educadores e pelo coordenador de formação. Este os visitava uma vez por mês, em reuniões individuais com os grupos e, quando possível, com a presença dos parceiros locais, com o objetivo de sanar dúvidas, organizar cronogramas e avaliar a audiência e a qualidade das produções dos blogs.

Assim como o aprendizado das ferramentas e linguagens da comunicação, a busca dessa autonomia no gerenciamento dos blogs e na produção de conteúdo também foi processual. A cada nova reunião de acompanhamento, o coordenador de formação podia perceber os pontos a serem ajustados no grupo e eventuais dificuldades pelas quais seus integrantes estavam passando.

Segundo Natali da Costa Dias, do grupo de Pratápolis, o acompanhamento foi fundamental para que o grupo pudesse perceber também suas dificuldades. “Para indicarmos aos educadores qual orientação era necessária, era preciso que olhássemos para o nosso trabalho. Nessas discussões, acabávamos percebendo o quanto tínhamos deixado de fazer e o que estava nos atrapalhando”, explica.

Na perspectiva da organização coletiva, os grupos foram instruídos a montar calendários colaborativos e a trocar informações no Facebook, de modo que todos sempre estivessem a par de cada discussão. Os grupos funcionaram como fóruns privados, restringindo o acesso àqueles que, de alguma forma, estavam envolvidos com o trabalho.

Em um deles, um parceiro conseguia cobrar os jovens de prazos definidos em reunião, enquanto em outro um colaborador podia corrigir erros ortográficos em reportagens a serem publicadas. “É por meio do nosso grupo que a gente troca informações internas. Mesmo morando perto uns dos outros, é difícil, com a nossa rotina, nos encontrarmos presencialmente. Mas, como sempre estamos conectados, conseguimos nos falar por lá”, conta Luana



Foto: Wagner Silva

Elisa Bernardes de Melo, do grupo de Itaú de Minas.

Todas as turmas definiam suas funções e até pautas por intermédio dos grupos e, nesse processo, quando necessário, recebiam orientação dos educadores. “É importante termos alguém para mediar nossas discussões, mas também percebemos que o Wagner Rodrigo fez um processo gradual conosco para que aprendêssemos a discutir as questões e tomássemos as decisões sozinhos, sem precisarmos da interferência dos educadores”, complementa Luana Elisa Bernardes de Melo.

Alexsandra da Costa, 33, assistente técnica da área de meio ambiente do comitê de responsabilidade social da Votorantim Cimentos e parceira do grupo de Itaú de Minas, ressalta que a troca constante com os jovens é fundamental para todos os envolvidos. “Eu me beneficiei

muito dessa relação também. Cresci como profissional, criei um laço ainda maior com a minha comunidade e aprendi a partir das dúvidas e questionamentos que os jovens me trouxeram. Foi e ainda é uma função muito rica e importante na minha vida”, explica.

Portanto, ao longo do processo, o coordenador articulou as reuniões para que fossem espaços para “apurar” arestas e garantir a autonomia do coletivo. “Sempre tivemos a preocupação de que os grupos conseguissem estar sozinhos ao final da etapa formativa e que criassem um processo de autogestão. Nossa ideia é que esses blogs permaneçam nas cidades”, justifica, complementando que os parceiros locais se transformaram em importantes aliados nesse processo. “Em muitos casos, os parceiros tornaram-se coeducadores, apoiando os jovens e, quando preciso, cobrando prazos ou acordos”, explica.

Em todas as cidades, existia pelo menos um parceiro que atuava não só como uma espécie de supervisor do processo, mas como leitor que exigia qualidade e responsabilidade no trato da informação.

Para os jovens, outra estratégia utilizada no processo de autogestão foi o incentivo à troca de conhecimento entre as cidades. A partir da orientação do coordenador de formação, os jovens das três cidades se reuniram mais de uma vez para trocar experiências e apoiar uns aos outros no compartilhamento e solução de problemas cotidianos. “O Hiago, do Queijo com Cultura, manda muito bem de redes sociais, e ele nos ensinou a resolver várias questões que tínhamos sobre a nossa fanpage”, conta Natali da Costa Dias, do Se Liga na Prata.

Os três grupos mantiveram intenso diálogo também pelo Facebook. No grupo comum aos três, mesmo sem a mediação dos educadores ou do coordenador de formação, os jovens começaram a, naturalmente, apoiar uns aos

outros, comentando os blogs das outras cidades, dando dicas para as fanpages e até compartilhando sugestões sobre reportagens e pessoas a serem entrevistadas.

Para Lia Roitburd, essa sinergia entre os grupos é fundamental para o processo autogestionado e para a garantia de que eles continuem tendo espaços de apoio ao final do projeto. “Sempre foi nossa preocupação que os grupos se comunicassem entre si e desenvolvessem uma cultura colaborativa. Nossa presença no projeto é pontual – no processo formativo e no acompanhamento inicial. Contudo, entendemos que, como cada grupo tem saberes e experiências diferentes, eles podem se apoiar continuamente, garantindo, também em diálogo com os parceiros locais, a permanência nas atividades”, indica.

Nos grupos, o processo de autogestão foi fundamental para que pudessem avaliar quais necessidades teriam com a saída da equipe do Catraca Livre. Segundo Luana Elisa Bernardes de Melo, na autogestão eles tiveram condições de perceber que precisariam de parceiros externos para continuar amparando o processo de produção. “Descobrimos que os nossos maiores parceiros são os nossos leitores, os nossos apoiadores locais e os nossos colegas das outras cidades. Sabemos que temos uma responsabilidade com a informação e com a periodicidade das publicações. As pessoas já esperam da gente, e nossos colegas das outras cidades e nossos apoiadores locais são com quem podemos compartilhar nossas dúvidas, incertezas e, claro, conquistas”, afirma.



FALA
EDUCADOR

Tiago Torres



Mediar é fundamental

“O segredo de qualquer trabalho coletivo é conseguir compreender como os grupos se estruturam. É fundamental que o educador esteja atento aos processos do grupo, compreendendo se este tem mais de um líder ou se há a ausência de alguém que puxe os demais colegas. O bom funcionamento de um grupo é uma equação bastante complexa e necessária e, em um processo inicial, cabe ao educador compreender o que falta ou o que tem em excesso em um grupo.

Quando necessário, é também importante revisitar os participantes e questionar se todos querem continuar no processo ou não; se todos estão confortáveis nas funções que desempenham ou se é necessário mudar a rotina de funcionamento do grupo.

Sempre é complicado para um grupo desenvolver sozinho esses processos, ainda mais quando seus integrantes estão juntos há pouco tempo. Por isso, vale investir em alguém próximo, que não faça parte do coletivo, mas que seja reconhecido por todos como um mediador, capaz de orientar os membros a reconstruírem suas relações no coletivo.”

Tiago Torres Gomes, 30, assistente de projetos em importante fundação educativa de São Paulo e educador das oficinas de mapeamento e escrita de projetos no Conexão Cultural.





Foto: Wagner Silva

Processo, resultados e
**propostas
futuras**



Descobertas, aprendizados e sonhos futuros: essas são as palavras que resumem, na voz dos participantes, a experiência do Conexão Cultural. Após longo e intenso percurso formativo, o projeto alcançou seu objetivo ao capacitar jovens para valorizar, por meio da comunicação, a cultura local de três cidades do interior mineiro, com sucesso. Dele nasceram três blogs reconhecidos nas comunidades e que, em pouquíssimo tempo, se tornaram referência para a população de Itaú de Minas, Pratápolis e Fortaleza de Minas.

Mesmo com certa tristeza ao terminarem o processo formativo e o contato direto com a equipe do Catraca Livre e com os educadores convidados, os jovens celebram suas conquistas e sonham com novas possibilidades e propostas para os veículos que criaram.

Os blogs contabilizam milhares de visualizações, e as fanpages – juntas –, cerca de 1.500 seguidores, que, diariamente, interagem com as publicações tanto com

compartilhamentos quanto com comentários. Juntos, esses seguidores representam mais de 5% da população das três cidades, feito sem dúvida admirável, considerando as diferentes faixas etárias e a pequena cultura digital e baixo acesso à internet das comunidades.

Cada grupo conseguiu mobilizar parceiros locais, os quais estão fortemente envolvidos com a proposta e com clara intenção de permanecer apoiando os jovens e os blogs para um contínuo avanço na qualidade e pertinência das informações. Os três parceiros iniciais – que cederam espaço físico, equipamentos e materiais de escritório durante o período formativo – prosseguem municiando os grupos com recursos para que os sites mantenham uma infraestrutura básica de apoio.

Um dos grupos já conseguiu outros parceiros locais para investir no blog e até apoiar a produção de materiais necessários para a divulgação dele. Logotipos bastante elaborados, arte para materiais gráficos e até papel timbrado foram viabilizados por meio de parcerias.

Todos – envolvidos e parceiros das três cidades – seguem com a preocupação de que o processo formativo se estenda permanentemente e que, em uma espécie de rede colaborativa, continuem trocando experiências e conhecimentos para o avanço da proposta.

INSTRUMENTO DE MUDANÇA

Há ainda a expectativa de que os blogs mobilizem as cidades a participar mais das atividades públicas, fortalecendo o laço dos moradores com o território. “Acredito muito que os meninos têm uma grande oportunidade em mãos. O blog não é só um instrumento de divulgação, é um meio para divulgar ideias, engrandecer a cidade, mexer com a população e fazer com que esta resgate, recrie e aumente

sua cultura”, conta Fernando Macedo, sócio fundador da Agência de Publicidade Createo e parceiro do blog Queijo com Cultura.

Para Natali da Costa Dias, participante e uma das autoras do blog Se Liga na Prata, o veículo pode ser um instrumento para fortalecer a relação das pessoas com a política e a organização da cidade. “Não é fazer com que o blog cubra política! Eu espero que as pessoas, ao serem estimuladas pela nossa produção, passem a participar mais dos espaços de decisão para fazer valer a voz que têm”, explica. Ela, que acredita bastante no potencial da cidade, vê que muita coisa poderia ser transformada em sua comunidade se a população se engajasse proativamente para participar dessas mudanças. “É ir além da cultura de cobrança do governo. Quero, por meio do blog, buscar que as pessoas reconheçam sua importância na cidade e percebam que podem transformar o lugar onde vivem”, complementa.

A vontade de Natali da Costa Dias ecoa na voz de todos os jovens participantes, que têm os blogs como instrumentos concretos de mudança da realidade em que vivem. “Acho que é natural que nós jovens tenhamos essa vontade de mudança, de fazer acontecer. Nosso desafio é fazer com que outros, sejam jovens, adultos ou idosos, também se engajem nessa proposta”, ressalta Luana Elisa Bernardes de Melo.

NOVOS COLABORADORES

Para Evandro Rocha Franklin, do mesmo grupo de Luana Elisa Bernardes de Melo, as possibilidades de transformação são imensas. “Vislumbro também conseguir conhecer pessoas da cidade que possam ser colaborado-



FALA
CÉLIO TURINO



Novo fazer cultural

“Valorizar a cultura local em um país como o Brasil é permitir a construção de um protagonismo de baixo para cima. Isso tem acontecido não só aqui, mas em diversas partes do mundo, como reflexo do ativismo autoral. Esse processo tem levado pessoas a se apresentarem pela própria voz, pelas próprias iniciativas e pensamentos.

Falo do “mundo rede”, ou seja, das pessoas se articulando em rede e criando novas formas de expressão e manifestação. Não apenas em grupos culturais, comunidades e territórios, mas inclusive nos movimentos como Occupy Wall Street, Primavera Árabe e os Indignados [eventos de grande repercussão midiática nos últimos anos].

A ideia é forjar uma nova forma de fazer cultural e político. E acredito que esse é um processo irreversível, uma tendência do tempo. Aqui no Brasil, isso foi transformado em política pública – por meio do Cultura Viva [programa do governo federal] e dos Pontos de – e acho que foi a maior experiência em larga escala da chamada transformação de baixo para cima.

Normalmente, as políticas públicas são construídas conforme os critérios da falta e da carência. É isso o que gera assistencialismo e dependência. Nós experimentamos uma outra forma: construir a política pública a partir das potências. Assim, foi possível ‘desconstruir’ a capacidade criativa do povo e ver as comunidades se redescobrirem a partir de suas potências.

Um dos maiores desafios ainda é poder incorporar novas práticas na construção de políticas públicas em um Estado que nem sempre está preparado para tratar a sociedade na condição de protagonista. Inverter a lógica da carência, do controle e da dependência para uma visão de empoderamento, autonomia e emancipação é a chave para se pensar a cultura hoje no Brasil.”

Célio Turino é historiador, escritor e gestor de políticas públicas. Atuou por quatro anos no Ministério da Cultura, durante a gestão de Gilberto Gil, e foi responsável pela criação dos Pontos de Cultura, programa cujo objetivo é revelar as riquezas culturais produzidas nas comunidades e democratizar o acesso à cultura no Brasil.

ras e que produzam periodicamente para o blog, atuando como colunistas fixos, trazendo suas próprias pautas e olhares sobre a cultura da cidade. Se a cultura é feita pelas pessoas, precisamos delas contribuindo com seus olhares e experiências”, justifica.

Nesse aspecto, todos os blogs já conseguiram ao menos uma produção realizada por outras pessoas da cidade. Em um dos veículos, já existem dois colunistas fixos que contribuem mensalmente com textos e ideias para outras reportagens.

Para Wagner Rodrigo, essa iniciativa de procurar outros colaboradores é fundamental, pois até o momento todo o trabalho é voluntário. “Sabemos que os jovens têm outras demandas, escola, lazer e estudos, e precisam de apoio para garantir a sustentabilidade”, conta, justificando que as formações foram pensadas em estruturas simples que pudessem ser conduzidas pelos próprios jovens. “A disseminação das oficinas aconteceu entre eles, quando se encontravam para tirar dúvidas. Agora, o próximo passo é que eles busquem, se possível com o apoio dos parceiros locais, replicar essas formações”, justifica.

E, sem dúvida, os parceiros também reconhecem essa necessidade e acreditam na possibilidade de replicação da proposta. Segundo Niara Queirós Horsa, assistente administrativa da Associação para o Desenvolvimento de Fortaleza de Minas (Adesfort), essa disseminação dos aprendizados é muito importante. “Acho que a meninada não tem estabelecido relação com as políticas para a juventude e acho que o blog pode ser um incentivo para que os jovens encontrem legitimidade em suas falas, que possam ser ouvidos”, justifica.

DE FORA DA CIDADE, AINDA NA CIDADE

Para Marisa Souza, do grupo de Pratápolis, alcançar novos colaboradores é certamente uma tarefa do grupo.



Foto: Wagner Silva

“Tem muita gente com vontade, e nós precisamos ser essa ponte. Temos que ser referência e chamar novos colegas para participar da produção de conteúdos”, explica. Ela ressalta ainda que, mesmo com as dificuldades, faz o máximo para estar presente no blog. A jovem mora e estuda em Franca, mas levou o laptop concedido ao grupo para continuar atualizando a produção. “Faço matérias daqui, mando pautas para as meninas, e a Natali continua coordenando tudo lá na Aciasp [parceira que cedeu espaço para a redação do grupo]”, complementa.

Para Tamara Oliveira Lopes, mudar de sua cidade é uma possibilidade. Em busca de qualificação profissional, a jovem se imagina morando em outros lugares, mas insiste no vínculo com Fortaleza de Minas. “Se um dia eu for embora, quero poder, mesmo de longe, ver como

está a minha cidade. Não quero perder e não quero que ninguém perca a ligação com Fortaleza. Por isso, queremos formar jovens e adultos interessados para que estes possam nos ajudar, aprender a manter o blog vivo como estamos fazendo hoje”, enfatiza. Ela observa ainda que, em conversa com os outros grupos, percebeu que essa é uma realidade comum a todas as cidades: “Nós queremos que os blogs existam para além de nós, e sejam da cidade”.

O mesmo acontece com vários outros jovens do grupo, que saem da cidade de origem para trabalhar, cursar o ensino superior ou, em alguns casos, o ensino médio. Para Lia Roitburd, a proposta é justamente essa. “Não queremos que os jovens sejam proibidos de sair de suas cidades. Ao contrário, eles devem sim procurar novas oportunidades de estudo e trabalho. Mas queremos que, por meio dos blogs, eles não percam o vínculo com suas culturas e continuem, mesmo de longe, participando do desenvolvimento de suas comunidades”, explica.

Nessa perspectiva, Evandro Rocha Franklin, que também mora fora, em Uberlândia, e faz parte do grupo de Itaú de Minas, busca meios criativos para marcar a presença da cidade no estado. Uma de suas iniciativas, pelo Queijo com Cultura, foi a promoção de uma atividade cultural no blog e na respectiva fanpage, para que os cidadãos de Itaú de Minas homenageassem o cantor e compositor Toquinho, que, embora seja paulista, é um artista apreciado pelo grupo e figura valorizada pelos leitores dos blogs. As mensagens foram compiladas e anexadas a uma carta que indicava que o povo da cidade valorizava a contribuição do compositor para a cultura brasileira e a sua importância e reconhecimento em Itaú de Minas. “A carta foi então entregue e lida em voz alta para o próprio, após um show dele em Uberlândia, onde eu moro”, conta Evandro, narrando entusiasmado o feito do grupo.

Carta ao Toquinho 2013

Toquinho,

Algum tempo se passou desde a Carta ao Tom. Muita coisa mudou: a linda aquarela, de onde viemos todos juntos, descoloriu-te também o cabelo. Mais maduro – e sempre coerente –, de lá pra cá você deu mostras do quão grande você é. Essa é uma pequena homenagem que nós, do Blog Queijo com Cultura, nos sentimos na obrigação de fazer a você.

Somos de Itaú de Minas, uma pequena cidade do sudoeste do estado que ainda não atingiu seus 15 mil habitantes. Provavelmente desconhecida por você, nossa cidade – um polo da indústria de cimento no país – torna concreta a universalidade de tua obra. Tal como imaginamos acontecer em todos os cantos do país, não há por aqui quem ouse dizer nunca ter ouvido uma de tuas canções. De pureza ímpar, tuas letras – atemporais que são – além de embasar aquilo que se pode chamar de cultura brasileira, ainda trazem consigo aquele gostinho bom da infância, uma gratidão verdadeira, ou uma reflexão – sempre positiva – de nossas vidas.

É também peculiar a tua conduta ao longo de toda sua carreira. De maneira sempre humilde, você soube com maestria levar pro além-mar os encantos do que é o Brasil, de quem são os brasileiros e do que é nossa música – e nossos músicos. Tumba é caboclo, Tumba é guerreiro, Tumba é meu pai. Mostrou pro mundo que Maria, além de coser, além de rezar, também pecava. Que mesmo que se o fantasma ficar, se o cachorro latir, se o pavor assumir, se o amigo sumir ou se – na pior das hipóteses – o amanhã não surgir, não tem nada não – tenho meu violão.

Obrigado, Toquinho. Somos pequena, mas reconhecemos tua grandeza. Obrigado por nos ensinar que a vida é pra valer, a vida é pra levar. Toquinho, velho, saravá!

Equipe do Blog Queijo com Cultura e toda a população de Itaú de Minas.

Abaixo seguem alguns comentários feitos por nossos leitores a teu respeito:

- “Vai falar o que... o que é bom dispensa comentários... apenas aplausos \o/” – Elisa Campos
- “Difícil falar da classe de Toquinho. Pra tocar, pra cantar, com o público... em disco já é maravilhoso de ouvir, mas ao vivo (estive em Ribeirão Preto em um show dele na Feira do Livro)... lindo, um show fantástico, abraços a ele!” – Daniel Amorim
- “Diga para ele que na fase pré-escolar fiz uma apresentação ao som da música Aquarela, que marcou muito a minha vida... Parabéns pelo gênio que ele é, Deus o abençoe! Grande abraço!” – Cassio Machado

- “Aplausos a um dos arquitetos da música popular brasileira que embalou nossa imaginação a viajar em uma simples folha qualquer” – Tallis Santos
- “Toquinho continua encantando a todos que vão assisti-lo e podem escutá-lo. É difícil achar palavras que te descrevam, você encanta a todos, desde as crianças até os jovens centenários. Em uma singela homenagem como essa seus fãs nunca conseguem ser objetivos e transmitir a admiração que comungamos. Parabéns e, principalmente, obrigado por sua obra e seu legado. Forte abraço (escrevo ouvindo uma coletânea de Voz e Violão e coincidentemente ao som de Morena Flor)” – Pedro Henrique Gladstone de Oliveira
- “Chamar Toquinho de talentoso é, de certa forma, pleonismo! O nome Toquinho já carrega subliminarmente as palavras talento, genialidade e musicalidade! Ele tem o dom de fazer aquela música que soa bem ao ouvido, que dá prazer em escutar. Toda minha preferência musical começou a ser formada quando, na minha infância, conheci a música de Toquinho! Dentro dessa rica MPB, ele, na minha opinião, é o maior!” – Paulo Marcos Damasceno
- “Falar de Toquinho, e suas referências, sem falar em FAMÍLIA, seria impossível! Crescemos, com muita música boa, nas festas de família. Cada música, uma lembrança, uma boa recordação, um afeto. Família reunida no Natal, ou simplesmente em um domingo qualquer... reunidos, ali, sem querer mais nada da vida... somente o estar ali, com os pais, tios, sobrinhos, amigos, avós, bisavós, primos, namoradas e namorados!!!! Isso é tudo que precisamos!!! Toquinho = MINHA FAMÍLIA!!!!” – Erika Rocha Francklin
- “Tudo que eu vejo em vc é canção de liberdade!!!! Vc fez parte da minha adolescência, e permanece até hj a me encantar” – Célia Rocha Silva Francklin
- “E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo ... pura sintonia ... d+” – Estela Pimenta
- “Trabalhar com música e não ensinar canções do Toquinho é impossível, faz parte de vários momentos em nossas vidas...e o engraçado é que antes de ver este post eu estava apresentando aos alunos a sua canção “Tarde em Itapoã”, que é simplesmente demais...” – Maycon Junior Moraes
- “Toquinho é poesia e melodia até quando calado” – Jacira de Oliveira Maia
- “Que ‘as cores de abril’ nos façam viver mortos de paixão!” – Dalmo Medici Sillos Fadul
- “Toquinho é redundantemente Brasil” – Walison Lenon de Oliveira Souza
- “Esse cara eh muitooooobommmmm!” – Fernando Vilela Cintra

Dica importante

Manter um vínculo direto com os leitores é fundamental. Responda a comentários, procure criar promoções e concursos e sempre que possível coloque mensagens personalizadas nas redes sociais com foco na identidade do seu blog.

VALORIZAÇÃO DO PÚBLICO

Iniciativas de valorização da cultura, como a homenagem feita a Toquinho, também perpassam a valorização do público leitor. Quando convidados a interagir com os blogs, os leitores fortalecem seus laços com os veículos e se sentem reconhecidos e prestigiados. Com essa proposta em mente, todos os três grupos investiram em promoções para suas comunidades.

Parcerias com empresas organizadoras de eventos garantiram aos blogs convites e cortesias a serem sorteados para os leitores. “Percebemos que estamos inaugurando uma nova forma de fazer promoções na cidade. Até onde eu sei, fomos os primeiros a sortear convites pela internet para a comunidade aqui em Fortaleza”, explica Tamara Oliveira Lopes, do blog Conexão Uai. Para a jovem, esse tipo de iniciativa ainda não tem resposta muito grande na cidade. E ela ressalta que, mais uma vez, o blog anuncia uma mudança cultural.

Ainda com o objetivo de reconhecer a importância do público leitor, os jovens têm incentivado o vínculo das pessoas da comunidade com as fanpages dos sites. Diariamente, seguindo orientação aprendida na oficina de Mídias Sociais, os grupos postam no mínimo três mensagens: uma relacionada a alguma postagem do blog, uma dica ou curiosidade publicada na mídia ou na internet e uma mensagem mais livre, como, por exemplo, falas de “bom dia” e “boa noite”.

“Uma das coisas mais divertidas é trabalhar com as redes sociais. Gosto muito de ficar procurando formas de falar com nossos leitores. Adoro fazer mensagens de ‘bom dia’, elas nos aproximam das pessoas”, ressalta Tainara Faria, do Conexão Uai.

VENCENDO DIFICULDADES

Valorizar o público é uma preocupação constante para os jovens, justamente porque eles têm a certeza de sua importância no crescimento do apreço pela cultura local.

Todos os participantes sonham com o desenvolvimento de suas comunidades, garantindo o respeito à produção das suas comunidades e o contínuo investimento em educação e arte. “Mesmo com dificuldades, eu não desisti e não vou desistir de tocar o blog porque acredito que ele vai ser reconhecido e vai permanecer como um patrimônio da nossa cidade”, explica Tamara Oliveira Lopes.

Para os grupos, a rotina de manutenção dos blogs e o cumprimento de prazos definidos ainda é um desafio. Todos, a partir da orientação na etapa de autogestão, aprenderam a utilizar instrumentos para a organização das demandas no tempo disponível. Cada grupo elaborou planilhas e calendários coletivos. “Quando entendemos de verdade como nos organizar, quase todos os problemas acabaram. Criamos calendários que são acordados entre todos nós e nos quais todos opinam. A ideia é manter o blog atualizado sem comprometer a rotina e a vida pessoal de cada um”, explica Luana Elisa Bernardes de Melo, do Queijo com Cultura. Ela acrescenta que todos perceberam a importância de cumprir os combinados por quererem levar a proposta adiante e por entenderem que o não cumprimento prejudicava o grupo como um todo. “Não é justo exigir algo de alguém e não se comprometer também”, enfatiza.

Sem uma regra comum, cada grupo montou uma agenda de atualização dos blogs e das redes sociais, garantindo a periodicidade das publicações para o leitor. Um dos blogs, que antes publicava um conteúdo novo a cada três dias, já está pensando em uma atualização diária.

Dica importante

O respeito à periodicidade é bastante importante para qualquer veículo de comunicação. Montar agendas de trabalho e estabelecer um plano factível é imprescindível. O leitor precisa saber que sempre encontrará um conteúdo novo em determinado período de tempo.

Paralelamente à rotina dos blogs, os jovens desenvolveram planos de ação para garantir a atualização de todas as editorias, sem priorizar um único tipo de reportagem e valorizando todas as linguagens. “Como o vídeo exige maior produção, trabalhamos com uma reportagem em vídeo por mês. Embora estas sejam muito bem vistas e tenham boa receptividade, precisamos cuidar para que o conteúdo publicado seja de qualidade”, explica Hiago Bruno, do Queijo com Cultura.

Nos trabalhos dos grupos, essa organização de pautas e linguagens tem sido fundamental para garantir o blog como um veículo vivo e com sua diversidade contemplada. “Nós não queremos só cobrir eventos ou só publicar fotos antigas da cidade. Queremos que tudo apareça no blog e que não fiquemos monotemáticos”, explica Natali da Costa Dias, do Se Liga na Prata.

SONHOS FUTUROS

Preocupados em vencer sempre as dificuldades, os jovens não desanimam e sonham cada vez mais alto. Além do crescimento de seguidores nas redes sociais e da visualização das postagens, os grupos desejam outros resultados. “Nós queremos mudar o mundo”, brinca Lincon Igor Amorim. Sorrindo, o jovem afirma que vê o blog como um caminho para fazer valer as ideias que tem para a cidade. “Ao começarmos a falar sobre a cultura local, estamos conseguindo mostrar para as pessoas que muito é preciso mudar em nossa cidade e que nós, jovens, crianças ou adultos, temos os instrumentos para isso. É preciso que sejamos atuantes nessa mudança”, explica.

Para Alexssandra da Costa, da Votorantim Cimentos e parceira do projeto, os blogs vão alcançar grandes

conquistas. “Estou certa de que se os meninos continuarem se mobilizando e atuando da forma que estão, nossas cidadezinhas vão aparecer cada vez mais. Acredito, sem dúvida, que os blogs ainda terão alcance nacional e que o Brasil vai descobrir cada vez mais a nossa história e a nossa cultura”, afirma.

Todos almejam desenvolver projetos e conquistar parceiros para a realização de outras atividades de valorização cultural ligadas ao blog. Entre as ideias, falam da organização de saraus públicos de poesia, festivais de música, mostras de teatro e até da publicação de livros ou materiais sobre a história da região.

Nesse caminho, um dos grupos virou apoiador de uma iniciativa local que busca resgatar os campeonatos de futebol de salão na comunidade. Além de publicar a agenda e os resultados dos jogos, o grupo quer produzir matérias sobre os craques do campeonato e a importância do esporte na cidade. “Tudo faz parte da cultura local. O esporte, os campeonatos, a história das pessoas são elementos que compõem a identidade de uma comunidade”, ressalta Wagner Rodrigo, coordenador de formação do Conexão Cultural.

Sem esconder o orgulho que tem dos grupos, Wagner Rodrigo acredita que os jovens possuem muitas ideias e força de vontade para concretizá-las. “Cada grupo conseguiu alcançar conquistas incríveis nesse curto intervalo de tempo. Sei que com organização e com parceiros apoiadores eles conseguirão ainda muito mais”, afirma.

Para Lia Roitburd, esse é o maior sonho do projeto. “É essa autonomia que queremos. Sabemos que a cultura de um território é construída diariamente no protagonismo que as pessoas assumem em suas vidas e na vida da



Foto: Wagner Silva

comunidade. Nosso maior sonho é que eles permaneçam ativos, cheios de ideias e realizações, e que possam, cada vez mais, 'contaminar' a cidade com uma agenda de valorização da cultura local e do desenvolvimento local. Eles não são só agentes transformadores, são disparadores permanentes desse desejo de transformação", conclui.



Foto: Wagner Silva



O passo a
passo



Foto: Wagner Silva

Como indicado na Introdução, este passo a passo tem a proposta de inspirar e não de constituir uma estrutura fechada, a ser replicada tal e qual. É preciso identificar com clareza o cenário em que se insere o projeto: o processo formativo deve ser um reflexo direto desse cenário.

Para auxiliar a replicação da metodologia, serão apresentadas fichas para cada uma das formações e materiais de apoio, como, por exemplo, o modelo de avaliação utilizado no projeto.

Todas as formações tiveram duração de dois dias – com oito horas de atividade e uma hora de intervalo para almoço. Neste guia, cada dia é apresentado como uma oficina, indicando a ordem lógica da mesma. Por exemplo, Oficina de Texto Jornalístico – Parte 1 e Oficina de Texto Jornalístico – Parte 2.

Em cada ficha, você terá acesso aos objetivos propostos, materiais necessários, principais atividades desenvolvidas e dicas dos próprios educadores envolvidos no processo formativo. Cada educador apresentou ainda referências conceituais disponíveis na internet que podem amparar a discussão do tema da sua respectiva oficina.

Como existe uma preocupação real de que o projeto possa ser replicado, os educadores envolvidos indicaram o perfil de educador necessário para aplicar sua metodologia. De forma geral, pretende-se que pessoas da região possam ser os educadores do projeto, fortalecendo o laço da comunidade com o processo formativo e com o desenvolvimento do produto. Observe:

Texto jornalístico

Perfil

- Conhecimentos sólidos em língua portuguesa
- Familiaridade com a estrutura do texto jornalístico
- Vivência com a produção textual

Quem na comunidade?

- Professores de língua portuguesa ou redação
- Repórteres ou editores de jornais, sites, revistas ou rádios da comunidade
- Blogueiros da comunidade

Mapeamento e parcerias

Perfil

- Conhecimentos sólidos sobre a cidade/comunidade/território em que acontece o projeto
- Conhecimentos básicos sobre processo de pesquisa (questionário e tabulação básica de dados)

Quem na comunidade?

- Professores das mais diversas áreas do conhecimento: vale incentivar a parceria entre as áreas, combinando, por exemplo, um professor de geografia com conhecimentos sobre a comunidade e um professor de matemática com conhecimentos em tabulação de dados
- Líderes comunitários ou membros de associações ou organizações que atuam na comunidade

Podcast

Perfil

- Conhecimentos em gravação e edição em áudio
- Familiaridade com ferramenta de podcast

Quem na comunidade?

- Músicos
- Profissionais do rádio
- Técnicos que trabalhem com edição de som
- Blogueiros com vivência em podcast

Fotografia

Perfil

- Conhecimentos básicos em fotografia
- Conhecimentos sobre uso de fotografia na comunicação jornalística

Quem na comunidade?

- Fotógrafos da comunidade, sejam eles amadores ou profissionais
- Jornalistas de jornais ou sites locais
- Blogueiros que tenham alguma familiaridade com fotografia

Vídeo

Perfil

- Conhecimentos básicos sobre audiovisual
- Conhecimentos básicos sobre a construção de vídeos informativos

Quem na comunidade?

- Blogueiros ou produtores de vídeo na internet: hoje cada vez mais jovens têm produzido vídeos para a internet
- Cinegrafistas que produzem vídeos amadores ou profissionais na comunidade (vídeos de casamento, festas infantis, batizados etc.)

Blog

Perfil

- Conhecimentos sobre edição e postagens em blogs
- Conhecimentos sobre linguagem virtual

Quem na comunidade?

- Professores dos mais diversos campos do saber
- Blogueiros da comunidade
- Equipe de jornais ou sites locais

Redes sociais

Perfil

- Atualização contínua com as novidades da internet
- Conhecimentos e uso constante de redes sociais

Quem na comunidade?

- Blogueiros
- Equipes que atuam com propaganda e publicidade na comunidade
- Professores familiarizados com tecnologia e internet

Difusão cultural

Perfil

- Conhecimentos básicos sobre escrita de projetos
- Conhecimentos básicos sobre novas formas de captação de recursos, como, por exemplo, financiamento colaborativo

Quem na comunidade?

- Professores dos mais diversos campos do saber
- Ativistas ou líderes comunitários
- Coletivos de referência: grupos articulados
- Envolvidos com projetos sociais

Gerenciamento das formações

Perfil

- Familiaridade com o público escolhido
- Conhecimentos sobre processos em grupo

Quem na comunidade?

- Professores dos mais diversos campos do saber
- Ativistas ou líderes comunitários
- Coletivos de referência: grupos articulados
- Envolvidos com projetos sociais

Para apoiar a compreensão das oficinas, foi estruturado um pequeno glossário com um vocabulário utilizado no passo a passo.

Apuração: atividade em que um assunto (pauta) é investigado e observado em conformidade com a linha editorial de um determinado veículo de comunicação.

Blog: site que permite rápida atualização e normalmente exibe suas publicações em lógica cronológica inversa – a mais recente aparece em primeiro lugar.

Georreferenciamento: estratégia que possibilita que determinado assunto tenha suas coordenadas geográficas publicadas.

Linha editorial: representação das crenças e cultura de um determinado grupo ou empresa que administra um veículo de comunicação.

Iniciativas crowd: de uma forma bem simples, as iniciativas crowd (multidão, em inglês) correspondem a iniciativas realizadas colaborativamente. Os dois modelos mais conhecidos são o crowdfunding, meio de financiamento colaborativo, e o crowdsourcing, no qual várias pessoas desenvolvem um projeto comum.

Microblog: forma de blog na qual usuários postam mensagens muito curtas. Para ser “micro”, a postagem deve ter até 200 caracteres. Um dos mais famosos é o Twitter.

Mídia social: ou mídias sociais, do inglês social media; ferramentas tecnológicas que permitem a produção descentralizada de conteúdos, sem o controle editorial de grandes grupos. As mídias sociais correspondem aos meios de interação entre pessoas pelos quais criam, compartilham, trocam e comentam conteúdos em comunidades e redes sociais virtuais.

Pauta: conjunto de assuntos que compõem uma edição de jornal, revista ou noticiário de rádio ou televisão.

Postar: publicar ou compartilhar uma mensagem em um fórum, mídia ou rede social na internet.

Postagem: do inglês post; qualquer publicação feita no ambiente virtual.

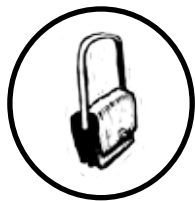
Seção: cada uma das subdivisões que correspondem a determinado tipo de publicação em um veículo de comunicação. Por exemplo, seção de cultura.

Redação: no jornalismo, redação significa a etapa da produção da notícia na qual o texto final é escrito com base nos dados obtidos na apuração ou nas entrevistas. Refere-se também ao espaço de trabalho de um grupo de jornalistas.

Rede social: qualquer estrutura que reúne pessoas ou empresas ou organizações conectadas por um ou mais interesses ou características comuns.

Reunião de pauta: encontro para discussão das pautas a serem produzidas em um determinado período. Nela, os assuntos são debatidos e adequados à linha editorial do veículo.

Widget: termo utilizado para descrever componentes das interfaces gráficas do usuário (janelas, botões, menus, ícones, barras de rolagem etc.). Também designa pequenos aplicativos com funcionalidades específicas em um determinado blog ou site (previsão do tempo, cotação de moedas, relógio, slideshows automáticos de fotos). O mesmo que gadget.



DICA DO EDUCADOR

Para Wagner Rodrigo, é fundamental que o educador perceba o interesse e a motivação do jovem em relação ao projeto. "Mais do que avaliar habilidades, é necessário perceber quanto e por que o jovem quer participar. O educador precisa ter tranquilidade para entender que o jovem, por mais legal e envolvido que seja, talvez não tenha o perfil desejado pelo projeto", explica.

O vídeo "Levante sua voz" pode ser acessado no site do Coletivo Intervozes, que atua pela democratização do direito à comunicação. Acesse em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=5756.

Outra dica é montar uma ficha de interesse que responda concretamente às necessidades do projeto. A ideia é que os responsáveis consigam avaliar com clareza se o participante tem ou não o perfil. Contudo, é importante explicar ao interessado que o fato de não ter sido selecionado para a formação não impede sua participação no grupo e que ele, independentemente do perfil procurado pelo projeto, sempre será um elo valioso para o coletivo e para sua cidade.

Processo Seletivo

Objetivo:

apresentar o projeto ao público interessado e selecionar, em diálogo com os participantes, quem tem o perfil necessário para participar da formação.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com o tema do dia, revistas, tesoura e cola, papel sulfite, canetinhas coloridas, fichas de interesse (questionário), canetas esferográficas e lápis.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação do projeto: o educador detalha os objetivos do projeto e a rotina da formação, processo de autogestão e produtos e comprometimento esperado no processo. Vale lembrar que ele deve indicar se a formação terá certificado, lanche, transporte ou outros meios que assegurem a participação e a permanência dos jovens.

3. Dinâmica de integração: o educador organiza os jovens em roda, com todos de pé. Em seguida, um participante é convidado a dizer o nome e a fazer algum gesto que todos devem repetir. O próximo a se apresentar também diz o nome e realiza algum movimento. Novamente, o grupo repete o

movimento do colega e o movimento realizado por quem se apresentou antes. O processo segue até que todos tenham se apresentado.

4. Dinâmica de formação de grupos: andando pela sala, os participantes se agrupam de acordo com as orientações dadas pelo educador (ver abaixo). A cada reagrupamento, o educador define rapidamente a configuração do grupo, de modo que os participantes percebam quais são as características do coletivo no qual estão inseridos.

Sugestões de orientação para formação dos grupos:

- quem estuda x quem não estuda.
- quem já trabalhou x quem nunca trabalhou.
- quem nunca saiu da cidade em que vive x quem já saiu da cidade em que vive.
- dos que já saíram: quem saiu do estado em que vive x quem nunca saiu do estado em que vive.
- quem está no Facebook x quem não está.
- quem tem blog x quem não tem.
- quem gosta de escrever x quem não gosta de escrever.
- por idade (por exemplo, jovens até 16 anos, jovens com 17 a 19 anos de idade ou jovens com mais de 20 anos de idade).

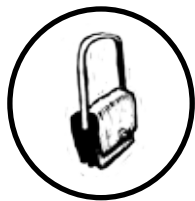
5. Produção: o educador exibe o vídeo “Levante a sua voz”, do Coletivo Intervozes. Em seguida, separa as turmas em trios ou quartetos. Juntos, os participantes são convidados a produzir um fanzine (pequeno folheto artesanal elaborado com recortes

de revista e canetinhas coloridas). A ideia é que os grupos escolham um evento, escrevam um breve histórico a respeito dele e criem uma matéria para divulgação. Ao final, cada grupo compartilha sua produção com os demais.

6. Dinâmica de interação: o educador convida todos a sentarem em roda. Ele inicia a atividade perguntando o que vem à mente do participante quando se fala em cultura e comunicação. Este é então convidado a responder em apenas uma palavra, e assim sucessivamente, até que todos tenham respondido.

7. Entrevistas / Preenchimento das fichas de interesse: o educador explica a função do preenchimento da ficha de interesse e reforça que não existe resposta certa ou errada. Vale lembrar que a ficha deve conter as informações necessárias para a seleção. Ao mesmo tempo que preenchem as fichas, os participantes são convidados a ter conversas individuais com os educadores. Nesse processo, a ideia é que o educador possa compreender o que motiva o interessado a participar do projeto, seu perfil em relação à comunicação e à cultura e possíveis impedimentos ou dificuldade para sua participação.

8. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e indica a data em que será feita a devolutiva dos participantes selecionados para integrar a formação.



DICA DO EDUCADOR

A educadora Keila Baraçal, executora da atividade no projeto Conexão Cultural, recomenda a utilização de exemplos concretos para complementar a apresentação dos conceitos. “Exemplos servem para ilustrar aquilo que ensinamos. Uma ideia é usar exemplos locais que tenham relação direta com o objetivo do projeto. No caso do Conexão Cultural, priorizamos reportagens de cultura, dos mais diversos campos: sobre arte, comportamento, eventos realizados, agenda cultural, prestação de serviços etc.”

Uma brincadeira interessante é o texto que simula diferentes interpretações de grandes personalidades dos programas jornalísticos e de entretenimento sobre a história da Chapeuzinho Vermelho. Acesse a publicação no blog Jornalismo Antena-do: <http://jornalismoantenado.blogspot.com.br/2009/11/historia-da-chapeuzinho-vermelho.html>

A enciclopédia virtual Wikipédia tem um verbete muito bem organizado sobre o processo jornalístico e sobre as funções em uma redação. Acesse em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo>

Oficina de Texto Jornalístico

Parte 1

Objetivo:

apresentar as características do texto jornalístico, os processos estruturais e os papéis de cada um dos indivíduos em uma redação.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel, caneta, releases informativos e textos jornalísticos diversos (opinativos e noticiosos).

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Dinâmica de apresentação: os participantes são dispostos em círculo e cada um recebe uma caixa de fósforos e é convidado a riscar um palito. A ideia é que, enquanto o palito permanecer aceso, o participante se apresente ao grupo. A regra é que todos devem falar de si, respeitando a lógica de uma apresentação, e ninguém pode falar mais ou menos do que o tempo de queima de seu palito.

3. Apresentação geral de um veículo de comunicação referencial: no caso do projeto, foi discutido o site Catraca Livre, proponente direto do Conexão Cultural. Contudo, a ideia é mostrar um site, jornal ou revista que possa servir como referência conceitual para os participantes. Prefe-

rencialmente, é interessante que esse veículo tenha a cultura como tema central.

4. Apresentação de conceitos básicos do jornalismo: o educador expõe os conceitos básicos do texto jornalístico, fazendo uso de exemplos claros que apoiem a compreensão dos participantes.

Como ideia, sugerimos os seguintes temas para discussão:

- o que é comunicação;
- o que é jornalismo;
- a importância da comunicação e do jornalismo dentro de uma cidade, estado, comunidade;
- diferença entre texto “quente” e “frio”;
- diferença entre texto noticioso e opinativo;
- o que é um fato;
- o que é um release ou texto publicitário;
- a importância da objetividade;
- a importância da imparcialidade.

5. Atividade prática: dividir os participantes em pequenos grupos com três ou quatro pessoas. Cada grupo recebe uma seleção de textos com diferentes características e seus membros são convidados a identificá-los como:

- noticioso “frio”;
- noticioso “quente”;
- opinativo.

Em seguida, todos os participantes devem partilhar as descobertas com os demais.

6. Apresentação da estrutura formal do texto jornalístico: nessa etapa, o facilitador deve mostrar como o texto jornalístico transmite uma informação, discutindo como fazer um lide, uma linha-fina, um título e uma manchete. Aqui, vale lembrar que a formação deverá ser adequada ao tipo de veículo com o qual os participantes vão lidar. No caso do projeto, foi elaborada formação sobre o texto jornalístico para internet.

O facilitador também deverá, no caso da

internet, explicar a elaboração de um hiperlink e sua função, a necessidade de fazer convergir linguagens de áudio e vídeo e a importância da imagem na ilustração e complementação do texto.

7. Atividade prática: usando como referência o conto “Chapeuzinho Vermelho”, o facilitador mostra como uma história pode ser contada de diferentes maneiras e ângulos, sempre pensando em sua utilização como tema de uma reportagem. Em seguida, os participantes são convidados a escolher um conto de fadas e a escrever uma reportagem sobre ele. Eles então partilham suas produções com o grupo e o educador fornece algumas devolutivas ao coletivo, comentando acertos e itens a melhorar.

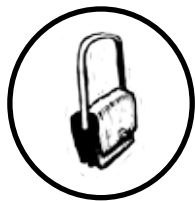
8. Apresentação da estrutura de uma redação jornalística: o educador explica como funciona uma redação e mostra a organização das funções e os processos envolvidos na elaboração de uma reportagem, ressaltando:

- o processo da pauta e a apuração de informações;
- o processo da entrevista;
- o processo da redação;
- o processo da edição.

Vale ressaltar a importância de apresentar outras atividades, como a produção e a edição de imagens, a cinegrafia, o webdesign e a diagramação.

9. Atividade prática: os participantes são divididos em grupos pequenos (novamente com três ou quatro indivíduos) e recebem dois releases para escolha. A ideia é trabalhar com releases de atividades diferentes. Cada grupo escreve uma reportagem a partir do release escolhido. O educador escolhe um dos textos e explica, por meio da produção dos grupos, como editar e diagramar uma reportagem.

10. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades com o grupo.



DICA DO EDUCADOR

Uma dica muito interessante para trabalhar textos do tipo perfil é o artigo do jornalista e professor de jornalismo Sérgio Vilas-Boas (que ressalta o papel do jornalista ao narrar a história de um entrevistado). Acesse http://sergiovilasboas.com.br/ensaios/artedo_perfil.pdf.

Outra referência é a reportagem de Hérica Lane, publicada em 2006, no site Observatório da Imprensa. De forma didática, a repórter explica a estrutura narrativa e o processo de entrevista na elaboração do perfil: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_personagem_em_destaque.

E, por fim, ainda no tema dos perfis, há o livro Saudades do século 20, de Ruy Castro, publicado pela Cia. das Letras, com 13 perfis de personalidades que marcaram a era contemporânea.

Para Keila Baraçal, é fundamental que o participante exercite o que está sendo apresentado na oficina. “A compreensão do assunto vem da prática. É nela que ele descobre como se dá o processo de verdade. É a proposta da educomunicação, em que comunicar e educar são ações intrinsecamente conectadas. Ao comunicar, ensinamos e aprendemos e, ao ensinarmos e aprendermos, estamos nos comunicando.”

Oficina de Texto Jornalístico

Parte 2

Objetivo:

apresentar a técnica da entrevista e mostrar como esta pode ajudar a compor um texto jornalístico; discutir como se define o perfil editorial de um veículo de comunicação.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel, caneta, reportagens que contenham aspas (declarações) de entrevistados, perfis jornalísticos e entrevistas em pingue-pongue.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta o cronograma do dia.

2. Apresentação da técnica de entrevista: o educador explica a função e a estrutura de uma entrevista na composição de um texto jornalístico, discutindo:

- explicação sobre o formato da entrevista em pingue-pongue estruturada em perguntas e respostas;
- construção de falas de entrevistados que ilustram determinado assunto em uma reportagem;
- elaboração do texto de perfil, no qual é apresentada a história de um entrevistado a partir de um foco previamente definido;

- importância da entrevista;
- elaboração de perguntas para o entrevistado;
- importância da pesquisa prévia para a entrevista.

3. Atividade prática: os participantes são divididos em duplas e têm como objetivo produzir o perfil de um colega. A ideia é que cada um procure conhecer a história do parceiro, seus interesses e gostos. No final, cada dupla terá dois textos que serão compartilhados com o grupo. Dependendo do número de participantes, vale sortear quem apresentará o texto para o coletivo e quem abrirá espaço para que o colega compartilhe voluntariamente sua produção.

4. Estruturação do perfil editorial de um veículo: o educador explica como se desenha o perfil editorial de um veículo, discutindo a importância do foco para a produção informativa e identificação do público-alvo, ressaltando:

- construção de formato;
- uso de editorias ou seções;
- adequação da linguagem para o público-alvo;
- periodicidade da publicação.

Nesse momento, o educador deve enfatizar a responsabilidade com a informação e discutir como se estruturam as normas de direitos autorais, indicando que textos não podem ser publicados sem a permissão do autor.

5. Atividade prática: no projeto Conexão Cul-

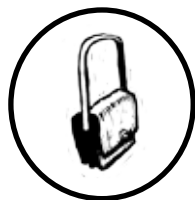
tural, os jovens foram divididos por cidade. Dependendo da estrutura do projeto, não há necessidade de divisão por grupos. A proposta da atividade é estimular os participantes a traçar a linha editorial do veículo, identificando:

- público-alvo;
- nome;
- formato;
- editorias.

Como esse é um trabalho longo, idealmente os grupos precisam ter tempo para desenhar sua linha editorial. No Conexão Cultural, esse desenho teve início na oficina, mas foi finalizado como tarefa de casa.

6. Atividade prática: para finalizar a formação, o educador simula uma coletiva de imprensa, na qual ele é o entrevistado. Reunidos, os participantes são convidados a fazer perguntas a fim de elaborar uma reportagem. Nessa atividade, o foco é estimular os jovens a perceber que a reportagem deve ser produzida com base na entrevista realizada coletivamente: para elaborar o texto, cada um precisará se apoiar nas suas perguntas e nas dos colegas. Ao final, os participantes compartilham suas produções e o educador investiga com eles quais foram as dificuldades e facilidades do processo.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza, com o grupo, uma avaliação das atividades.



DICA DO EDUCADOR

Existem variadas metodologias de mapeamento. Uma, bastante utilizada em escolas e organizações, é a dos Green Maps, que estimula os participantes a desenvolver mapas afetivos de suas comunidades. Nela, os envolvidos mapeiam espaços a partir de seus interesses, criando até ícones para representá-los. Embora não esteja inteiramente traduzida para o português, esta metodologia pode ser acessada em <http://www.greenmap.org/>. No Conexão Cultural, a metodologia utilizada foi a da Associação Cidade Escola Aprendiz, e o processo de mapeamento está sistematizado na publicação “Mudando sua escola, mudando sua comunidade e melhorando o mundo”, disponível para download em <http://bit.ly/1fZNV7u>.

Para aprender a criar bons questionários, uma dica é o livro “Como elaborar questionários”, da pesquisadora Sônia Vieira, publicado em 2009 pela Editora Atlas. Outra dica é apresentação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/18SEjHd>.

Para Tiago Torres Gomes, um dos educadores responsáveis pela atividade, “o segredo da atividade de mapeamento é estimular que os participantes sintam vontade de redescobrir suas cidades”.

Oficina de Mapeamento e Identificação de Parcerias

Parte 1

Objetivo:

apresentar aos participantes a estrutura de mapeamento e elaboração de questionário sobre cultura na comunidade.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel, caneta e tarjetas coloridas. (As tarjetas podem ser feitas recortando uma folha de papel sulfite em três pedaços iguais.)

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta o cronograma do dia.

2. Dinâmica de sensibilização – construção coletiva sobre o tema da oficina: os participantes são divididos em duplas e convidados a simular uma entrevista, na qual um deles fala todas as palavras que lhe vêm à mente sobre o tema “mapeamento” e o outro registra o discurso do colega. O processo é repetido invertendo-se as tarefas em cada dupla, e tendo como tema a palavra “parcerias”. Os registros, então, são sistematizados pelas duplas, formando uma única frase com as duas palavras (mapeamento + parcerias), unindo-as em um contexto lógico. Cada dupla é então chamada a compartilhar a frase desenvolvida. O educador

recebe as definições e, junto com o grupo, as reúne, compartilhando conhecimentos e experiências sobre os temas e produzindo uma visão comum.

3. Dinâmica de sensibilização – construção individual da imagem da cidade: os participantes são convidados a refletir sobre os espaços por onde circulam na cidade. Por meio de uma atividade de relaxamento, o educador conduz cada um a selecionar um trajeto com o qual tenha familiaridade. De olhos fechados, os participantes são estimulados a pensar quais são os cheiros, sensações, paisagens com que se deparam ao passar pelo trajeto escolhido. Após o relaxamento, cada um registra suas sensações e impressões. Como resultado do exercício, os participantes podem produzir desenhos, trechos de músicas e descrições baseadas no caminho percorrido. As produções são compartilhadas rapidamente e coladas em uma parede da sala onde se realiza a atividade. A ideia é que o educador possa ter acesso ao material ao longo do dia, fazendo com que os participantes recuperem as imagens que têm e o que já conhecem de suas comunidades.

4. Apresentação do processo de mapeamento e construção de um questionário coletivo: o educador apresenta o conceito e os processos de construção de um mapeamento, destacando:

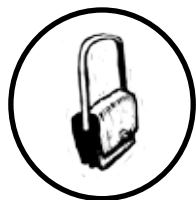
- o porquê do mapeamento;
- foco do mapeamento;
- formas de construção de um mapa;

– entrevistas como parte fundamental de um mapeamento.

No Conexão Cultural, o foco da atividade foi levar os jovens a compreender o mapeamento como um instrumento para identificar o cenário cultural da cidade, levantando, por meio de questionários que foram posteriormente aplicados com a comunidade, a compreensão que esta tinha de cultura, a forma como os bens culturais são preservados ou valorizados, que elementos culturais compõem a comunidade, possíveis parceiros para os grupos e futuras pautas.

5. Atividade prática – elaboração de um questionário coletivo: os participantes recebem tarjetas nas quais anotam livremente as perguntas de um questionário para um mapeamento. O educador agrupa as tarjetas com as perguntas, discriminando os componentes de um questionário (amostragem, perguntas abertas, perguntas fechadas, perguntas de resposta múltipla etc.). A ideia é que, ao final da atividade, o grupo possa produzir questionários completos que respondam às necessidades do projeto. Como esse é um processo lento, o educador pode trabalhar o questionário em mais de uma atividade, garantindo a melhor qualidade possível.

6. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.



DICA DO EDUCADOR

A Apoena Sustentável, importante consultoria no terceiro setor e no mercado empresarial, desenvolveu um material bastante interessante para captação de recursos em projetos sociais que pode servir de guia para a elaboração de um plano de parcerias – tanto para educadores quanto para participantes em um projeto como o Conexão Cultural. O manual está disponível para download gratuito em http://www.apoenasocial.com.br/arquivos/Manual_de_Capta%C3%A7%C3%A3o_de_Recur-sos_06_08_08.pdf.

Para Julia Dietrich, uma das educadoras envolvidas na oficina, é importante que os jovens percebam a aplicação do mapeamento no projeto. “O mapeamento tem que ter uma utilidade direta para o que os blogs ou grupos precisam. É um ferramental fundamental que possibilita que os grupos identifiquem tudo o que desejam descobrir sobre suas comunidades: das pautas aos parceiros. Basta que eles descubram como perguntar aos entrevistados.”

Oficina de Mapeamento e Identificação de Parcerias

Parte 2

Objetivo:

realizar um mapeamento na prática e computar os dados em instrumento virtual colaborativo. Apresentar o processo de construção de parcerias.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel, canetas, pranchetas, folhas com questionário de mapeamento impresso.

Como realizar:

No Conexão Cultural, os jovens se encontraram na Praça dos Esportes, em uma atividade mensal na cidade de Pratápolis, para um “mapeamento teste”.

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Mapeamento prático: os participantes são divididos em duplas e, munidos de um questionário elaborado para o mapeamento, entrevistam um número previamente combinado de pessoas. A atividade deve acontecer em espaço público com grande número de pessoas e ter um tempo determinado de duração. Idealmente, um processo de mapeamento dura de duas a quatro horas, e deve-se entrevistar o maior número possível de pessoas para garantir maior legitimidade ao resultado. O educador define uma área (rua, quarteirão, bairro) a ser mapeado,

seguindo as limitações do projeto (número de participantes e tempo disponível). Vale lembrar que é necessário ter o endereço do entrevistado, garantindo que ele possa ser identificado em um mapa da cidade.

Assim, a ideia é que os participantes levantem possíveis parceiros de ações, parceiros de divulgação e pautas, bem como, por meio do questionário, compreendam o cenário cultural da comunidade em que vivem.

3. Apresentação do Google Maps e do Google Drive e atividade prática para armazenamento das informações do mapeamento: após o exercício de mapeamento, os participantes são apresentados à ferramenta Google Drive (Google Docs), importante instrumento virtual para compartilhamento e preenchimento de arquivos on-line. No Drive, os participantes são convidados a preencher uma planilha de dados colaborativa, cadastrando os pontos mapeados na atividade em um banco de dados, que congrega nome, endereço, telefone, informações e função de cada ponto trabalhado. A planilha deve dialogar diretamente com as informações do questionário.

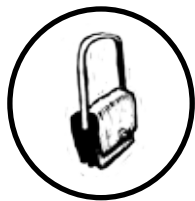
Em seguida, os participantes são apresentados à ferramenta do Google Maps, na qual podem cadastrar “pins”, pontos de interesse, plotados no mapa. Com o instrumento, eles criam múltiplos mapas, rotas de interesse para a cidade, mapas públicos, mapas privados (para parceiros), entre outros. Em um cenário ideal, ao passo que a ferramenta é explicada, os participantes devem desenvolver suas planilhas e mapas utilizando outros computadores.

4. Apresentação conceitual sobre parcerias: o educador discorre sobre o papel de um parceiro em um projeto e em um veículo de comunicação, debatendo diferentes formas de se apresentar uma proposta. Ele deve discutir com o grupo:

- parceria x apoio x patrocínio x doação;
- meios de contato com parceiros;
- feedback e comprometimento com os acordos;
- uso do mapeamento para identificar parceiros e estruturar um plano de captação de recursos.

5. Varal de parcerias: o educador prende as pontas de duas fitas ou barbantes em paredes opostas, criando dois varais. Os participantes recebem pequenas tarjetas de papel e anotam o que podem oferecer aos demais colegas. Eles devem ser estimulados a oferecer desde coisas que tenham e não usam mais a habilidades que possam ensinar ou com as quais possam apoiar alguém (por exemplo, tocar violão). Em seguida, os jovens prendem as folhas em um dos varais, que passa a ser chamado de “varal de ofertas”. Não há limite para o número de folhas por participante, mas é importante que cada uma delas tenha apenas uma oferta registrada. Em uma segunda rodada, os participantes anotam – em folhas separadas – objetos ou habilidades que desejam ter (por exemplo, aprender a tocar violão) e, novamente, são convidados a pregar as folhas em um segundo varal, que passa a ser chamado de “varal de demandas”. Por fim, eles são estimulados a buscar, nos dois varais, parceiros para o que necessitam, identificando habilidades ou objetos que possam oferecer, e parceiros que possam oferecer habilidades ou objetos para seus desejos. A ideia é que os participantes vivenciem o porquê das parcerias e sejam convidados a, efetivamente, concretizar essas trocas. Além de estimular a integração do grupo, a dinâmica apresenta com clareza como as parcerias se estruturam.

6. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades. Vale ressaltar que, se possível, o varal deve permanecer no espaço da oficina para que a cultura de parcerias entre os participantes seja perpetuada durante todo o processo formativo.



DICA DO EDUCADOR

No Conexão Cultural, o programa de edição de áudio utilizado foi o Audacity, um software livre que pode ser baixado gratuitamente no site <http://audacity.sourceforge.net/>. Vale ressaltar que o programa é bastante intuitivo e amigável para o usuário, e que existem inúmeros tutoriais para aprender todas as funções que ele oferece.

Outra dica é acessar o manual, que já foi traduzido para português e também é licenciado para uso colaborativo: http://oficinademultimedia.files.wordpress.com/2011/09/manual_audacity.pdf.

Para publicar o podcast, o Conexão Cultural utilizou a plataforma SoundCloud. Gratuita, permite o armazenamento e a disseminação de materiais em áudio. <https://soundcloud.com/>. Como também funciona como uma rede social, o SoundCloud é um espaço para trocar informações e ideias com outras pessoas que desenvolvem produção em áudio na internet.

Oficina de Podcast

Objetivo:

sensibilizar os participantes e capacitá-los a usar a linguagem em áudio para a produção jornalística.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes), software de edição de áudio.

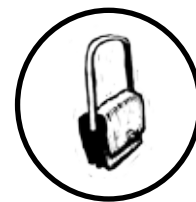
Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação do conceito de podcast: o educador discorre sobre a função de um podcast em veículos web de jornalismo, discutindo o papel que a linguagem do áudio ainda ocupa na difusão de informação. Ele deve priorizar:

- a linguagem em áudio para a produção de reportagens;
- a transposição do rádio para os ambientes virtuais;
- como utilizar o podcast e as rádios web.

3. Apresentação de exemplos de Podcast – exercitando a escuta: o educador exhibe variados exemplos de podcast, que contemplam desde pequenos spots (pílulas de informação) a programas de rádio na internet. A ideia é estimular os participantes



DICA DO EDUCADOR

a treinar a escuta e perceber como se dá a construção da informação quando apenas o recurso do áudio é utilizado. Nesse processo, o educador deve enfatizar:

- a construção de imagens sonoras: descrição de paisagens, pessoas, situações;
- a ilustração da reportagem com elementos sonoros: músicas, sonoplastia;
- o uso de entrevistas em áudio: edição da informação.

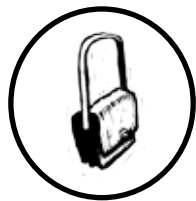
4. Atividade prática – criando podcasts: os participantes são convidados a roteirizar e gravar uma pequena reportagem em áudio sobre a cultura na cidade, elaborando uma pauta e simulando entrevistas.

5. Apresentação e atividade prática sobre edição de áudio: o educador discorre sobre o ferramental para edição de áudio e inclusão de efeitos sonoros. Os participantes são convidados a editar suas gravações, seguindo a estrutura lógica do roteiro. O educador acompanha o processo e apoia os jovens no manejo da ferramenta de edição.

6. Publicação do podcast: o educador ensina como publicar a produção em podcast e discute a importância de conectá-lo ao blog e às redes sociais. Os participantes são convidados a se cadastrar em ferramenta de podcast e a publicar a produção do grupo.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.

Para Alexandre De Maio, educador responsável pela oficina de podcast no projeto, a linguagem do áudio, embora específica, é muito intuitiva e já faz parte do imaginário das pessoas. “O bacana dos podcasts é a possibilidade de trazer uma linguagem bastante imediata e democrática como o rádio para apoiar um blog ou uma rede social. Em nossa oficina, nos preocupamos muito com o acesso a ferramentas simples que podem ser utilizadas com tranquilidade por participantes sem muita familiaridade com o meio digital. É preciso que o educador estimule os participantes a procurar apoio nos tutoriais e manuais disponíveis na internet. Eu aprendi e até hoje aprendo muito com o conteúdo colaborativo da internet.”



DICA DO EDUCADOR

Para Alexandre De Maio, educador responsável pela oficina durante o projeto, a fotografia é o grande instrumento da comunicação virtual e deve ser muito aproveitada para criar relações entre veículos de comunicação e seus leitores. “O desafio da formação em fotografia é buscar que os participantes percebam como treinar o olhar para a construção do fato por meio de imagens. É preciso sair da lógica apenas de foto de memória para algo que comunique um cenário ou situação para o leitor. Outra dica é que para, registrar um acontecimento, é preciso trabalhar com diferentes planos e perspectivas. É preciso apresentar ao leitor imagens convidativas, instigantes e que representem o ‘clima’ de determinada situação”.

Existem vários softwares para edição de imagem. Além do conhecido Photoshop (que é pago), há o software livre Gimp, que pode ser baixado legalmente em <http://www.gimp.org/>. Também é possível encontrar o software online <http://pixlr.com/editor/>, que reproduz, sem necessidade de baixar programas, as funções básicas de um editor de imagens.

Oficina de Fotografia

Objetivo:

sensibilizar os participantes quanto à linguagem fotográfica e capacitá-los para utilizá-la na comunicação.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, conexão de internet, câmeras fotográficas, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes), software de edição de imagem.

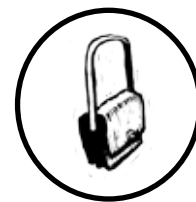
Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação do conceito de podcast: o educador, munido de exemplos concretos, explica conceitos básicos de fotografia, ressaltando:

- fotografia e luz;
- abertura e velocidade;
- foco;
- escolha da imagem;
- papel da fotografia no jornalismo;
- registro fotográfico x imagem.

3. Apresentação do conceito de pauta fotográfica: o educador ensina a elaborar a pauta fotográfica, trazendo exemplos de reportagens fotográficas realizadas sem o suporte do texto. A ideia é ressaltar como imagens podem construir uma narrativa.



DICA DO EDUCADOR

4. Criação da pauta fotográfica: o educador convida os participantes a elaborar uma pauta fotográfica, tendo em mente as possibilidades no entorno de onde se realiza a oficina. A proposta é que eles criem uma pauta com base em recursos concretos e em diálogo com o tema da cultura local.

5. Saída fotográfica: os participantes são convidados a executar a pauta elaborada com orientação presente do educador.

6. Apresentação de software de edição de imagens: o educador explica o funcionamento do software de edição de imagens e os participantes acompanham a explanação, utilizando os recursos de edição. A ideia é que a explicação se dê simultaneamente aos exercícios práticos.

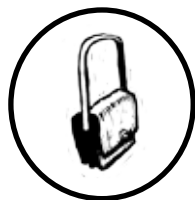
7. Postagem: o educador ensina como postar a imagem nas redes sociais, ressaltando o uso de legendas e chamadas criativas que apoiem a divulgação dela.

8. Apresentação de recursos de armazenamento e redes sociais de imagem: o educador mostra exemplos de redes sociais de compartilhamento de imagem, destacando a função de cada uma no ambiente virtual. A ideia é que o participante selecione redes sociais com as quais tenha familiaridade e que estejam relacionadas com a proposta do projeto. O educador também discutirá direito autoral e direito e responsabilidade com uso da imagem.

9. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.

Para melhor compreender a dinâmica dos direitos autorais, vale acessar os materiais da licença creative commons (<http://creativecommons.org.br/>), que explicam com clareza os diferentes meios para disseminar uma imagem, vídeo, áudio ou texto respeitando os desejos do autor e demais envolvidos.

No Conexão Cultural, além de uma câmera profissional, foram utilizadas câmeras de celular e câmeras eletrônicas simples, incentivando o uso dos recursos disponíveis ao grupo. Com a popularização da tecnologia, cada vez mais fotos tiradas com dispositivos de baixo custo ganham destaque no cenário midiático. Para Alexandre De Maio, essas câmeras cumprem muito bem a função de documentar determinados cenários. “Contudo, quando possível, vale investir em um equipamento com maior qualidade, pois ele profissionaliza a produção.”



DICA DO EDUCADOR

No projeto Conexão Cultural, foi utilizado o programa de edição em vídeo que vem com o próprio Windows, o MovieMaker. Idealmente, outros programas de edição de vídeo devem ser utilizados. Entre eles o software pago Adobe Premiere ou o software livre Cinelera, que exige instalação do sistema operacional Linux. Outra possibilidade é utilizar o próprio Youtube, que permite o emprego de recursos básicos de edição.

Para Alexandre De Maio, a linguagem audiovisual está cada vez mais presente no imaginário das pessoas e, portanto, sua construção é um processo intuitivo. “O foco do educador deve estar em trabalhar a qualidade da captação das imagens do som. Uma dica é procurar fazer com que, na ausência de microfones ou utilizando câmeras simples, o câmera se aproxime do entrevistado, de modo a garantir a qualidade do áudio.”

Oficina de Vídeo

Objetivo:

apresentar aos participantes os principais recursos para a realização de uma videoreportagem, da pauta à edição.

Materiais necessários:

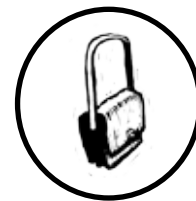
datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, conexão de internet, câmeras filmadoras, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes), software de edição de vídeo.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação da linguagem audiovisual no jornalismo: o educador, munido de exemplos (telejornais, vídeos exclusivos da internet e, se possível, produções amadoras), discorre sobre a realização de reportagens em vídeo, ressaltando:

- o papel do repórter, imagem e entrevistado;
- elaboração da pauta na linguagem audiovisual;
- papel da imagem na reportagem em vídeo;
- explicação sobre “passagens” (falas do repórter que ligam um trecho ao outro da matéria) e “offs” (falas do repórter ou do entrevistado que se sobrepõem à imagem).



DICA DO EDUCADOR

3. Elaboração da pauta: divididos em grupos, os participantes são convidados a elaborar uma pauta para gravação. A proposta é que, para que seja possível atuar de forma mais objetiva e em meio a um clima lúdico, eles simulem uma pauta e os personagens a serem entrevistados e até encenem situações. Outra possibilidade, como realizado no Conexão Cultural, é incentivar o grupo a produzir uma reportagem sobre o próprio processo formativo, executando uma espécie de making of da atividade.

4. Gravação: com base na pauta elaborada, os grupos gravam a reportagem, garantindo liberdade para que cada um escolha a função a ser desempenhada.

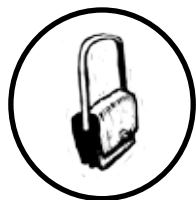
5. Apresentação conceitual e atividade prática de edição: o educador explica o software de edição de vídeo e os participantes acompanham a explanação, utilizando os recursos de edição ao passo que estes são detalhados pelo educador.

6. Postagem: o educador explica como postar o vídeo em sites de compartilhamento de produção audiovisual (Youtube ou Vimeo) e como disseminá-lo nas redes sociais, ressaltando o uso de legendas e chamadas criativas que apoiem a divulgação do produto.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.

O educador ressalta que participantes e educadores devem aproveitar os tutoriais existentes na internet. “Hoje, todos esses programas de edição, sejam eles on-line, em softwares livres ou pagos, estão disponíveis na internet. Aprender com a produção disponível é fundamental para se manter atualizado. Outra dica é assistir a muitos filmes e telejornais e aprender a simular ângulos e linguagens, explorando novas possibilidades com a câmera.”

No Conexão Cultural, toda a produção foi feita com recursos simples, aproveitando câmeras fotográficas e celulares que têm a função de gravação – daí serem chamados de vídeos de bolso. Na oficina, contudo, também foi apresentada uma câmera semiprofissional para que os jovens adquirissem familiaridade com as funções mais complexas de um equipamento.



DICA DO EDUCADOR

Para o educador Alexandre De Maio, é interessante mostrar aos participantes o maior número possível de experiências bem-sucedidas em blogs e na conexão entre blogs e mídias e redes sociais. “É importante que o educador se prepare previamente para a atividade, pesquise blogs-chave e experiências que tenham relação com o tema a ser trabalhado pelo grupo. Para essa oficina, estudei e revisitei exemplos de blogs de cultura, buscando experiências de diferentes regiões do Brasil, feitas por jovens, por educadores, por artistas, enfim, mesclando diferentes formas, linguagens e públicos.”

Para reduzir os endereços das publicações, o educador apresentou a ferramenta gratuita Bitly (<https://bitly.com/>) que “encurta” os endereços dos links e organiza-os de acordo com a lógica adotada pelo usuário.

É aconselhável que o educador estimule os participantes a compartilhar aquilo que já conhecem. “Vale identificar no grupo quem tem maior familiaridade e que este possa se expressar, contar suas experiências e mostrar atividades já realizadas. Em todos os grupos, há alguém que tem blog ou que lê um blog. É fundamental reconhecer o que o grupo já sabe para que os participantes possam se tornar coautores da oficina”, justifica De Maio.

Oficina de Blog

Objetivo:

apresentar a elaboração de blogs e fazer com que os participantes produzam o veículo do projeto.

Materiais necessários:

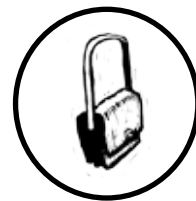
datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação do conceito de blog e ferramenta Wordpress: o educador explica o que são blogs, como eles ganharam expressão na última década e como a maioria dos sites atuais são, na verdade, elaborados a partir de plataformas de blog. Em seguida, o educador apresenta a ferramenta escolhida como base para as atividades. No Conexão Cultural, a plataforma indicada foi o Wordpress.

3. Apresentação de blogs em atividade: o educador seleciona e comenta blogs relevantes nos dias atuais, com exemplos ligados à promoção de cultura local ou discussão temática sobre cultura de acordo com o foco do projeto. O educador deve trazer exemplos que estimulem os jovens, priorizando blogs que lidem tanto com o conteúdo quanto com a qualidade visual e gráfica.



DICA DO EDUCADOR

4. Explicação de conceitos básicos do

Wordpress: o educador explica como um blog é elaborado, detalhando:

- criação de sessões;
- criação do “quem somos” ou da apresentação do veículo;
- criação de tags: para que servem e como devem ser utilizadas;
- criação de links para compartilhamento do blog nas redes e mídias sociais;
- criação do leiaute do blog: cores, imagens, cabeçalho etc.

5. Atividade prática: com base em materiais das atividades anteriores (fotos, vídeos e textos), os participantes são convidados a construir seus veículos coletivos e a postar (publicar) as produções editadas.

6. Atividade prática: depois que as produções são postadas, o educador explica aos jovens como divulgar as publicações, conectando-as às redes e mídias sociais dos veículos. Ele mostra então como estruturar manchetes (títulos) para as publicações nas redes sociais, bem como a forma de encurtar o tamanho dos endereços das postagens usando ferramentas gratuitas disponíveis na internet.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.

Obs.: a partir dessa oficina, prevê-se o lançamento do blog. Portanto, é importante que o grupo comece a pensar em um cronograma de publicações.

O Wordpress é uma ferramenta bastante popular e intuitiva. Sua estrutura já está quase toda traduzida para o português e permite o uso de outras ferramentas de apoio no blog. Chamadas de widgets ou gadgets, essas ferramentas são microaplicativos simples ou complexos que podem servir para apoiar as publicações: de relógios que marcam a hora e o local a instrumentos de compartilhamento de fotos em slideshow, elas são bastante utilizadas pelos blogs atuais.

Observe alguns sites bastante interessantes que são feitos em Wordpress:

Universidade de São Paulo - www5.usp.br

Ministério da Cultura - www.cultura.gov.br

Catraca Livre - www.catracalivre.com.br/sp

VilaMundo - www.vilamundo.org.br

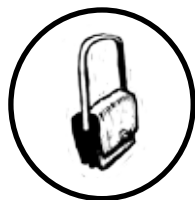
Portal Aprendiz - www.aprendiz.org.br

Portal de Financiamento Colaborativo

Itsnoon - <http://itsnoon.net/home>

Toque no Brasil - <http://toquenobrasil.com.br/>

Nós na tela - www2.cultura.gov.br/nosnatela/



DICA DO EDUCADOR

Para Anderson Meneses, educador responsável pela oficina no Conexão Cultural, o segredo da atividade está em estimular os participantes a compreender o que são e como funcionam as redes e mídias sociais. “Minha maior preocupação foi de, o tempo inteiro, relacionar a prática virtual com o que acontece presencialmente na vida das pessoas. Meu objetivo era que os jovens percebessem que a virtualidade veio para ampliar a possibilidade de ações que já acontecem no cotidiano das pessoas.”

Para ele, é ainda fundamental investir nos cases práticos a serem mostrados como referência. “Outro papel do educador nessa oficina é inspirar os participantes a fazer uso das ferramentas. E a melhor forma de fazer isso está em apresentar histórias que deram certo.”

A seguir, o endereço das ferramentas apresentadas:

Facebook Insights: <https://developers.facebook.com/docs/insights/>;

Google Analytics: <http://www.google.com/analytics/>;

HootSuite: <http://hootsuite.com/>;

Klout: <http://klout.com/>.

Oficina de Redes e Mídias Sociais

Parte 1

Objetivo:

apresentar conceitos e ferramentas de mídias e redes sociais que apoiem a divulgação das publicações do blog, bem como a estruturação de um público cativo para os veículos.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

Boas-vindas: o educador recebe os participantes e detalha a agenda do dia.

1. Vídeo de apresentação do conceito: o educador apresenta vídeo do TEDx Canoas que discute a relação entre viver online e offline (<http://www.youtube.com/watch?v=Tm81ozuvV78>). O vídeo mostra a relação das pessoas com as redes sociais e como os publishers (produtores de mídia) as utilizam para disseminar conteúdo.

2. Apresentação do Twitter e ferramentas de apoio: o educador explica o funcionamento da ferramenta, estimulando os participantes a expor suas experiências e perceber como ela funciona para fortalecer a interação com o público. Nessa

discussão, o educador mostra como integrar o Twitter com outras redes sociais e como utilizar encurtadores de endereços web (recapitulando a discussão da oficina anterior). Ainda nessa perspectiva, o educador apresenta:

- o Klout, instrumento que mede a influência e o poder de engajamento de determinada pessoa ou site no mundo virtual;
- rotinas e periodicidade de postagem;
- criação de listas;
- dicas de postagem: como escrever postagens atraentes e utilizar imagens nas chamadas;
- o HootSuite, ferramenta para agendamento de postagens nas redes sociais.

Para ilustrar as discussões, o educador deve apresentar cases e exemplos concretos.

3. Atividade prática: os participantes são convidados a criar um usuário no Twitter para seu respectivo blog e a agendar cinco postagens com base em conteúdos publicados no blog e/ou mensagens inéditas.

4. Apresentação do Facebook: o educador comenta o Facebook, discutindo sua importância como ferramenta de propagação de conteúdo. Nessa conversa, ele deve explicar as funções e como fazer diferentes tipos de postagem (texto, imagem, link para o blog etc.).

5. Apresentação de conceitos e ferramentas de apoio ao Facebook: em seguida, o educador discute os principais pontos relacionados à ferra-

menta. São eles:

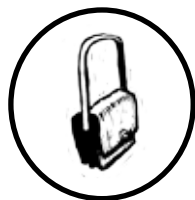
- engajamento de público;
- agendamento de postagens;
- Facebook Insights: ferramenta para mensurar o poder de engajamento e o alcance das postagens na rede;
- moderação de comentários;
- integração do Facebook com o Twitter;
- leiaute da página do Facebook: cabeçalho e foto do perfil.

Novamente, nesse processo, para ilustrar as discussões, o educador deve apresentar cases para que os participantes compreendam de forma clara o uso concreto das ferramentas no cotidiano do blog.

6. Atividade prática: os participantes são convidados a criar uma fanpage no Facebook para seu respectivo blog e a agendar cinco postagens com base em conteúdos publicados no blog e/ou em mensagens inéditas.

7. Apresentação do Google Analytics: o educador explica o uso da ferramenta do Google Analytics, instrumento para mensuração de leituras, comentários, tráfego e interação dos usuários (leitores) com o blog Wordpress. Nessa atividade, o educador deve discutir a importância da avaliação permanente do blog.

8. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.



DICA DO EDUCADOR

Para Anderson Meneses, responsável pela oficina no projeto, o educador deve estar muito atento a novos movimentos e linguagens no espaço virtual. “Todos os interessados em ministrar esse tipo de oficina devem estar muito conectados ao cotidiano do ambiente web. Tudo muda com muita velocidade: novas redes e mídias surgem, enquanto outras perdem relevância. Assim, quem montar esse tipo de atividade deverá priorizar o que está sendo usado no momento e a importância de determinada ferramenta no fortalecimento do vínculo entre o blog e seus leitores.”

Acesse o link de outras ferramentas virtuais:

Foursquare: <https://pt.foursquare.com/>;

Flickr: <http://www.flickr.com/>;

Instagram: <http://instagram.com/>.

Oficina de Redes e Mídias Sociais

Parte 2

Objetivo:

estimular os participantes a utilizar as ferramentas de avaliação, compreendendo o funcionamento delas para o gerenciamento dos blogs e redes e mídias sociais.

Materiais necessários:

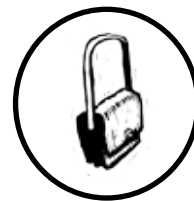
datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Atividade prática do Twitter: os participantes são convidados a, com o uso dos instrumentos apresentados na oficina anterior, verificar e criar um relatório (como post) sobre as publicações que mais funcionaram no Twitter. O educador apoia a construção do post, ajudando os participantes a identificar e compreender os pontos de sucesso e a melhorar na gestão da ferramenta.

3. Atividade prática do Facebook: em seguida, repetindo a forma da atividade anterior, participantes são convidados a – usando os instrumentos apresentados na oficina anterior – criar um relatório (como post) sobre as publicações que



DICA DO EDUCADOR

mais funcionaram no Facebook. O educador apoia a elaboração do post, ajudando os participantes a identificar e compreender os pontos de sucesso e a melhorar na gestão da ferramenta.

4. Exercício de agendamento: os participantes são convidados a agendar postagens para uma semana inteira, contemplando os acordos de periodicidade e variedade no tipo de postagem no Twitter e Facebook.

5. Apresentação de outras redes sociais: o educador relembra instrumentos já apresentados e novas ferramentas que possam apoiar a divulgação e a organização dos blogs. No Conexão Cultural, foram apresentados o Instagram e o Flickr (fotografia) e o Foursquare (microblog georreferenciado). Novamente, a proposta foi que os participantes compreendessem como funcionam as redes e qual o seu papel, além de conhecer os cuidados necessários para o gerenciamento delas.

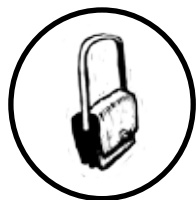
6. Espaço de produção livre: com o apoio do educador, os participantes são convidados a produzir livremente, tanto para os blogs quanto para as redes sociais. Nessa atividade, destaca-se a possibilidade de os participantes melhorarem seus instrumentos, atentando para que os layouts das redes e blogs sigam um mesmo conceito e uma mesma proposta visual e de conteúdo.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.

Outra dica é o vídeo “Redes sociais em linguagem básica”, que, de forma bastante clara, explica como as redes sociais virtuais são representações no mundo virtual de relações estabelecidas no cotidiano presencial. Acesse o vídeo em <http://www.youtube.com/watch?v=fdb1Aw6luNE>.

O mesmo vale para a definição de mídia social, explicada no vídeo “Mídia social em linguagem básica”: <http://www.youtube.com/watch?v=AiX5ISBNDiA>.

Para observar e compreender melhor as tendências da internet brasileira e internacional, a dica é o site e rede Youpix: <http://youpix.com.br/>. Essa rede também se manifesta presencialmente em eventos periódicos nas diferentes regiões brasileiras, reunindo blogueiros e pessoas influentes das redes sociais para discutir as novas tendências da internet. Acompanhe pelo site o calendário desses encontros.



DICA DO EDUCADOR

Uma dica interessante é o livro 120 dinâmicas de grupo – para viver, conviver e se envolver. Escrita por José Ricardo Martins Machado e por Marcus Vinícius Nunes da Silva, essa publicação de 2012 da Editora Wak apresenta uma série de ferramentas que incentivam o trabalho e a construção colaborativa.

Nas apresentações de iniciativas crowd, foi utilizado o conceito da Enciclopédia Virtual Wikipédia, ela própria um exemplo de crowdsourcing. Embora tenham títulos em inglês, todos os verbetes encontram-se em português. Acesse:

Crowdfunding: http://pt.wikipedia.org/wiki/financiamento_coletivo;

Crowdsourcing: <http://pt.wikipedia.org/wiki/crowdsourcing>;

E, para inspirar os grupos, foram apresentados vídeos de projetos inscritos na plataforma de financiamento colaborativo Catarse.me. Contudo, em todas elas é possível encontrar projetos inspiradores que dialogam com a lógica da colaboração na construção de ações coletivas. Seguem alguns exemplos:

Catarse: <http://catarse.me/> – foco em projetos culturais;

Benfeitoria: <http://benfeitoria.com/> – foco em ações sociais;

Oficina de Difusão Cultural

Parte 1

Objetivo:

sensibilizar os participantes sobre a importância de parcerias no gerenciamento e sustentabilidade dos blogs e estruturar um plano de captação de recursos para responder às necessidades dos grupos encontradas até o momento.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel, canetas coloridas, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Atividade prática: divididos em grupos de cinco, os participantes são convidados a apresentar, de maneira lúdica (teatro ou outra produção), as atividades que desenvolveram, da seguinte forma: UMA SACADA (algo que fizeram e deu muito certo) e UM ENROSCO (algo que foi mais complicado, difícil de resolver ou que ainda precisa ser resolvido). Após a apresentação de cada grupo, o educador anota os principais pontos e incentiva a troca de experiências com base em ações

semelhantes ou citando outros exemplos que possam contribuir para os planos de trabalho dos coletivos. O educador deve indicar aos participantes que as necessidades dos grupos, muitas vezes, podem ser respondidas internamente, incentivando a troca dos conhecimentos e interesses dos próprios membros que participam da proposta.

3. Apresentação sobre parcerias e captação de recursos: a partir da discussão da atividade anterior e do que foi apresentado nas oficinas de Mapeamento e Identificação de Parcerias 1 e 2, o educador mostra aos participantes o que são e como funcionam parcerias, identificando estratégias para captação destas. Na discussão, o educador deverá indicar:

- que tipo de parcerias podem ser estabelecidas;
- o que pode ser oferecido e o que se espera receber de um parceiro;
- a importância de honrar combinações com parceiros;
- a importância de fazer devolutiva aos parceiros com base nos resultados alcançados.

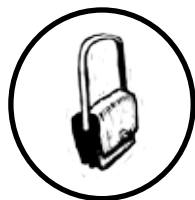
A proposta é que o educador recupere conceitos já aprendidos no desenho de um plano concreto para a sustentabilidade dos blogs.

4. Atividade prática: em seguida, os participantes são convidados a, em grupos, elaborar um

plano de captação de recursos, identificando a partir do mapeamento e das experiências desenvolvidas até o momento, onde e com quem estão os recursos necessários para suas necessidades. O resultado é compartilhado e o educador deve comentar se os caminhos escolhidos são viáveis ou devem ser mais trabalhados, indicando aos envolvidos quais pontos devem melhorar no plano para alcançarem, com sucesso, suas propostas.

5. Apresentação sobre iniciativas colaborativas: dando continuidade à proposta de parcerias, o educador apresenta um vídeo mobilizador sobre o conceito das iniciativas crowd: crowdfunding, crowdsourcing etc. Em seguida, o educador estimula os participantes a definir em um grande grupo o que significa “fazer junto”. Novamente, a ideia é que eles percebam o quanto podem apoiar uns aos outros em suas respectivas comunidades na elaboração de um produto colaborativo.

6. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.



DICA DO EDUCADOR

Para Tiago Torres Gomes, responsável pela oficina, é fundamental que os participantes percebam o processo de construção de uma atividade prática e sua importância na comunidade. “Nós sugerimos o evento de lançamento dos blogs. É uma atividade simples, que exige poucos recursos, e que é supernecessária para marcar a presença dos blogs nas comunidades. Esse evento fica como uma espécie de modelo a ser utilizado em outras atividades dos grupos.”

Segundo Wagner Rodrigo, o processo de autogestão exige muita organização prévia do grupo. “O educador é fundamental nesse processo. Percebemos que é a partir de uma boa organização das rotinas e estabelecimento de prazos e tarefas que os participantes conseguem dar sequência aos blogs em uma estrutura autogestionada.”

Uma forma muito utilizada para estabelecer rotinas e fazer com que os participantes trocassem as produções entre si foi o uso do Google Drive (<https://drive.google.com>), que permite o compartilhamento de textos, apresentações e planilhas entre os usuários de um determinado grupo. Nessa plataforma, cada usuário edita um mesmo documento coletivo.

Oficina de Difusão Cultural

Parte 2

Objetivo:

apoiar os participantes na construção de um projeto cultural (ação presencial) ligado ao blog e na elaboração de carta de apresentação dele para parceiros locais.

Materiais necessários:

datashow, apresentação em PowerPoint com os principais conceitos a serem trabalhados no dia, papel e caneta, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

1. Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

2. Apresentação de um modelo de projeto para realização de uma atividade prática presencial na comunidade: o educador lista os conceitos básicos e o porquê da construção de um projeto para a realização de atividades na comunidade. Nesta oficina, foram trabalhados os seguintes pontos:

- papel de um projeto;
- pontos de construção de um projeto: justificativa, objetivos, metodologia, estrutura geral da atividade, recursos necessários, metas e indicado-

res de qualidade do processo e produto;

- papel do parceiro na realização da atividade.

No Conexão Cultural, os jovens foram convidados a produzir eventos de lançamento dos blogs em suas comunidades.

3. Atividade prática: os participantes são convidados a, coletivamente, estruturar um projeto para lançamento do seu respectivo blog na região. (Como o Conexão Cultural reuniu jovens de cidades diferentes, os participantes foram divididos em grupos por cidade.) A proposta é que o educador possa acompanhar o grupo no desenho do projeto, auxiliando os participantes com base em suas dúvidas.

4. Apresentação sobre meios para contatar parceiros: com os projetos estruturados, o educador discute a importância da qualidade da divulgação deles aos parceiros locais. Na discussão, ele lista formas de contatar os parceiros e indica como deve ser elaborada uma Carta de Apresentação do projeto aos parceiros da atividade.

5. Atividade prática: os participantes novamente reunidos em grupo são convidados a redigir uma Carta de Apresentação do projeto a um possível parceiro. Cada grupo deve escolher o parceiro que tenha a ver com a proposta e listar quais recursos serão solicitados e quais contrapartidas podem ser oferecidas. A ideia é que os

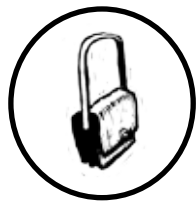
participantes apresentem o projeto escrito na atividade anterior.

6. Organização dos grupos para autogestão:

os grupos são convidados a estabelecer uma rotina de produção para a segunda fase do projeto – o processo de autogestão, em que o coordenador de formação os acompanhará à distância e em reuniões presenciais periódicas. Nessa organização, os grupos devem ser estimulados a:

- estruturar uma rotina de divisão de tarefas, identificando as funções de editor, fotógrafo, vídeo, edição, redator, mantenedor (animador) de redes sociais, produtor de eventos e articulador de parcerias e publicidade;
- estruturar uma rotina de publicação no blog: atualização das seções e relatórios de acessos do blog e mídias e redes sociais;
- estruturar uma rotina para as reuniões de pauta;
- estabelecer a data para finalizar o projeto para a atividade prática do grupo na comunidade;
- realizar a atividade prática na comunidade.

7. Encerramento: nesse momento, o educador estabelece combinações e realiza uma avaliação das atividades.



DICA DO EDUCADOR

Para Tiago Torres Gomes, um dos educadores envolvidos nas oficinas de produção, o educador precisa estar atento às relações estabelecidas em um grupo. “É muito comum encontrar problemas de relacionamento no grupo que acabam afetando toda a produção. É preciso identificar com os participantes figuras de liderança que efetivamente representem os desejos e vontades do coletivo.”

Anderson Meneses, que também foi educador nas oficinas de produção, chama a atenção para a importância de momentos destinados a sanar as dúvidas das oficinas formativas. “Como as oficinas são longas e têm que cobrir assuntos complexos, os participantes acabam tendo muitas dúvidas quando vão para a prática. Essas reuniões, então, se tornam uma espécie de extensão das oficinas formativas, apoiando a prática dos conceitos aprendidos.”

No Conexão Cultural, foram criados grupos no Facebook para o diálogo dos educadores com os participantes e dos participantes entre si. A revista eletrônica Tecmundo publicou artigo sobre como criar grupos, que mostra um passo a passo bastante simples. Acesse <http://www.tecmundo.com.br/facebook/23034-como-criar-um-grupo-no-facebook.htm>.

Oficina de acompanhamento e Difusão de reportagens

Objetivo:

acompanhar e apoiar a produção dos grupos no gerenciamento dos blogs.

Materiais necessários:

papel e caneta, câmeras fotográficas e de vídeo, computadores suficientes para o grupo (um computador para até seis participantes) e conexão de internet.

Como realizar:

Boas-vindas: o educador recebe os participantes e apresenta a agenda do dia.

1. Identificação das necessidades do grupo: o educador identifica com os grupos quais as dificuldades e acertos no processo, dúvidas das oficinas e relacionamento entre os participantes.

2. Espaço de devolutiva e avaliação do educador: o educador, munido de avaliação anterior sobre o blog e respectivas redes e mídias sociais, lista os pontos alcançados ou a melhorar na produção. Nessa atividade, o educador se apresenta como leitor distanciado do blog, identificando o que sentiu falta ou valorizou na produção publicada.

3. Produção acompanhada: os participantes são convidados a produzir de acordo com as necessidades do grupo e devolutivas na avaliação do educador. Nessa atividade, o educador acompanha a produção fazendo os apontamentos necessários.

Uma sugestão é que os participantes procurem pessoas na região que possam analisar e avaliar a produção do blog. Familiares, colegas, alunos da escola local podem ser convidados a ler regularmente as publicações e a oferecer suas impressões sobre os textos e as atividades realizadas pelo grupo.

No Conexão Cultural, o programa de oficinas básicas sobre os conceitos e práticas de criação e gerenciamento de blogs foi intercalado por oficinas de acompanhamento e produção monitorada pela equipe de formação. Estas foram estruturadas em um modelo básico, adaptado pelos educadores de acordo com as necessidades dos grupos. Vale ressaltar que, nessas oficinas, com duração de dois dias cada, os grupos se reuniam individualmente em suas próprias cidades – e cada um era acompanhado por um educador.

ORDEM	OFICINA
1 ^a	Texto Jornalístico 1
2 ^a	Texto Jornalístico 2
3 ^a	Mapeamento e Parcerias 1
4 ^a	Mapeamento e Parcerias 2
5 ^a	Áudio e Imagem 1
6 ^a	Áudio e Imagem 2
7 ^a	Videoreportagem e Blog 1
8 ^a	Videoreportagem e Blog 2
9 ^a	Oficina de Produção - dia 1
10 ^a	Oficina de Produção - dia 2
11 ^a	Oficina de Produção - dia 1
12 ^a	Oficina de Produção - dia 2
13 ^a	Redes Sociais 1
14 ^a	Redes Sociais 2
15 ^a	Oficina de Produção - dia 1
16 ^a	Oficina de Produção - dia 2
17 ^a	Difusão Cultural 1
18 ^a	Difusão Cultural 2



Foto: Wagner Silva



Postácio

A convite do Catraca Livre e da AT Cultural, organizadores desta publicação, o pesquisador José Oliveira Junior – comunicador, escritor, especialista em Novas Tecnologias em Comunicação, consultor da Unesco para o MinC na implantação do Sistema Nacional de Cultura em Minas Gerais, supervisor de pesquisa do Observatório da Diversidade Cultural, coordenador de Projetos da Gerência de Cultura do Sesc Minas – comenta aqui a importância da cultura local como ente que fortalece o tecido e as relações sociais, compreendendo o Conexão Cultural como uma iniciativa de mobilização social.

CULTURA LOCAL E PARTICIPAÇÃO: NOVOS CIDADÃOS PARA NOVAS CIDADES

José Oliveira Junior

Ao iniciar este artigo, acredito ser importante partir do seguinte ponto: valorizar as pessoas, suas realidades e suas comunidades, em uma perspectiva de desenvolvimento do indivíduo com todas as suas capacidades voltadas para o coletivo. Dessa forma, ao realizar ações de qualificação, de estímulo à fruição e às práticas artísticas, de fortalecimento dos laços de convivência através de ações culturais, estamos fortalecendo o próprio tecido social, disseminando pelos territórios, sejam geográficos ou subjetivos, um senso a um só tempo de encorajamento da inovação e de promoção do apreço pelas tradições de qualquer matriz referencial.

O investimento no desenvolvimento integral do ser humano, valorizando e fortalecendo vínculos locais, influencia diretamente na composição do capital social. O economista argentino Bernardo KLIKSBERG (2001) aponta como é fundamental que se leve em consideração um rigoroso reexame de prioridades, tanto individuais quanto governamentais, no sentido de criar vínculos mais sólidos entre cultura e desenvolvimento nas práticas cotidianas:

(...) Como assinala Lourdes Arizpe (1998), “a cultura passou a ser o último aspecto inexplorado dos esforços que se desenvolvem em nível internacional, para fomentar o desenvolvimento econômico”. Enrique V. Iglesias (1997) sublinha que se abre neste reexame das relações entre cultura e desenvolvimento um vasto campo de grande potencial. Ressalta: “Há múltiplos aspectos na cultura de cada povo que podem favorecer seu desenvolvimento econômico e social; é preciso descobri-los, potencializá-los, e apoiar-se neles, e fazer isto com seriedade significa rever a agenda do desenvolvimento de um modo que resulte, posteriormente, mais eficaz, porque tomará em conta potencialidades da realidade que são de sua essência e que, até agora, foram geralmente ignoradas (p. 107)”¹.

NOVOS CIDADÃOS PARA NOVAS CIDADES

Algo fundamental para a instauração de novos contextos é a compreensão da urgência de assumirmos em conjunto novas posturas e novos compromissos em busca do bem comum. Pensar formas de escapar do isolamento, do individualismo “avulso”, que privilegia o voluntarismo e a delegação descompromissada.

É importante situar a discussão do sentido de bem comum para além do atendimento imediato dos interesses pessoais ou momentâneos ou apenas para a resolução de “problemas”, vez que, desaparecido o problema, a tendência seria o desaparecimento do espaço coletivo que motivou o surgimento da reunião ou da comissão criada. O sentido precisa ser outro.

Em vez do quadro de “unidos apenas para resolver problemas que surgiram”, o que se coloca é que precisamos avançar no sentido de construir continuamente um espaço público onde a vida possa ser melhor para todos. Não podemos mover-nos apenas à custa de problemas, mas precisamos mover-nos também com base em

¹ KLIKSBERG, Bernardo. *Falácias e mitos do desenvolvimento social*. Brasília: Unesco, 2001.

metas e sonhos possíveis. Poiesis, no sentido pleno e mais autêntico do termo como invenção, ou como a mobilizadora sociocultural Lala DEHEINZELEN (2012) propõe:

É preciso sonhar e semear imagens e ideias de futuros desejáveis que possam inspirar inovação e orientar escolhas, sobretudo na direção da mudança de modelos que necessitamos para o mundo melhor – e possível (...) a maneira como enxergamos o futuro influencia sua criação. As escolhas de hoje desenharam o mundo de amanhã. Mudando as escolhas, podemos mudá-lo. (p. 10)²

Não precisa ir longe, pensar nos “grandes eventos cívicos” de construção da coisa pública, no parlamento ou nos conselhos. Em qualquer ambiente, nos deparamos o tempo todo com exemplos cotidianos de experiências limitadas de senso coletivo. O que acontece nos conselhos, comissões e espaços públicos de deliberação é apenas reflexo dessa pouca “disposição concreta para a busca do bem comum”.

A pesquisadora portuguesa Maria João SILVEIRINHA (2005), ao pontuar a questão da democracia deliberativa e das dificuldades dos processos de participação, deliberação e legitimidade, fala sobre os formatos difíceis de representação e da necessidade de se tomar como base princípios da “democracia deliberativa” como forma de negociação e aceitação reflexiva acerca dos assuntos que estão no debate:

(...) em geral, à tradição representativa liberal corresponde uma teoria que aceita o desejo de um espaço público, mas considera a participação do público como limitada e em grande parte indireta (...) a chamada “democracia deliberativa” coloca, antes, a tônica no papel do cidadão como ator político. A ênfase é o pressuposto de que a democracia neces-

2 DEHEINZELEN, Lala. Desejável mundo novo [livro eletrônico]: vida sustentável, diversa e criativa em 2042. São Paulo: Ed. do Autor, 2012.

sita de cidadãos informados e racionais, cuja influência no processo de tomada de decisão não se restringe às eleições, mas se estende à participação racional do debate político sobre questões políticas. (p. 44-45)³

É a participação que concretiza o direito que o cidadão tem à cidade, necessitando assim, da maior atenção por parte dos interessados em políticas públicas efetivas. Sobre isso, a doutoranda da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) Rosângela Marina LUFT (2011) afirma que o direito à cidade é uma conquista que exige comprometimento do cidadão e que abre possibilidade de ele atuar na configuração (e reconfiguração) da coletividade:

O direito à cidade, por conseguinte, implica a conciliação de direitos relativos à esfera individual e coletiva das pessoas, em ter acesso a determinados bens, mas também poder manifestar sua opinião e participar na sua configuração coletiva. É neste sentido que marcha a (...) consagração do direito à cidade (...) a partir de processos políticos conflituosos e contingentes que devem assegurar a pluralidade e amplitude de participação. Desenvolvimento da cidade requer, portanto, um ambiente favorável à otimização das potencialidades de vida digna de seus atores. Políticas urbanas direcionadas apenas ao desenvolvimento econômico não são suficientes. Na cidade não apenas se habita, mas também são moldadas personalidades. A cidade não pode ser tratada enquanto ajustamento inorgânico de prédios e pessoas, ela responde a toda uma lógica alavancada por relações sociais conflitantes e demanda mediações institucionais que deem conta de suas carências (...)⁴

3 SILVEIRINHA, Maria João. Democracia e reconhecimento: repensar o espaço público. In.: BARBALHO, Alexandre (org). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

4 LUFT, Rosângela Marina. Políticas públicas urbanas: Premissas e condições para a efetivação do direito à cidade. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p.139.

Na mesma direção, a célebre estudiosa Hannah ARENDT (1989) problematiza bem a questão da participação, na perspectiva da vida pública, alertando que não é a sua transformação em espaço de busca de soluções que responde a problemas individuais ou setoriais. Reflexão que também nos convida a pensar na centralidade que deve tomar a discussão sobre práticas de cidadania, participação e inclusão:

Os interesses privados, que, por sua própria natureza, são temporários, limitados pelo período natural de vida do homem, agora podem fugir para a esfera dos assuntos públicos e tomar-lhe emprestada aquela infinita duração de tempo necessária para a acumulação contínua. Isto parece criar uma sociedade muito semelhante àquela das formigas e abelhas, onde “o bem Comum não difere do Privado; e, sendo por natureza inclinadas para o benefício privado, elas procuram consequentemente o benefício comum”. Não obstante, uma vez que os homens não são nem formigas nem abelhas, tudo isto é uma ilusão. A vida pública assume o aspecto enganoso de uma soma de interesses privados, como se estes interesses pudessem criar uma nova qualidade através da mera adição.⁵

A sociedade vem dando cada dia maior importância ao pensamento individual e à posição individual de seus membros, o que é retrato do nosso tempo e poderia significar a “libertação do indivíduo para dizer o que pensa”. Porém, promover somente o indivíduo, pode também fazer com que posições pessoais se tornem “exasperadas” em detrimento de posições de interesse coletivo ou público, naturalmente.

Em um tempo cada vez “menos participativo por opção” e com menor compromisso com a coletividade (vejamos os exemplos de reuniões de condomínio e de associações de bairro e de eleições virtuais de obras de “orçamento participativo” esvaziadas por absoluta falta de tempo das pessoas para estar nessas atividades coletivas),

5 ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989, p. 175.

é bom que tenhamos sim o desejo de incentivar a presença das pessoas, mas que o façamos em um contexto de “responsabilização compartilhada” e não só de “conquista de direitos”. Esse é o princípio básico da gestão compartilhada.

KLIKSBERG demonstra como é possível através do exemplo da Vila El Salvador (VES), pequeno lugarejo peruano surgido de um assentamento realizado pelo governo local. O autor faz o vínculo que propomos neste artigo, ao apontar que os espaços culturais estimulavam a participação da sociedade nas assembleias de tomada de decisão:

(...) o esquema é totalmente descentralizado. Cada grupo residencial tem seu próprio centro, onde se instalaram locais da comunidade e espaços para esporte, atividades culturais e encontro social. Isso favorece a interação e maximiza as possibilidades de cooperação. Dá-se um modelo organizativo baseado na participação ativa (...). A cultura cumpriu um papel significativo na experiência desde seu início. Em 1974, Azcueta criou e levou adiante o Centro de Comunicação Popular, espaço destinado a atividades culturais extracurriculares de toda sorte. Ali surgiram primeiro Oficinas de Teatro e Música, e logo de outras áreas, desenvolvendo-se um intenso trabalho. A partir desses espaços culturais, procurava-se estimular a participação da população nas assembleias de tomada de decisões e as atividades da comuna. O teatro de VES produziu, ao longo dos anos, peças que o levaram aos cenários metropolitanos e nacionais. A atividade cultural fez parte da vida cotidiana da população.

É exatamente isso. Não há outro caminho senão o de promover a cultura e a arte como componentes primordiais da vida de qualquer cidadão e, a partir do ambiente favorável propiciado por esse movimento, desenvolver uma cultura do compromisso com o coletivo como algo essencialmente “seu” também.

ALTERNATIVAS PARA PROMOVER A DIVERSIDADE DE EXPRESSÕES

Ao falar de como projetos socioculturais e alternativas de convivência criativa abrem novas perspectivas, é importante entender esses projetos como espaços de exercício de confecção de um discurso acerca de si próprio e de sua comunidade, no sentido que anteriormente trabalhei em um artigo sobre poiesis.

A oportunidade de construir e difundir uma imagem de si a partir da própria experiência, e não a partir das interpretações acerca de si feitas por terceiros. Essa oportunidade abre espaço para que o outro se interesse pela minha história e sinta-se estimulado a também “expor-se”. Vamos pensar todo e qualquer suporte pelo qual a pessoa possa expressar-se e comunicar-se, na direção que o estudioso em comunicação Alexandre BARBALHO (2005) aponta:

(...) é a mídia que nos dias de hoje detém o maior poder de dar voz, de fazer existir socialmente os discursos (...). A cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria. (p. 35-36)⁶

Tal afirmação apenas reforça que o contato com projetos sociais de base comunitária que, ao colocarem em movimento reflexões sobre as pessoas e suas realidades mais próximas, não só aproximam as pessoas para realizar ações em conjunto, mas contribuem também para que elas possam pensar sobre seu lugar no mundo e sobre quais aspectos elas acham significativos acerca do que podem representar em imagens, textos e sons a partir de suas próprias realidades.

Os processos de “vídeo comentado”, cineclubes ou mesmo oficinas de memória social e audiovisual realizados nessas comunidades

⁶ BARBALHO, Alexandre (org.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

podem ser tomados como atividades que possibilitam articulação de discursos e enunciação perante o mundo.

É no ambiente das ações culturais e do compartilhamento possibilitado por elas que encontramos espaço para desenhar novos lugares para o coletivo, é onde podemos concretamente ver florescer a diversidade das expressões culturais. De nada adianta desenvolver apenas programas de manutenção de certas tradições ou de certos discursos e práticas socialmente legitimadas, sem levar em consideração a potência das múltiplas possibilidades de invenção e criação de todo o conjunto de atores sociais possíveis em determinada sociedade.

As soluções para as comunidades não se encontram em espaço externo, mas nas características, capacidades criativas e histórias próprias, como comprovam variadas experiências. Como a da Rádio Favela, em Belo Horizonte, por exemplo. Ela significou, concretamente, a abertura de um espaço de conhecimento e reconhecimento para a legitimidade das práticas no ambiente da comunidade onde a rádio estava inserida, o qual logo reuniu ao seu redor as pessoas interessadas em algo com que se identificavam afetivamente.

As centenas de pontos de cultura no Brasil também são dos mais concretos exemplos disso, como aponta o historiador Célio TURINO (2010), também entrevistado nesta publicação:

(...) o Ponto de Cultura cria condições favoráveis para a consolidação de uma base social da cultura, assegurando meios mais perenes para a conquista de melhores bibliotecas, teatros bem equipados, centros culturais dinâmicos, museus vivos e políticas de fomento à formação, produção e difusão cultural.

(...) envolve uma quebra nas narrativas tradicionais, monopolizadas por poucos, e a partilha do sensível é estratégica para este deslocamento narrativo, em que os “invisíveis” passam a ser vistos e a ter voz. (p. 31).⁷

7 TURINO, Célio. Ponto de cultura: a construção de uma política pública. Cadernos Cenpec 2010, n. 7, p.31.

Novas narrativas, novos enunciados, novas significações são possíveis apenas se ampliamos o conjunto de referências. Ao promover os “encontros da diversidade”, por exemplo, o Ministério da Cultura criava possibilidades de novos meios de reconhecimento entre os diversos grupos sociais: a troca podia ocorrer de modo presencial, mediada pelo encontro pessoal ou por meio virtual com variados “outros”.

O sociólogo José Márcio BARROS (2011) vincula esse processo à construção de identidades e, por conseguinte, ao “desenvolvimento humano porque fornece instrumentos de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. Ou seja, porque gera identidade” (p. 55).⁸

FALANDO EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE CULTURA

Ao tratar das políticas públicas para a cultura, ainda continuo na linha de raciocínio do professor José Márcio Barros, de quem tomo emprestadas três fórmulas para compreender a complexidade do que se entende por cultura. Permito-me retomar discussão de artigo anterior para introduzir esta questão:

A Cultura comporta, entre tantas outras, três particularidades as quais valem ser frisadas, como pressuposto para a criação e fortalecimento de um conjunto de políticas públicas para a área:

- *A Cultura é Complexidade: Milhões de aspectos da criatividade individual se encontram com outros aspectos comunitários, ambientais, legais e tornam qualquer elemento cultural um conjunto complexo de perspectivas.*
- *A Cultura é Contradição: Múltiplas tendências contrapostas, em negociação, em construção estabelecem um nível*

8 BARROS, José Márcio. A mudança da cultura e a cultura da mudança. In: BARROS, José Márcio e OLIVEIRA Jr., José. Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

de tensão “primordial” para o desenvolvimento de nossa capacidade criativa.

• A Cultura é Contaminação: Constantemente somos tomados por aspectos ligados à complexidade e às contradições, à circulação de modos diferentes de ser, de ideias novas ou novas leituras que contaminam o que entendemos por puro, original ou tradicional, o que abre espaços para termos o surgimento de novas tradições, novas originalidades “contaminadas”. Somos, por um lado, herdeiros de uma história, e por outro, construtores de uma nova História que surge da “contaminação” entre as tradições e inovações.⁹

Com efeito, o sentido do público é primordial na compreensão acerca desse ponto. São políticas sim, mas são antes de tudo “públicas”. Há tempos, vemos desenharem-se diante de nós alguns aspectos que precisam ser considerados quando falamos em criar políticas públicas para a cultura.

Um dos principais é se há ou não condições materiais para a participação concreta ou, ainda, usando outros termos, se as reuniões de discussão e deliberação são em horários e contextos realmente democráticos e de acesso a todos os perfis de cidadão. Público, no sentido pleno do termo.

Avaliar, por exemplo, se temos encontros tanto durante o dia quanto à noite ou nos finais de semana, se há a previsão da participação de deficientes visuais ou auditivos (posto que exigem a presença de facilitadores específicos), entre tantos outros exemplos. Continuando, aponte no mesmo texto:

Transformar os princípios da diversidade cultural em prática cotidiana de indivíduos e instituições nem sempre é fácil. Precisamos pensar, ao conectar os temas de diversidade cultural e inclusão cultural, em criar alternativas que possibilitem igualdade de oportunidade de acesso sob vá-

9 OLIVEIRA Jr., José. Por uma cultura do Público: Planos de cultura, cidadania e diversidade cultural. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2012.

rias ópticas: diversidade de linguagens artísticas, de estilos, de idiomas, de formatos de ação cultural, de lugares dentro da cidade, de faixas etárias. E, como não poderia deixar de ser, diversidade de horários. Como os cidadãos têm vidas diferentes, lógicas diferentes de organização do horário, moram em diferentes (e distantes) lugares das cidades, se uma reunião pública quer que todos tenham a oportunidade de estar presente, teríamos que pensar em analisar estas várias configurações de horário para planejar mais horários diferenciados mais locais da cidade para que mais pessoas pudessem optar por estar presente.

CONCLUSÃO

É “na” cultura e “pela” cultura que podemos pensar novos ordenamentos que coloquem a qualidade de vida do ser humano como foco principal dos esforços de desenvolvimento. O engajamento das pessoas e das comunidades não acontece por mágica, mas vem do quanto se sentem “protagonistas” dentro dos processos. O espaço de compartilhamento de práticas, ideais, sentimentos, sentidos permitido pela cultura é onde isso se torna possível.

Para que esse espaço seja real, é preciso possibilitar a todos a capacidade de expressar-se ao mesmo tempo que garantimos que haja espaço para compreender a expressão dos outros, e, como dissemos no texto, “desenhar novos lugares para o coletivo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. Origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARBALHO, Alexandre (org.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

BARROS, José Márcio. A mudança da cultura e a cultura da mudança. In: BARROS, José Márcio e OLIVEIRA Jr., José. Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

DEHEINZELEN, Lala. Desejável mundo novo [livro eletrônico]: vida sustentável, diversa e criativa em 2042. São Paulo: Ed. do Autor, 2012.

KLIKSBERG, Bernardo. Falácias e mitos do desenvolvimento social. Brasília: Unesco, 2001.

LUFT, Rosangela Marina. Políticas públicas urbanas: Premissas e condições para a efetivação do direito à cidade. Belo Horizonte: Fórum, 2011.

OLIVEIRA Jr., José. Por uma cultura do Público: Planos de cultura, cidadania e diversidade cultural. Belo Horizonte: Ed. do Autor, 2012.

SILVEIRINHA, Maria João. Democracia e reconhecimento: repensar o espaço público. In: BARBALHO, Alexandre (org.). Comunicação e cultura das minorias. São Paulo: Paulus, 2005.

TURINO, Célio. Ponto de cultura: a construção de uma política pública. Cadernos Cenpec 2010, n. 7.



Foto: Wagner Silva



Apêndice

Acesse aqui alguns dos instrumentos utilizados durante o percurso formativo.

MODELO DE FICHA DE INTERESSE PARA ATIVIDADE DE SELEÇÃO UTILIZADO NO CONEXÃO CULTURAL**Questionário**

Nome: _____

Cidade: _____

Formação:

Ensino médio – Completo () – Cursando () – Qual ano? _____

Ensino técnico – Completo () Curso de _____ – Cursando () – Semestre: _____

Ensino superior – Completo () Curso de _____ – Cursando () – Semestre: _____

Profissão: _____

– O que você entende por cultura?

– O que você entende por comunicação?

– O que você faz no tempo livre?

– Quais são os espaços culturais existentes em sua cidade, tanto públicos como privados?

– Quais desses espaços você utiliza frequentemente? Por quê?

– Quais espaços na cidade não são utilizados, mas têm grande potencial cultural?

– De que atividade cultural você participa ou participou em sua cidade?

– Quais eventos culturais você conhece em sua cidade?

– Participa de algum grupo/projeto social ou cultural?

– Em uma frase, qual a importância deste projeto para sua cidade?

– O que o projeto vai trazer para você?

– E como você vai contribuir para o projeto?

– Daqui a um ano, o projeto não terá mais o acompanhamento do Catraca Livre. Quais mecanismos/ações você fará para que o site/blog continue sendo alimentado com produções de notícias e articulações culturais da cidade?

– Como você se enxerga em cinco anos?

– Você tem clareza sobre o projeto e seus objetivos? Explique o que você entendeu sobre o projeto.

– Escreva por que você deve ser selecionado para participar do projeto.

QUESTIONÁRIO DO MAPEAMENTO DESENVOLVIDO PELOS JOVENS NO CONEXÃO CULTURAL

Antes de aplicar o questionário, apresente rapidamente a proposta do projeto.

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

Você mora na cidade? () Sim () Não

Apenas para quem não mora na cidade:

Por que você está na cidade? _____

1 – Se você pudesse mudar alguma coisa na cidade, o que seria?

() Cultura () Educação () Saúde () Infraestrutura

() Outros: _____

2 – Como você se informa sobre o que está acontecendo na cidade?

() Jornal () Rádio () Propaganda volante () Boca a boca () Internet

() Outros: _____

3 – Com qual frequência você usa a internet ?

() Não uso () Uma vez por semana () Três vezes por semana () Diariamente

4 – Como é feita a divulgação dos eventos em sua cidade?

5 – Você conhece alguma atividade cultural na cidade? () Sim () Não

Se sim, qual? _____

6 – Você participa de algum evento cultural na cidade? () Sim () Não

Se sim, qual? _____

7 – Com que frequência você participa dos eventos culturais na cidade?

() Não participo () Semanalmente () Mensalmente () Anualmente

8 – Na sua opinião, estão faltando opções culturais na cidade? () Sim () Não

Se sim, quais? _____

9 – Você conhece algum tipo de manifestação cultural que merece divulgação?

10 – Existe algum local na cidade para realizar eventos culturais?

11 – Você acha interessante um site de cultura na cidade? () Sim () Não

Por quê? _____

12 – Como você poderia ajudar com o nosso projeto?

MODELO DE AVALIAÇÃO DAS OFICINAS DO PROJETO CONEXÃO CULTURAL**Projeto Conexão Cultural**

Data da oficina: _____

Nome da oficina: _____

1 – A oficina atingiu suas expectativas? Assinale a alternativa, sendo 5 o máximo.

() 1 () 2 () 3 () 4 () 5

2 – Justifique a sua resposta acima.

3 – Tem algum tema abordado que não ficou claro? Cite.

4 – Você acha que algum tema não foi abordado, mas seria muito importante que fosse abordado em uma outra oficina?

() Não acho () Sim.

Se sim, qual? _____

5 – O que mais o interessou na oficina?

6 – O que menos o interessou na oficina?

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Patrocínio



Apoio



Realização



Ministério da
Cultura

